

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
**CAROLINE IZIDORO MARIM**

**DA NATUREZA DAS EMOÇÕES AO SEU PAPEL NA DETERMINAÇÃO DA  
AÇÃO**

RIO DE JANEIRO  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Caroline Izidoro Marim**

**DA NATUREZA DAS EMOÇÕES AO SEU PAPEL  
NA DETERMINAÇÃO DA AÇÃO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Filosofia.

**Orientadora:** . Dra. Maria Clara Marques Dias

**Rio de Janeiro**

**2010**

**Caroline Izidoro Marim**

**DA NATUREZA DAS EMOÇÕES AO SEU PAPEL  
NA DETERMINAÇÃO DA AÇÃO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Filosofia.

**Aprovada em** / /

---

**. Dra. Maria Clara Marques Dias  
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

---

**Prof. Dr. Wilson Mendonça  
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

---

**Prof. Dr. Fernando Rodrigues  
Universidade Federal do Rio de Janeiro**

---

**. Dra. Maria de Lourdes Borges  
Universidade Federal de Santa Catarina**

---

**Prof. Dr. Darlei Dall’Agnol  
Universidade Federal de Santa Catarina**

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa de pesquisa de doutorado e ao governo e a população brasileira que possibilitou o investimento na minha formação e neste trabalho.

Ao CNPq, pela bolsa concedida para a realização do doutorado-sanduíche na University of Oxford.

À professora Maria Clara Dias, por orientar esse trabalho incentivando-o e criticando-o.

Aos professores Wilson Mendonça e Fernando Rodrigues que se dispuseram não somente a compor a banca, mas contribuíram de maneira significativa criticando este trabalho em grande parte de seu processo.

Aos professores Maria de Lourdes Borges e Darlei Dall’Agnol que se dispuseram a compor a banca examinadora, dando sua valorosa contribuição em todo meu processo de formação filosófica desde a graduação.

Ao *Oxford Uehiro Centre for Practical Ethic - University of Oxford*, sob direção do Professor Julian Savulesco, onde tive a oportunidade de realizar meu doutorado sanduíche, sob a orientação do professor Guy Kahane discutindo aspectos que foram fundamentais para a minha pesquisa.

Ao Mind Language Action Group, da Universidade do Porto, onde fui recebida como pesquisadora visitante e pude discutir alguns artigos de minha tese. Em especial a contribuição e carinho de Carlos Eduardo Evangelisti Mauro que me recebeu neste período.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, todos aqueles com os quais pude trocar reflexões e compartilhar sentimentos. Em especial, aos meus amigos Deise Arenhart, Fábio Oliveira, Felipe Pinto, Hugus Félix, Júlia Telles, Maíra Matthes, Rômulo Pizzolante, que nos momentos difíceis contribuíram com um gesto ou uma palavra de entusiasmo, colaborando para que as dificuldades fossem superadas.

Aos meus amigos Maita Kessler, Harvey Brown, Flávia Coube e Sinibaldo Gerbasi pelo carinho e amizade que tiveram em minha estadia em Oxford.

Aos meus queridos Edmundo Dias, Sarita Nigri e Soraya Jorge, mestres da vida, que me ensinam e auxiliam a colocar em prática cada uma das palavras e pensamentos defendidos neste trabalho.

À Guilherme Celestino Souza Santos, pela beleza de termos partilhado momentos harmoniosos e tortuosos num movimento primoroso, que impulsionaram a renovação para além de onde eu achava que poderia ir.

Aos meus pais, Luiz Marim e Irene dos Santos Izidoro Marim por tudo o que uma filha tem a agradecer aos seus pais, e, em especial pelo carinho e esforços dedicados todos esses anos por minha educação e principalmente pelo exemplo de beleza e simplicidade de suas vidas.

“Por um fio meus poros respiram e neles olho o mundo com a ética aprendida nas emoções, no contato direto com as experiências encarnadas de que sou feita.”

Soraya Jorge

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
------------------	----

### CAPÍTULO 1

1 A NATUREZA DAS EMOÇÕES.....	21
1.1 EMOÇÕES COMO JULGAMENTOS.....	21
1.1.1 O que é uma emoção?.....	24
1.1.2 Emoções como julgamentos.....	28
1.1.3 Emoções e pensamentos.....	33
1.1.4 As emoções, os sentimentos e o corpo.....	36
1.2 EMOÇÕES COMO IRRUPÇÕES DO PENSAMENTO.....	38

### CAPÍTULO 2

2 A COMPLEXIDADE DAS EMOÇÕES.....	44
2.1 A SUTILEZA DAS EMOÇÕES.....	45
2.1.1 O Componente cognitivo.....	50
2.1.2 O Componente avaliativo.....	54
2.1.3 O componente motivacional.....	56
2.1.4 O componente do sentimento.....	60
2.1.5 Comparando os diferentes componentes.....	65
2.1.6 Dificuldades e objeções.....	73
2.2 EMOÇÕES COMO PARTE DE UMA NARRATIVA.....	78

### CAPÍTULO 3

3 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA DETERMINAÇÃO DA AÇÃO.....	83
3.1 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA TOMADA DE DECISÃO.....	86
3.2 ESCOLHEMOS NOSSAS EMOÇÕES?.....	91
3.3 EMOÇÕES COMO ATIVIDADE DELIBERATIVA E ESQUEMÁTICA..	98

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS.....	120
------------------	-----

## RESUMO

MARIM, C. I. **Da Natureza das Emoções ao seu Papel na Determinação da Ação**. Rio de Janeiro, 2010. Tese (Doutorado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

O papel das emoções na agência moral tem sido negligenciado por conta de algumas compreensões equivocadas acerca da natureza das emoções, tais como a ideia de que as emoções são irracionais, passivas, apenas corporais e têm um impacto insignificante sobre as ações. Assim, esta tese tem como objetivo principal mostrar o papel das emoções na determinação da ação. Isto é, mostrar que as emoções nos reservam não apenas um papel importante, mas crucial na explicação da ação, pois, como diz Blackburn, é em nossas respostas às situações e na motivação que sentimos que a ética se torna um assunto prático. Quando se pensa no conhecimento ético como algo prático, isto diz respeito a saber como agir e a saber escolher qual o melhor curso de ação, o que está diretamente relacionado às emoções. Deste modo, estabelecer quais são os componentes das emoções é essencial para atingir nosso objetivo principal, pois, quando ressaltamos os aspectos ou componentes cognitivos das emoções e estabelecemos o lugar que os sentimentos ocupam na estrutura física e mental do agente, podemos enfatizar o papel ativo das emoções, tratando-as como respostas a uma situação e como fruto de escolhas, em vez de associá-las a um mero reflexo, a uma passividade de meras sensações corporais involuntárias. Apresento três questões a fim de compreender o papel das emoções na escolha dos agentes: a primeira aborda qual o papel das emoções na tomada de decisão; a segunda analisa se escolhemos nossas emoções; e a terceira apresenta as emoções como atividade

deliberativa e esquemática. Para responder estas questões escolhemos as teorias de Simon Blackburn, Robert Solomon e Aaron Ben Ze'ev, que apresentam formas diversas de esclarecer os principais pontos envolvidos na questão das emoções e da escolha.

**Palavras-chave:** emoções, escolha, ação.

## ABSTRACT

**MARIM, C. I. FROM NATURE OF THE EMOTIONS TO YOUR ROLE IN DETERMINING ACTION.** Rio de Janeiro, 2010. Thesis (Doctor Degree in Philosophy) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

The role of the emotions in moral agency has been neglected due to misunderstandings about the nature of emotions, such as the idea that emotions are irrational, are passive, concern only the body and have a negligible impact on the action. Thus, this thesis aims to show the main role of the emotions in determining action. That is, this thesis aims to show that emotions provide not only an important role, but are crucial in explaining action because, as Blackburn says, "it is in our responses to situations and the motivation we feel that ethics becomes a practical matter". And if there is anything like an ethical knowledge and this knowledge is worried about practical concerns it is about how to choose the best course of action, which is directly related to emotions. Thus, establishing the components of the emotions is essential to achieve our main objective, which is to explain the role of the emotions in determining the action. When we emphasize the aspects or components of cognitive emotions and set the place that feelings occupy in the physical structure and mental agent, we can emphasize the active role of emotions. We can do this by treating emotions as responses to a situation and as a result of choices, rather than by treating them as a mere reflection of passive, involuntary bodily sensations. I present three ways of understanding the role of the emotions in the choice of agents: what is their role in decision making if we choose our emotions; emotions as deliberative and schematics activity. To answer these questions we chose the theories of Simon

Blackburn, Robert Solomon and Aaron Ben Ze'ev presenting different ways to clarify key points involved in the issue of emotions and choice.

**Keywords:** emotions, choice, action

## INTRODUÇÃO

### DA NATUREZA DAS EMOÇÕES AO SEU PAPEL NA DETERMINAÇÃO DA AÇÃO

Esta tese é sobre o papel das emoções na determinação da ação, mas antes de especificar de que modo esta pesquisa foi feita para alcançar seu objetivo é fundamental entender o panorama que ele circunda, isto é, que compreensão temos sobre o papel das emoções no debate ético, de que modo compreendemos uma filosofia moral. Simon Blackburn nos diz que a ética fala sobre “*How we live in the world*”<sup>1</sup>, ou seja, como nós vivemos no mundo. De acordo com ele, a ética diz respeito às coisas que nos dão prazer e àquelas que, ao contrário, nos deixam desconfortáveis; quais situações nós procuramos e quais nós evitamos. E isto é mostrado em nossas atitudes, ou seja, em como nós sentimos orgulho, auto-satisfação, culpa e vergonha diante de nossas atitudes. Ou em relação a outras pessoas, quando nós nos comportamos bem e vivemos de um modo admirável. A ética, portanto, se revela no modo que evitamos ou toleramos certas situações e comportamentos ou de acordo com o que exigimos de nós mesmos e dos outros. E isto, antes de tudo, mostra quais reações nós temos diante do modo como os outros se comportam assim como da maneira como uma sociedade se comporta.

Este modo de compreender a ética nos interessa porque trata de apresentar uma ética do ponto de vista particular, da personalidade ou da psicologia do agente e como ele se torna sensível a diferentes aspectos em determinadas situações. E de que modo ele se dispõe a usar as emoções para influenciar ou determinar suas atitudes e escolhas. Blackburn diz:

*Ethics is a practical subject, manifested in our reactions to things and the motivations we feel. Ethics puts pressure on our choices, and we use ethical considerations to guide the choices of others. The practical role of ethics is what defines it. This is what ethics is for. If there is such a thing as ethical knowledge, it is a matter of knowing*

---

<sup>1</sup> BLACKBURN, Simon. *Rulling Passions*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

*how to act, when to withdraw, whom to admire, more than knowing that anything is the case.*<sup>2</sup> (grifo nosso)

Assim, o que nos guia em uma investigação moral é descobrir de que modo as emoções influenciam a agência: qual o seu papel nas escolhas do agente? Que papel elas desempenham na psicologia do agente? Qual a sua natureza? E para compreender essas questões é necessário sair do debate normativo e seguir o caminho que a filósofa britânica Elizabeth Anscombe aponta ser possível: uma filosofia da ética, o caminho que deve ser fundado em uma filosofia da mente apropriada. E mesmo que de fato esta tese apenas tenha alcançado pelas bordas a filosofia da mente, é a partir dela que se tornou possível desde os anos 50 do século passado pensar as emoções desvincilando-as do seu papel secundário no debate ético.

O papel das emoções na agência moral tem sido negligenciado por conta de algumas compreensões equivocadas acerca da natureza das emoções, tais como a ideia de que as emoções são irracionais, passivas, apenas corporais e têm um impacto insignificante nas ações. Assim, esta tese tem como objetivo principal mostrar o papel das emoções na determinação da ação. Isto é, mostrar que as emoções nos reservam não apenas um importante papel, mas crucial na explicação da ação, pois como diz Blackburn é em nossas respostas às situações e na motivação que sentimos que a ética se torna um assunto prático. E se existe algo como o conhecimento ético e ele é prático, isto diz respeito a saber como agir e a saber escolher qual o melhor curso de ação, o que está diretamente relacionado às emoções.

Quando nos vemos diante de uma situação na qual estamos incertos em relação ao que fazer, inúmeras considerações vêm à mente. Estas considerações representam as características da situação, isto é, são aspectos da situação sobre o que nós pensamos e refletem como nós deliberamos. Esses são os chamados conteúdos intencionais e significam simplesmente as coisas que vêm à nossa mente, coisas com que nos preocupamos, aspectos da situação que se apresentam como razões para agir de um modo ou de outro.

Esses conteúdos são algumas vezes pensados como objetos intencionais do desejo. Mas isto parece perigoso, pois algumas vezes não agimos do modo que nós queremos agir, mas do modo que sentimos que devemos agir, sendo assim, parece importante diferenciar qual papel os desejos desempenham nas emoções. De acordo

---

<sup>2</sup> Ibid.; p. 1.

com Blackburn, nós somos mais resignados a agir de um certo modo do que ativamente a querer fazer desse modo. Nós na maioria das vezes fazemos mais o que temos de fazer ou o que a sociedade estabelece como correto em vez de aquilo que nós queremos de fato fazer. E é neste momento que se instaura um grande conflito, principalmente quando as normas da sociedade se mostram incoerentes em relação ao que acreditamos ser correto. Contudo, até aqui, ao menos se pensarmos apenas no conflito entre o agente e a sociedade não temos nenhuma novidade, pois essas questões são comuns nas investigações da Filosofia moral. Por outro lado, uma vez que qualquer consideração tem um efeito em nossa disposição para agir, então nós podemos dizer que há razões para que o agente se preocupe com suas escolhas.

De um modo geral, interpretamos que decidimos pelo melhor curso de ação, de acordo com o interesse que se mostra mais forte nesta situação. Mas de acordo com Blackburn, estudos empíricos têm mostrado o papel das emoções nas tomadas de decisão. Os estudos aos quais Blackburn se refere são as pesquisas em neurociência feitas por Antonio Damásio, que descrevem as estruturas do corpo e do cérebro que auxiliam nas tomadas de decisão e chamam a atenção quando algo está errado.<sup>3</sup> Damásio nos dá o exemplo de um paciente cujas capacidades de atenção, inteligência, memória, habilidades para diversas coisas como conhecimento social, raciocínio moral, habilidades lógicas e a linguagem estão intactas, mas cujas capacidades de viver a vida de modo sensível são virtualmente nulas.<sup>4</sup> Neste caso o agente consegue dizer qual é a melhor alternativa entre duas ações, expressar isso verbalmente, enfim, realizar todas as considerações possíveis, contudo, por causa de uma má formação dos afetos emocionais, ele é incapaz de *decision-making*. Ou seja, ele falha ao transformar essas considerações em ação. Esses agentes falham ao realizarem tarefas simples do cotidiano e ao organizarem sua própria vida porque perderam a capacidade de associação entre a representação dos aspectos da situação e o acesso estável às emoções. Cenas que normalmente excitariam emoções positivas ou negativas em uma pessoa normal deixam esses sujeitos completamente frios. Suas vidas emocionais desapareceram ou pelo menos se tornaram instáveis.<sup>5</sup>

De acordo com Damásio, as representações desses sujeitos não são somaticamente marcadas, isto é, sentimentos desprazerosos ou mudanças emocionais

---

<sup>3</sup> DAMASIO, A. *Descartes' Error*. New York: Putnam, 1994, p. 173 apud Blackburn, p. 124.

<sup>4</sup> Damásio, p. 173 apud Blackburn, p. 125.

<sup>5</sup> Damásio, p. 173, Blackburn, p. 126.

falham ao se expressarem corporalmente, como aconteceria com uma pessoa normal. Assim, parece que a ausência das emoções pode revelar uma paisagem monótona nas tomadas de decisão. E a ausência (ou deficiência) de emoções é considerada característica de muitas neuroses, condições limítrofes e psicoses. Portanto, a partir da constatação empírica de Damásio as emoções aparecem como elementos constitutivos de nossos atos e também de nossos deveres, conferindo-lhes valor.

As emoções podem ser muitas vezes difusas, penetrantes, da mesma forma que dão o tom, a cor, o gosto afetivo das relações e experiências. Como escreve Schachtel em *Metamorphosis*:

(...) não há ação sem afeto; é certo que nem sempre ele é intenso, dramático, como numa ação de raiva impulsiva; frequentemente surge como um estado de ânimo total, algumas vezes bastante distinto, outras vezes muito sutil e quase imperceptível, mas que no entanto constitui **o substrato essencial de toda ação.**<sup>6</sup> (grifo nosso)

Contudo, surge um problema quando as emoções são pensadas apenas como sensações corporais e por isso carente de conexões seguras com a racionalidade, deixando de lado seu conteúdo: cognitivo, valorativo e desiderativo, ou seja, deixando de lado sua complexidade. Um dos principais filósofos que defendeu as emoções como sensações corporais ou como a percepção delas foi William James. Mas mesmo James, segundo Young, não sustentava que as emoções são simplesmente sensações corporais, mas apenas que tais sensações são uma característica diferenciadora das emoções.<sup>7</sup>

Assim, depois da década de 50 emergiram novas teorias das emoções preocupadas em esclarecer ao mesmo tempo quais são os conteúdos das emoções e que elas são constituídas por um conteúdo cognitivo, desiderativo e valorativo, desprovido ou não dos sentimentos. A separação das emoções da racionalidade, ou a ‘razão’ das ‘paixões’, tem feito parte dos estudos sobre as emoções desde a Antiguidade. Descartes, por exemplo, tratava as emoções como ‘espíritos animais’, uma parte distintivamente inferior de nossa psique. Leibniz considerava as emoções como ‘percepções confusas’. Assim, as emoções eram descritas como ‘naturais’,

---

<sup>6</sup> SCHACHTEL, Ernest. *Metamorphosis*. New York: Da Capo Press, 1984, p. 20 Apud STOCKER, Michael. *O valor das emoções*. Tradução Cecilia Prada. São Paulo: Palas Athena, 2002, p. 37.

<sup>7</sup> YOUNG, Charles. Review of Sarah Broadie, ‘Ethics with Aristotle’. In: *Journal of the History of Philosophy*, 31, 1993: 625-627.

involuntárias e não racionais.<sup>8</sup> Contudo, alguns filósofos, tal como David Hume, defendiam as paixões contra a excessiva reivindicação da racionalidade, afirmando que a razão é e deve ser escrava das paixões. Esse divórcio entre razão e paixão motivou inúmeras divergências, principalmente entre Kant e Hume. Hume questionando como a razão desapaixonada pode nos mover, e Kant como as paixões, não racionais podem ser morais e justificáveis.

Nos últimos trinta anos esta separação entre paixão e razão passa a ser questionada; e muitas teorias influenciadas principalmente pela teoria aristotélica (segundo a qual as emoções não são distintas da razão, mas são vistas como parte da vida racional)<sup>9</sup>, passam a defender que as emoções necessariamente possuem um elemento cognitivo em sua composição. Desde então o debate sobre a natureza cognitiva das emoções se ampliou, contudo, alguns problemas têm sido frequentes nas teorias que veem as emoções como cognitivas, principalmente em relação aos seus componentes, conforme aponta Solomon:

*Today, most philosophers and a large number of psychologists have come to accept the idea that emotions are constituted, at least in part, by judgments and beliefs or, more vaguely, by “cognitive elements”. But there is a nagging suspicion – or perhaps a dogmatic insistence – that this cannot be all that there is to emotion. After all, the common argument goes, one can make judgments without being emotional, even, it can be plausibly argued, that these judgments are presuppositions or preconditions or causes of the emotion rather than its constituents, thus leaving open the question what other ingredients might be essential to the constitution of emotion – whatever judgments might be necessary as well.<sup>10</sup>*

Deste modo, a pergunta sobre quais são os componentes das emoções e qual a sua natureza ou seus aspectos tem norteado o debate sobre as emoções e é objeto dos dois primeiros capítulos desta tese. Ou seja, vamos avaliar se as emoções são

---

<sup>8</sup> SOLOMON, R. *Not Passion's Slave: Emotions and Choice*. New York: Oxford University Press, 2003, p. 92.

<sup>9</sup> Aristóteles em sua *A Retórica* faz uma análise da raiva, na qual o julgamento tem um papel crucial. A raiva, de acordo com ele, é a percepção de uma ofensa (real ou meramente percebida), um tipo de reconhecimento unido a um desejo para agir (normalmente uma revanche). Além disso, a percepção e o desejo não são efeitos da emoção, mas seus constituintes. Assim, seria irracional para um homem não ficar raivoso em certas circunstâncias. ARISTOTLE, *The complete Works of Aristotle: The revised Oxford translation*. Edited by J. Barnes. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984. Essa análise é feita por Solomon em *Not Passion's Slave*, p. 93.

<sup>10</sup> Solomon, p. 93.

“apenas” julgamentos, ou julgamentos mais desejos, ou sentimentos, ou se são um fenômeno complexo constituído de duas dimensões, uma intencional e outra afetiva.

No primeiro capítulo trataremos da teoria de Solomon, que pretende unir a ideia de Hume à dos estóicos e à de Spinoza, isto é, a ideia de que há paixões calmas e violentas, e que o elemento chamado “*arousal*” aponta que podemos ter tanto componentes psicológicos, quanto sintomas fisiológicos como parte delas, contudo, as emoções são julgamentos muito mais parecidos com pensamentos do que com excitações fisiológicas ou físicas. E que, portanto, a principal conexão nas emoções não são as mudanças fisiológicas, mas a íntima conexão entre os julgamentos que compõem a emoção e o desejo.

O objetivo de Solomon é recolocar as emoções na geografia da mente, salvando-as dos reinos da resposta involuntária e não inteligente, elevando-as ao status de estar entre as habilidades cognitivas, tais como o julgamento, a crença e a percepção<sup>11</sup>. Solomon compreende que as emoções são essencialmente cognitivas e os julgamentos proveem o corpo das emoções<sup>12</sup>. Assim, entre os problemas específicos a serem tratados no primeiro capítulo um é explicar o que Solomon entende por “*judgment*”, como ele combate tanto a crítica de super-intelectualização das teorias que reduzem as emoções ao elemento cognitivo, bem como a objeção de que as emoções não são apenas crenças e desejos, apontada por Jerome Shaffer:

*Perhaps it is this superfluity of the physiological/sensational component that has led some philosophers to identify emotion with judgments, appraisals, and evaluations. But the identification will not work. One can hold precisely those beliefs and desires in a dispassionate and unemotional way. So getting emotionally worked up must involve more than just beliefs and desires.*<sup>13</sup>

A seguir, neste mesmo capítulo apresentamos a teoria de Martha Nussbaum, de modo a conhecer outra perspectiva que entende as emoções como julgamentos, mas que ressalta o aspecto avaliativo das emoções.

---

<sup>11</sup> Solomon, p. 95

<sup>12</sup> (...) *our emotional life is essentially cognitive and that judgments provide at least the complete skeleton if not the body of our emotions.* Solomon, p. 95

<sup>13</sup> SHAFFER, Jerome. ‘An Assessment of Emotion’. In: Myer and Irani, eds., *Emotion: Philosophical Studies*. New York: Haven, 1983, p. 206.

No segundo capítulo trataremos das teorias de Ben Ze'ev e de Peter Goldie, teorias que defendem que as emoções não são constituídas apenas por julgamentos, mas essencialmente envolvem duas dimensões. Uma intencional, tendo componentes cognitivos, avaliativos e motivacionais; e outra afetiva, composta pelos sentimentos. O propósito deste capítulo é o de apresentar duas teorias que também entendem as emoções como cognitivas, como poderemos ver na proposta de Solomon e Nussbaum no primeiro capítulo, mas que conferem um status especial aos sentimentos.

Estabelecer quais são os componentes das emoções é essencial para atingir nosso objetivo principal, que é o de explicar o papel das emoções na agência moral, pois, quando ressaltamos os aspectos ou componentes cognitivos das emoções e estabelecemos o lugar que os sentimentos ocupam na estrutura física e mental do agente, podemos enfatizar o papel ativo das emoções tratando-as como respostas a uma situação e como fruto de escolhas, em vez de associá-las a um mero reflexo, a uma passividade de meras sensações corporais involuntárias.

Quando estamos falando sobre modos de ver o mundo e consideramos as emoções como julgamentos avaliativos, ressaltamos os aspectos ativos das emoções e passamos a compreender de que modo as emoções nos movem à ação. As emoções não são apenas reações a eventos e coisas que nos acontecem, não acontecem simplesmente, isto é, elas não são algo que “sofremos”, não somos vítimas da tempestade de nossas paixões. Nós somos agentes de nossas emoções e isto não significa dizer que nós deliberamos ou escolhemos nossas respostas emocionais imediatamente, mas que a questão da agência aqui levantada envolve diferentes tipos de respostas. Depende de nossas habilidades em nos guiar, de nossa autoconfiança e principalmente de nossa experiência anterior, isto é, dos nossos hábitos, mesmo que não conscientes. As emoções não são reflexos, mas respostas a certas situações. Elas são processos dentro dos quais fazemos várias escolhas e por isso podemos mudá-las.

Nossas emoções não são apenas uma consciência de nossos estados corporais e viscerais. De acordo com Solomon, ter uma emoção é um pouco diferente, se não distinto, de experienciar uma emoção, pois mesmo a resposta emocional mais primitiva envolve algum tipo de reconhecimento, isto é, uma forma de cognição como um estímulo inicial. As emoções não são meras respostas corporais automáticas, elas são modos de olhar o mundo. Este panorama das emoções pretende mostrar que nós podemos ver nossas relações cognitivas com o mundo e nossa capacidade de representá-lo em parceria com o mecanismo das emoções e do afeto que, como

defende Blackburn, transforma o estímulo em resposta. Isto é, nossas disposições emocionais e representações agem juntas para gerarem uma ação, sem sermos capazes de alcançar qualquer resultado sem elas.

Assim, o objetivo do terceiro capítulo é explicar o papel das emoções na determinação da ação. Há pelo menos três modos de compreender o papel das emoções na escolha dos agentes que trataremos no terceiro capítulo: qual o seu papel na tomada de decisão; se escolhemos nossas emoções; e, emoções como atividade deliberativa e esquemática. Compreender o papel das emoções na determinação da ação depende do modo como entendemos as emoções, isto é, se elas são reflexos ou ações. Se as vemos como algo que nós sofremos ou fazemos; se elas são atividade ou passividade; e o quão profundamente elas afetam nosso comportamento e nos auxiliam a compreendê-lo; de que modo entendemos a relação entre as emoções e seus aspectos cognitivos e afetivos. Se nos vemos como vítimas de forças irracionais, não precisamos examinar as razões e os motivos para agir, mas se nos vemos como autores de nossas emoções, isto é, se podemos refletir e escolher de que modo nós alteramos nossas emoções, temos um bom motivo para esclarecer qual o papel das emoções nas tomadas de decisão e se escolhemos nossas emoções. Para responder estas questões escolhemos as teorias de Blackburn e Solomon que apresentam duas formas diversas de esclarecer os principais pontos envolvidos na questão das emoções e da escolha.

Resumindo, essa tese divide-se em três capítulos, sendo que o **Capítulo 1 – Emoções como julgamentos** – trata do estudo das teorias das emoções de Robert Solomon e de Martha Nussbaum, e pretende esclarecer como estes dois pensadores definem as emoções como julgamentos e como entendem a relação entre emoções, pensamento, sentimento e o corpo.

**O capítulo 2 – A complexidade das emoções** – explora as teorias de Aaron Ben Ze'ev e Peter Goldie que veem as emoções como um fenômeno complexo que é cognitivo, mas que também tem como componente os sentimentos. Neste capítulo também iremos distinguir sentimentos de emoções e de humores, uma vez que a confusão entre eles é um dos fatores de principal equívoco na compreensão do papel das emoções na moralidade.

**Por último, o capítulo 3 – O papel das emoções na determinação da ação** – à luz da apresentação da natureza das emoções no primeiro e segundo capítulos, analisa o papel das emoções na determinação da ação, através da exploração de três

perspectivas sobre as emoções e a escolha. O objetivo deste capítulo é mostrar que é possível pensar as emoções como atividade e, portanto, como algo que podemos escolher.

Com essa tese, pretendemos esclarecer a natureza das emoções em diferentes teorias contemporâneas, de modo a conciliar o aspecto cognitivo e afetivo das emoções e evitar a tradicional separação das emoções da racionalidade. E, assim mostrar o papel crucial das emoções em nossa vida moral. Quando falamos sobre modos de ver o mundo e consideramos as emoções como julgamentos avaliativos, conforme vimos nas teorias tratadas no primeiro capítulo ressaltamos os aspectos ativos das emoções e passamos a compreender de que modo as emoções nos movem à ação. As emoções não são apenas reações a eventos e coisas que nos acontecem, isto é, não somos vítimas da tempestade de nossas paixões. Nós somos agentes de nossas emoções e isto não significa dizer que nós deliberamos ou escolhemos nossas respostas emocionais imediatamente. A questão da agência aqui levantada envolve diferentes tipos de respostas e apresentá-las é o que pretendemos neste trabalho.

## CAPÍTULO 1

### 1 A NATUREZA DAS EMOÇÕES

#### 1.1 EMOÇÕES COMO JULGAMENTOS

Podemos caracterizar as emoções de diversos modos; e, assim como a filosofia e a ciência, o senso comum também não nos apresenta um consenso diante da definição do que é uma emoção, bem como, quais são elas. Comumente aceitamos que o medo, a raiva e o ciúme sejam exemplos de emoções, mas questionamos se a solidão e as experiências estéticas podem ser chamadas de emoções. De início, podemos dizer que o uso que se faz das emoções, frequentemente, se refere a situações que não estão totalmente relacionadas de fato a estados emocionais. Por exemplo, a proposição “eu tenho medo de não conseguir um trabalho” não se refere propriamente ao medo, é apenas uma expressão coloquial.

Há diferentes conotações e sentidos em diferentes línguas para definir as emoções. Muitas línguas fazem a distinção de ciúme e inveja; no português, por exemplo, não existe uma palavra especial, como temos no alemão, para dizer *Schadenfreude* (prazer com a desgraça dos outros).<sup>14</sup> Deste modo, um simples olhar sobre a diversidade linguística das emoções aponta para a dificuldade que encontramos ao tentar definir e compreender o fenômeno das emoções. Sem dúvida que, diante das questões filosóficas que a acompanham, a questão linguística pode ser facilmente solucionada, ou pelo menos esclarecida, com uma explicação satisfatória sobre a natureza das emoções, um dos objetivos deste capítulo e do seguinte.

As emoções têm sido tratadas recentemente como um complexo fenômeno distinguível em diferentes níveis: biológico, fisiológico, psicológico e filosófico. Podemos considerar atualmente que o nível fisiológico, por exemplo, consiste em neurotransmissores e atividades somáticas e autônomas do sistema nervoso,

---

<sup>14</sup> BEN-ZE'EV, Aaron. *The Subtlety of Emotions. A Bradford Book*. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London, England, 2000, p. 6.

envolvendo mudanças que são primariamente associadas com a corrente de adrenalina, pressão sanguínea, circulação sanguínea, batidas do coração etc. No nível psicológico, uma emoção consiste em sentimentos, cognição, avaliação e motivação. Por exemplo, o medo é associado ao sentimento de temor, à avaliação da situação como perigosa e ao desejo de evitar o perigo. Já o nível filosófico de descrição considera questões tais como emoções e moralidade e a racionalidade das emoções.<sup>15</sup>

Embora cada nível de descrição nos forneça uma única perspectiva cognitiva, nós podemos também usar muitas perspectivas cognitivas dentro do mesmo nível de descrição. Contudo, o objetivo desta tese é se concentrar na descrição dos níveis psicofisiológicos, que encontraremos na descrição dos componentes das emoções; e no nível filosófico, onde se evidencia a questão das emoções e a escolha, objetivo do terceiro capítulo.

A classe dos estados mentais aos quais normalmente se referem as emoções tem figurado na investigação filosófica de vários modos. Primeiramente, um modo de tratá-las nos convida a olhar como elas têm sido descritas em sua relação com a razão ou mesmo com a própria racionalidade. Olhando deste ângulo, as investigações filosóficas têm sido feitas principalmente em virtude de sua influência em nossa habilidade de raciocínio e de ser racional. Foi assim que os Estóicos asseguravam que a filosofia, considerada como um exercício de deliberação racional, teria o objetivo de superar os efeitos prejudiciais das emoções. Contudo, justamente em contraposição a essa concepção estoicista, David Hume, no século XVIII, tentou resgatar o valor ético das emoções, propondo que as emoções são poderosas para motivar nosso comportamento moral, e nossas paixões ou sentimentos morais são capazes de nos motivar sozinhos em direção às ações. Ainda no século XVII, a questão das emoções se depara com o terreno da fisiologia a favor das teorias mecanicistas. Em 1649, Descartes define as paixões como “percepções, sentimentos, paixões da alma, que estão particularmente relacionadas a ela, e que são causas, que fortalecem qualquer movimento do espírito.”<sup>16</sup> A glândula pineal organiza a comunicação entre a mente e

---

<sup>15</sup> Antes de tratar sobre como as emoções afetam a agência moral e qual a importância moral delas, ou seja, as questões filosóficas propriamente ditas, é fundamental entender o que é uma emoção e por isso começamos com a análise psicológica do fenômeno das emoções, mesmo porque essas perspectivas se complementam e se inter-relacionam nas emoções e na racionalidade. Essa descrição aparece em Ben, p. 48.

<sup>16</sup> DESCARTES, R. *The Passions of the soul*. In J. Cottingham, R. Stoothoff, and D. Murdoch (Trans.), *The philosophical writings of Descartes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984 apud MARZANO, M. *Dictionnaire du corps*. Paris: Quadrige/PUF, 2007; p. 337.

o corpo, excitando nos sujeitos as paixões. Há uma mecânica corporal da emoção que é constituída pelo movimento do corpo, ou melhor, da paixão dentro do corpo.

Todavia, apesar das diferenças entre essas abordagens, é importante notar o poder que as emoções podem ter no processo do pensamento racional e vice-versa e como elas estão atreladas ao funcionamento do corpo e da mente, diferenciando-se apenas no modo como essa relação é compreendida em cada teoria. Em outras palavras, nós podemos dizer que a investigação filosófica da relação entre as emoções e a racionalidade tem sido o centro do debate sobre as emoções nos últimos anos.

Desta forma, um modo mais frutífero de pensar as emoções e a racionalidade tem sido colocar a questão “O que são as emoções?” em vez de continuarmos questionando a importância da razão sobre a emoção ou vice-versa. E, de fato, nas últimas três décadas o debate sobre as emoções tem sido em torno do componente cognitivo como base das emoções unido a um certo ceticismo em relação à ideia de que a razão sozinha é a fonte do conhecimento e do entendimento, e de que as emoções simplesmente motivam.

Outro aspecto das recentes abordagens tem sido o retorno a Aristóteles, pois em sua teoria não encontramos uma divisão entre emoções e racionalidade tão forte como em tantas outras. Entretanto, mesmo em concepções que não são aristotélicas, a busca não é meramente por uma teoria visionária da relação entre as emoções e a razão como inerentemente não hostis, mas a ênfase na possibilidade de combinar aspectos cognitivos e afetivos como componentes das emoções.

Sendo assim, na primeira seção, faremos uma breve apresentação da estrutura das emoções na teoria de Solomon, mostrando de que modo ele entende a relação das emoções com a intencionalidade; como ele entende as emoções quando diz que elas são julgamentos; qual a relação das emoções com o pensamento e as crenças; como ele entende o elemento cognitivo das emoções; e por fim qual a relação entre as emoções, os sentimentos e o corpo. Em seguida apresentaremos a teoria de Martha Nussbaum que propõe uma interessante e intrigante teoria cognitivo-avaliativa das emoções.

### 1.1.1 O que é uma emoção?

Em seu livro *Not Passion's Slave: Emotion and Choice*, Solomon defende que as emoções não são meros “sentimentos”, “impressões”, “motivações” sem propósito, nem a agitação de algum aparato fisiológico de excitação, sem qualquer referência a causas ou objetos; elas dizem respeito a algo. A questão sobre a intencionalidade nas emoções surgiu com David Hume em sua análise do “orgulho” no livro II de seu *Treatise of Human Nature*. Nele Hume afirma que o orgulho pode ser distinguido do amor levando-se em conta o objeto, pois no primeiro caso o objeto é o próprio “eu”, enquanto no caso do amor o objeto é a “outra pessoa”. De acordo com ele, o objeto de uma emoção é, em parte, o que define a emoção e esta não é apenas uma causa externa ou um efeito, no entanto associa-se regularmente com ela.<sup>17</sup>

No entanto, a teoria de Hume é considerada inconsistente por Solomon porque considera a emoção uma “impressão”, uma “existência original” que não contém qualquer “qualidade representativa”<sup>18</sup>. Solomon questiona como pode uma emoção ser uma impressão sobre um objeto. De acordo com ele, o problema é que: “*Hume utilizes his causal theory of ideas to tell us that the impression-emotion causes an idea of self, which is its object, and it is also caused by another idea.*”<sup>19</sup> E, portanto, sua análise causal falha ao capturar a dependência conceitual da emoção do objeto e o sujeito da emoção.

De acordo com Solomon, Davidson<sup>20</sup> tenta resolver a análise proposta por Hume, mas sua tese também não é bem sucedida e falha em quatro aspectos. Primeiro quando ele não é claro ao capturar a conexão entre emoção e objeto. Segundo porque, mesmo sustentando que há um julgamento que é idêntico ao orgulho, ele nega a intencionalidade das emoções. Na verdade, ele converte o problema da intencionalidade em uma questão da intencionalidade de certos tipos de sentenças. Isto é, neste caso, o conteúdo do julgamento que compõe as emoções são proposições, sendo que estas são “sobre” o objeto da emoção, e, de acordo com Solomon, essa captura dos aspectos formais da intencionalidade das emoções falha quando tenta

---

<sup>17</sup> HUME. *Treatise of Human Nature*, ed. L. A. Selby-Bigge. Oxford: Oxford University Press, 1951, book II, “*Of the Passions*” apud Solomon, p. 57.

<sup>18</sup> THN 415, Solomon, p. 57.

<sup>19</sup> *Ibidem*

<sup>20</sup> Davidson analisa a teoria de Hume em seu artigo: *Hume's Cognitive theory of Pride*. DAVIDSON, D. “Hume's Cognitive theory of Pride” In: *Journal of Philosophy*, 73, n.19, nov. 4, 1976, p. 744-757.

satisfazer as emoções em um sentido fenomenológico, no qual, por exemplo, o orgulho exige uma experiência de um certo tipo. Falha ainda num terceiro aspecto porque a experiência é muito mais complexa do que uma sequência de atitudes proposicionais. E, por fim, mesmo que Davidson tenha afirmado que o objeto de uma emoção deve ser uma “entidade psicológica de algum tipo”, sua análise é incompleta em sua explicação sobre o que é essa “entidade”.<sup>21</sup>

O significativo nessas teorias para Solomon é a sugestão de uma análise “cognitiva” das emoções, na qual os julgamentos têm um papel essencial. Mas esses julgamentos não são atitudes proposicionais e a intencionalidade das emoções exige uma concepção sobre a percepção, bem como uma concepção adequada do modo que nós experienciamos emocionalmente os objetos e principalmente como falamos deles. O problema de acordo com Solomon está no modo que a “intencionalidade” é compreendida como vemos a seguir:

*This is traditionally, but misleadingly, summarized as the “feeling” component of emotion, the ill analyzed notion that to have an emotion is to have an experience of a certain kind. But how are we to understand this? And is “intentionality” in fact the proper vehicle for such an account?*<sup>22</sup>

De acordo com Solomon, a “intencionalidade” é uma forma concisa, mas não é um modo suficientemente claro de marcar uma propriedade especial das emoções ou de outros “atos mentais” que “dizem respeito” a algo<sup>23</sup>. Ou seja, como nós podemos distinguir o objeto da causa de uma emoção, por exemplo, quando digo que “uma pessoa nunca tem meramente medo, mas tem medo de algo”?

Temos dois tipos de respostas para essa questão. A primeira é a resposta fenomenológica que Solomon considera circular. Neste caso, o objeto da emoção é considerado o conteúdo essencial da experiência emocional, isto é, sobre o que ela diz respeito<sup>24</sup>. A segunda resposta é a analítica, na qual o contexto intencional é compreendido em termos de substitutividade, como vemos a seguir:

---

<sup>21</sup> Ibid.; p. 58

<sup>22</sup> Solomon analisa de forma aprofundada a interpretação de Hume e a revisão de Davidson da teoria humiana em: SOLOMON. “Nothing to be Proud of”, at Bowling Green Applied Philosophy Conference, publicado em *Understanding Human Emotions*. Bowling Green University Press, 1979, p. 18-35.

<sup>23</sup> Escolhi traduzir “about” por “diz respeito”.

<sup>24</sup> “The object of the emotion is the essential content of the emotional experience. In other words, it is what the emotion is ‘about’”. Um exemplo de tese fenomenológica é a de Husserl. Solomon, p. 58.

*An “opaque” or “intentional” context is defined in terms of substitutivity and the peculiarities of certain sorts of truth conditions. For example, the sentence form “S believes that A is P but (although A=B) S does not know that B is P” signals such a context. In the realm of emotions, “Sam is angry at the man who stole his umbrella, but he is not angry at his best friend Joe (because he does not know that it was Joe Who Stole the umbrella)” would mark such a context too.*<sup>25</sup>

A confusão entre estas duas concepções se torna mais evidente quando é feita a análise da relação entre crenças e emoções, pois, mesmo que uma emoção não possa ser reduzida a um conjunto de crenças como propôs Davidson, os objetos das crenças, as proposições, de acordo com Solomon, são diferentes dos objetos intencionais da maioria das emoções. Considerando que as proposições podem ser tanto verdadeiras como falsas e a crença é a relação entre uma pessoa e a proposição, mesmo que verdadeira ou falsa<sup>26</sup>, a aplicação dessa ideia pode resultar em consequências absurdas se dirigida a casos nos quais o objeto intencional de uma emoção não existe, como por exemplo, um falso orgulho. Assim, Solomon conclui que desde que algumas emoções sejam ‘sobre’ objetos que não existem, então o modelo de que todas as crenças são ‘sobre’ proposições é problemática, pois todos os objetos das emoções devem ser algo mais do que coisas, pessoas, eventos ou estados de afeto, o que estes objetos parecem ser.<sup>27</sup>

Neste caso, duas são as confusões. De um lado entre emoção e objeto, por outro lado a conexão entre suas descrições, como se a descrição como “causal” e “não-contingente” se aplicasse a ambos. As causas das emoções são reais, mas objetos nunca são causas. Objetos não são objetos reais, mas são alguma outra coisa, por exemplo, objetos formais. Isto é, causas, ao contrário de objetos, devem existir, senão eles não seriam causas. Por exemplo o caso do orgulho, pois nada pode me deixar orgulhoso ao menos que algo aconteça<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Uma versão analítica é a de Franz Brentano, a concepção escolástica de “inexistência intencional”, embora o status ontológico de tais “objetos” inexistentes tenha sido apresentado pelos filósofos como quebra-cabeças e paradoxos. Solomon, p. 59-60.

<sup>26</sup> Ibid.; p. 61.

<sup>27</sup> “Since some emotions are “about” objects that not exist, it is argued, then – on the model that all beliefs are “about” propositions – all objects of emotions must be something other than the things, people, events, or states of affairs which appear to be their objects.” Ibidem.

<sup>28</sup> Esta afirmação é feita por Solomon como segue: (...) *causes, unlike ‘objects’, must exist, or they wouldn’t be causes. Nothing can **make** me proud unless it happened. ‘I am proud.’* Ibid.; p. 62.

Essa análise de Solomon foi baseada no argumento de J.R.S. Wilson em *Emotion and Object*<sup>29</sup>, no qual Wilson defende que a relação entre uma emoção e um objeto é de fato causal. Contudo, Solomon aponta que a causa não é o objeto; assim, quando Wilson argumenta que uma emoção é essencialmente uma ‘reação’ a algo, uma reação causada por algo e esse algo é qualificado como objeto e a reação neste caso significa “sentir” algo passivamente, ele está errado. Causas fisiológicas não são objetos das emoções, pois posso dizer que estou com raiva porque o cachorro está latindo, mas dizer que eu estou com raiva, neste caso, não “diz respeito” ao fato de o cachorro estar latindo. Ou seja, eu posso ou não sentir raiva quando o cachorro late. Uma causa fisiológica é diferente da reação<sup>30</sup> diante de uma situação, pois esta pode ser descrita de diversos modos, isto é, o que causa uma emoção é a situação mais o *background* genético, social, cultural e psicológico do agente, onde o objeto é apenas um aspecto particular da situação<sup>31</sup>.

Solomon pretende assegurar que a relação entre objeto e emoção não seja apenas a conexão causal entre uma situação e a reação emocional de uma pessoa a esta situação:

*We need not talk about a “special non-causal sense”; not need we deny the appropriate causal relations as we describe the essential logical connections. But the function and nature of the description of the object of emotion are always independent of the function and nature of causal explanations of that emotion, even in the cases where those descriptions and explanations are seemingly identical.*<sup>32</sup>

Solomon defende que a causa de uma emoção é qualquer evento, estado de afeto, coisa ou pessoa que incita a emoção, mesmo que não se tenha o que dizer sobre o que a emoção “diz respeito”. A causa de uma emoção pode ser um distúrbio ou estado fisiológico, uma sequência de associações que tenha importância emocional, uma situação que desperta uma certa resposta emocional, mesmo que a emoção não “diga respeito” a essa situação. Portanto:

---

<sup>29</sup> WILSON, J. R. S. *Emotion and Object*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974, p. 7, Apud Solomon, p. 62.

<sup>30</sup> Wilson defende que: “involved in a person’s state of feelings are spontaneous, undeliberated impulses or inclinations to behave.” Wilson, p. 79 Apud Solomon, p. 62

<sup>31</sup> “What causes my emotion is a situation, my entire genetic-cultural-social-psychological background; the object is one particular aspect of that situation.” Ibidem.

<sup>32</sup> Ibid.; p. 63.

*The function of causal explanations is to explain, to tie this emotion to other occurrences of similar emotions (“This always happens when...”). The function of object description is to make explicit the experience of the person who has an emotion (“Here is how I really feel...”). These functions are very different, but it does not follow that the descriptions of the cause and the object will be different. In many cases, of course, the descriptions will appear to be identical, and so “he became angry because...” serves as both the description of the cause and the description of the object.<sup>33</sup>*

Assim, para Solomon, o conceito de intencionalidade captura uma propriedade enganosa das emoções e também não podemos dizer que as emoções são meramente sentimentos, mas são modos de ver, modos de indicar uma experiência de mundo. O conceito de intencionalidade sugere tanto algumas projeções ontológicas extravagantes quanto o fato de que uma emoção e seu objeto são fenômenos distintos, com uma conexão problemática entre eles. Solomon aponta que: *“It leads us to think of the object as an independent particular, when in fact it is virtually always embedded in a large context – a world – in which it has the special meaning essential to that emotion.”<sup>34</sup>*

### **1.1.2 Emoções como julgamentos**

Nas últimas décadas, inúmeros filósofos têm proposto a base das emoções na cognição e deixado de lado o conflito entre razão e emoção para enfatizar a possibilidade de combinar os aspectos afetivos e cognitivos das emoções. Contudo, alguns problemas têm sido frequentes nas teorias que veem as emoções como cognitivas<sup>35</sup>, principalmente naquelas que vêem as emoções como julgamento, conforme aponta Solomon:

---

<sup>33</sup> Ibid.; p. 65.

<sup>34</sup> Ibid.; p. 75.

<sup>35</sup> Há uma separação que é comumente feita no debate sobre as emoções entre teorias cognitivistas e não cognitivistas (isto é, que elas são cognitivas ou são corporais), bem como uma separação entre teorias cognitivistas fortes e fracas (as fortes consideram as emoções julgamentos, enquanto que as fracas veem as emoções como um fenômeno complexo, cognitivo e afetivo). A princípio havia escolhido esta terminologia, mas ao longo da minha pesquisa notei que essas separações traziam mais confusões do que esclarecimentos sobre as emoções e que muitas teorias não se encaixavam em apenas uma dessas terminologias, como a de Martha Nussbaum, que é considerada uma teoria cognitivista forte, mas que pela minha análise se aproximava muito das teorias fracas por considerar outros

*Today, most philosophers and a large number of psychologists have come to accept the idea that emotions are constituted, at least in part, by judgments and beliefs or, more vaguely, by “cognitive elements”. But there is a nagging suspicion – or perhaps a dogmatic insistence – that this cannot be all that there is to emotion. After all, the common argument goes, one can make judgments without being emotional, even, it can be plausibly argued, that these judgments are presuppositions or preconditions or causes of the emotion rather than its constituents, thus leaving open the question what other ingredients might be essential to the constitution of emotion – whatever judgments might be necessary as well.<sup>36</sup>*

Deste modo, Solomon sugere que as emoções são julgamentos muito mais parecidos com pensamentos do que com uma agitação fisiológica ou física. E que esse elemento de “excitação” ou “interesse” ou “engajamento” das emoções está mais intimamente relacionado aos julgamentos que formam as emoções e aos desejos do que às alterações fisiológicas. Contudo, as emoções envolvem mais do que apenas crenças e desejos, e por isso Solomon, diferentemente da teoria de Ben Ze’ev de que trataremos no próximo capítulo, está mais preocupado em mostrar como nossas vidas emocionais são essencialmente cognitivas e que os julgamentos são fundamentais para promover uma compreensão segura das emoções<sup>37</sup> Isto é, ele não faz nenhuma objeção direta às teorias que consideram as emoções como complexas, que envolvem outros componentes tais como sentimentos e reações fisiológicas, mas ele tem como objetivo principal combater tanto a super-intelectualização das emoções, como a objeção de que podemos fazer julgamentos de um modo desapassionado e não emocional<sup>38</sup>.

O uso do termo “julgamento” por Solomon é o mesmo utilizado por Kant, como *“prereflectively constitutive of experience”*. Os julgamentos envolvidos em uma emoção podem ser comparados a julgamentos avaliativos-perceptivos que fazemos quando, por exemplo, vamos falar em uma plataforma e julgamos que ela suportará nosso peso. Neste caso, o julgamento de que esta plataforma suportará nosso peso não

---

aspectos das emoções, como os aspectos corporais. Por isso decidi deixar de lado essa terminologia e me preocupei apenas em explicar quais são os modos de entender qual a natureza das emoções e, principalmente, explicar os seus componentes.

<sup>36</sup> Solomon, p. 93.

<sup>37</sup> Solomon afirma que as emoções: *“(...) show just how much of our emotional life is essentially cognitive and that judgments provide at least the complete skeleton if not the body of our emotions.”* Ibid.; p. 95.

<sup>38</sup> *“(...) one can make those same judgments or hold precisely those beliefs and desires in a dispassionate and unemotional way.”* Ibidem.

é uma avaliação super-imposta de uma percepção neutra, mas define essa percepção e nos dá a experiência essencial desta estrutura.<sup>39</sup>

Para Solomon os julgamentos são:

- (a) *Emotional judgments are spontaneous;*
- (b) *Emotional judgments are pre-reflective;*
- (c) *Emotional judgments are evaluative (“appraisals”);*
- (d) *Emotional judgments are constitutive;*
- (e) *Emotional judgments are systematic;*
- (f) *Emotional judgments are self-involved;*
- (g) *Emotional judgments are essentially tied to desires;*
- (h) *Emotional judgments are essentially tied to their expression;*
- (i) *Emotional judgments are “dispassionate” only in pathological circumstances;*
- (j) *Emotional judgments are particular acts of judgment, not propositional contents;*
- (k) *Emotional judgments are sustaining rather than simply initiating, structural rather than disruptive.*<sup>40</sup>

Antes de caracterizar os modos como Solomon entende os julgamentos emocionais, isto é, as emoções, ressaltamos que nosso objetivo é apenas realçar os aspectos pertinentes a esta tese. Deste modo, não faremos uma análise aprofundada de cada um desses aspectos do julgamento apontados acima e trataremos dos aspectos das emoções que envolvem espontaneidade, avaliação, sua relação com o desejo, a relação de sua expressão na ação de um modo não causal e se elas são “*dispassionate*” apenas em circunstâncias patológicas.

Quando Solomon diz que os julgamentos emocionais são espontâneos, ele está querendo dizer que eles não são tipicamente deliberativos, isto é, eles não são precedidos por um plano ou por uma intenção explícita de se ter uma certa emoção, mas eles nos tomam de surpresa. Contudo, isso não implica dizer que as emoções são voluntárias ou involuntárias, mas apenas que um julgamento emocional é espontâneo porque a situação que ele evoca surge repentinamente e sem aviso.<sup>41</sup> Os julgamentos emocionais são pré-reflexivos, isto é, eles são inarticulados do mesmo modo que os julgamentos cinestésicos e perceptivos são pré-reflexivos e inarticulados, como acontece quando dizemos que “sentimos nossos braços pesados”, sentimos nossos braços pesados antes de articular qualquer reflexão sobre esse “sentimento”.

---

<sup>39</sup> Ibidem

<sup>40</sup> Para maior aprofundamento, conferir Solomon, p. 95-113.

<sup>41</sup> Voltaremos a discutir sobre a voluntariedade ou involuntariedade das emoções no terceiro capítulo.

Entretanto, quando diz que os julgamentos são avaliativos, sua posição notadamente quer se afastar das defesas do emotivismo de Ayer, pois Solomon quer defender que os julgamentos éticos são muito mais do que apenas expressões de emoções. Emoções como o ressentimento envolvem muito mais do que apenas aprovação ou desaprovação, mas um julgamento de superioridade e inferioridade, assim como a diferença entre vergonha e embaraço é o julgamento de responsabilidade. Vale ressaltar que, quando Solomon considera os julgamentos emocionais avaliativos, ele não defende necessariamente que eles são deliberativos ou conscientes conforme defendem algumas teorias da avaliação, mas pode se comparar à defesa de Martha Nussbaum em *Emotions as Upheavals of Thought*<sup>42</sup>, segundo a qual as emoções são julgamentos avaliativos.

Outro problema frequentemente apontado nas teorias das emoções é sua relação com o desejo. De acordo com Solomon, os julgamentos que formam uma emoção têm elos específicos com os desejos, mas isto não quer dizer que as emoções são compostas de julgamentos causados por desejos, como defende Jenefer Robinson<sup>43</sup>. Primeiramente porque emoções não são desejos “*although it readily functions as a cause and a stimulus to emotion*”<sup>44</sup>. E também porque julgamentos e desejos não são “componentes”<sup>45</sup> separados das emoções, como Searle defende em seu *Intentionality*<sup>46</sup>, pois, de acordo com Solomon:

(...) many judgments have desires built right into them, for example, the judgment that something is desirable. The judgment that typically constitute the emotions – for example, judgment that something is offensive, desirable, tragic, lucky, degrading, or and admirable achievement – have desires as their logical presuppositions. It is in this sense that the judgments which make up an emotion are to be characterized in part by desires, as part of, not in addition to, the strong cognitivist thesis.<sup>47</sup>

---

<sup>42</sup> Trataremos da teoria de Nussbaum neste capítulo na seção seguinte. NUSSBAUM, Martha. *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions*. Cambridge University Press, 2001.

<sup>43</sup> ROBINSON, Jenefer. “Startle.” In: *Journal of Philosophy*, 92, n. 2, February, 1995, p. 53-74.

<sup>44</sup> Solomon, afirma que sobre o desejo: “*it readily functions as a cause and a stimulus to emotion.*” Solomon, p. 106.

<sup>45</sup> Veremos à frente que Solomon prefere dizer que as emoções têm diversos aspectos, pois ele quer defender as emoções como julgamentos, diferentemente de Ben Ze’ev que defende as emoções como fenômenos complexos, com diversos componentes. Esta é a diferença entre teorias chamadas cognitivistas fortes e fracas, mas, como dissemos anteriormente, não discutiremos as emoções nestes termos, por não considerá-los relevantes para o nosso objetivo.

<sup>46</sup> SEARLE, John. *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*, 1983.

<sup>47</sup> Solomon, p. 106.

Em seu *A Tear is an Intellectual Thing*<sup>48</sup>, Jerome Neu aponta que as emoções estão intimamente associadas à sua expressão, e a expressão de uma emoção não é apenas o efeito desta emoção, pois o sistema de julgamento que forma uma emoção não apenas constitui um ponto de vista, uma estrutura observacional, mas ele também constitui um cenário no qual os julgamentos são ditados por um conjunto de comportamentos, inclusive, o comportamento verbal. Contudo, a tese de Solomon é diferente da proposta por Jerome, pois sustenta que as emoções estão associadas à sua expressão nas ações de um modo não causal, o que se aproxima do argumento de James, quando ele insiste que “*‘the urge to vigorous action’, not as effect but as essence of emotion*”<sup>49</sup>, e se distancia da posição defendida por Davidson de que os julgamentos que formam as emoções são apenas componentes de um silogismo. Solomon defende que os julgamentos são “*as a rule expressed in actions, even if those actions are usually truncated or displaced forms of full-blown, direct expressions*”<sup>50</sup>. Portanto, a expressão de uma emoção não é independente de uma emoção, mas construída em um sistema de julgamentos que constitui a emoção.

Solomon não pretende defender uma versão cognitiva reducionista das emoções e por isso ele entende que as intenções incorporadas na ação não são puramente cognitivas, e isto aponta que o contexto de uma emoção não é apenas um contexto cognitivo, mas um contexto ativo – um mundo com que nós nos preocupamos e no qual nós estamos engajados.<sup>51</sup>

Agora, quando ele diz que os julgamentos emocionais são ‘*dispassionate*’ apenas em um sentido patológico, ele quer dizer que os julgamentos que formam uma emoção não podem ser separados de uma emoção, exceto nos casos patológicos mais comuns. Estes casos são aqueles nos quais acontece, na verdade, o fenômeno de dissociação como os casos nos quais: “*a patient could describe the most gruesome scene of murder and incest with calm befitting a discussion about weather*”<sup>52</sup>. E por isso parece difícil aceitar que o conteúdo de um julgamento seja completamente separado da ação e do seu contexto. Assim podemos dizer que no caso de alguém que é casado há alguns anos, após um certo período de tempo, o amor pode não parecer

---

<sup>48</sup> JEROME, Neu. *A Tear is an Intellectual Thing*. New York: Oxford University Press, 1985 Apud Solomon, p. 108.

<sup>49</sup> Solomon, p. 108.

<sup>50</sup> Ibidem.

<sup>51</sup> Ibid.; p. 109.

<sup>52</sup> Ibidem.

tão intenso como no início, mas ainda está presente, mesmo que de uma forma mais amena, ao menos se a questão for a intensidade da emoção.

Ter uma emoção, de acordo com Solomon, é mais do que o conteúdo proposicional do julgamento. Assim, quando falamos que “Maria julga que João a ofendeu”, o conteúdo do julgamento não é todo o julgamento, pois também está presente o ato de julgar e muitos outros diferentes atos em relação a João. Ou seja, na situação acima nós podemos distinguir entre o ato de julgar de Maria, que constituiu ela ficar com raiva, e a proposição em um contexto não emocional, contudo, não podemos dizer que o conteúdo proposicional seja o mesmo que fazer o julgamento que estava envolvido em sua raiva. Maria pode ter sido ofendida e não ter ficado raivosa, mas isto não é importante neste caso, o importante é como analisamos o julgamento de que ela foi ofendida. Há uma distinção entre o conteúdo proposicional e o ato inteiro, pois pode ser que João tenha tido ou não a intenção de ofendê-la, bem como depende também do modo como ela entende esta ofensa. Enfim, há inúmeras percepções possíveis, contudo, podemos distinguir a proposição do seu estado mental e, de acordo com Solomon, mesmo em circunstâncias nas quais Maria julga desapassionadamente que alguém disse algo intencionalmente ofensivo a ela ou, por outro lado, quando ela fica com raiva e se sente ofendida, nestes dois casos, mesmo que as proposições sejam a mesma, os julgamentos são bem diferentes.<sup>53</sup>

Portanto, de acordo com Solomon:

*Having an emotion is not just affirming the truth of a certain proposition. To object that the making of certain judgments is possible without having the respective emotion is to confuse the narrowly epistemic act of affirming the propositional content of a judgment with the many other ways in which judgments can be “made” which are essential to having an emotion.<sup>54</sup>*

### **1.1.3 Emoções e pensamentos**

O uso do termo “cognitivo”, emprestado da psicologia e da “ciência cognitiva”, tem levado a grandes confusões e discordâncias entre teorias que se

---

<sup>53</sup> Ibid.; p. 111.

<sup>54</sup> Ibid.; p. 112.

denominam cognitivas, bem como tem gerado diversas críticas de seus opositores. O termo “cognição” pode ser entendido de diversos modos. Primeiramente, de acordo com Solomon, há duas dimensões do fenômeno emocional: “*short-term neurological*” e “*long-term narratives*”. A primeira delas trata as emoções como reflexões “*irruptives*”. Um exemplo é a teoria de Antonio Damásio<sup>55</sup>, na qual “*an emotion is sometimes presented as if it is more or less over and done with in 120 milliseconds, the rest being mere aftermath and cerebral embellishment*”<sup>56</sup>. Neste caso as emoções são entendidas como pré-conscientes, pré-cognitivas e excitações mais ou menos automáticas de um programa de afeto. A segunda dimensão defendida por Solomon acolhe as teorias que veem as emoções como um processo mais demorado, como psicodramas emocionais “*long-term*”, por exemplo, as narrativas presentes em *Otelo*.

Solomon chama a atenção para o fato de que a pergunta a ser feita neste caso não é sobre qual a conexão entre emoção e cognição, como fazem aqueles que veem as emoções como respostas que indicam uma forma de reconhecimento (entendido como cognição), mas a pergunta é sobre a natureza da cognição. E mesmo que a neurociência apresente modos interessantes de formas pré-conceituais primitivas de cognição, seu interesse é o de pensar as emoções como julgamentos, e isso não significa necessariamente pensar que eles são julgamentos conscientes e auto-conscientes, reflexivos ou articulados como propõem tais teorias. Qual, então, a natureza da cognição?

Muitos autores, por exemplo Jeffrey Murphy e Kendall Walton<sup>57</sup>, sugerem que cognição são crenças. Enquanto Jerome Neu sugere que o elemento cognitivo mais importante nas emoções é o pensamento. Outros filósofos, incluindo Solomon e Martha Nussbaum, defendem que as emoções são julgamentos avaliativos.<sup>58</sup> E ainda há aqueles que preferem o uso do termo técnico “intencionalidade”, como Aaron Ben-

---

<sup>55</sup> DAMASIO, 1994.

<sup>56</sup> Solomon, p. 179.

<sup>57</sup> MURPHY, Jeffrey G., and Jean Hampton. *Mercy and Forgiveness*. New York: Cambridge University Press, 1988.

<sup>58</sup> Tanto a perspectiva de Solomon como a de Nussbaum são influenciadas pelos estoicos, como veremos ainda neste capítulo ao expor a teoria de Nussbaum. Mas, a defesa de Nussbaum se difere um pouco da de Solomon, porque ela vê as emoções como irrupções do pensamento ao invés de vê-las como julgamento como Solomon defende.

Ze'ev<sup>59</sup>, e os que rejeitam todos esses modelos e defendem as emoções como “*affect*” ou “*states affective*”, como Michael Stocker<sup>60</sup>.

Primeiramente, emoções não são crenças porque, como vimos anteriormente, mesmo que elas se relacionem de diversos modos, isto é, mesmo que elas sejam pré-condições ou pressuposições das emoções, Solomon defende que:

*(...)belief isn't the right sort of psychological entity to constitute emotion. Beliefs are necessarily dispositions, but an emotion is, at least in part, an experience. A belief as such is not ever experienced. Beliefs are propositional attitudes, while many emotions are not.*<sup>61</sup>

Portanto, de acordo com Solomon, enquanto crenças são muito disposicionais para capturar a essência das emoções, os pensamentos são muito episódicos. O pensamento é um processo duradouro e não são apenas meros episódios, como vemos a seguir:

*(...) a thought may punctuate and manifest an emotion, but it is in itself not a process. Thinking, of course, is a process, but thinking is clearly too cerebral, too explicit, to characterize most emotions. A thought is a momentary appearance. It is a more or less articulate formation, and it is more or less independent of perception. Most thoughts involve words and the use of language, whether or not the thought is explicitly couched in words.*<sup>62</sup>

Solomon distingue “*thought*” de “*thinking*”, porque os pensamentos nem sempre se apresentam como uma atividade organizada, como o ato de pensar, mas aparecem de três modos: “*conjured up*”, quando, por exemplo, eu penso de um modo direto num problema ou tento lembrar a resposta a uma questão; “*invited*”, quando eu penso sobre um problema, isto é, eu trabalho em um problema e leva-se um tempo para eu resolvê-lo; e “*uninvited*”, quando um pensamento simplesmente surge na minha cabeça, sem eu procurar ou antecipar.<sup>63</sup>

Os pensamentos estão presentes em muitas emoções, representam uma forma de cognição sofisticada e, sem dúvida, são articulados em vários graus, contudo, eles

---

<sup>59</sup> A teoria de Ben Ze'ev será tratado no capítulo 2 desta tese.

<sup>60</sup> STOCKER, Michael. “The Schizophrenia of Modern Ethical Theories.” *Journal of Philosophy*, 73, 1973: 453-466.

<sup>61</sup> Solomon, p. 181.

<sup>62</sup> *Ibid.*; p. 182.

<sup>63</sup> *Ibid.*; p. 183.

não parecem ser o meio mais adequado de explicar a extensão do fenômeno emocional, ao menos para Solomon. Ele considera que ‘*the language of thought*’ é muito intelectual, sofisticada e demanda habilidade linguística, articulação e reflexão para se aplicar em todas as emoções e, ao contrário, os julgamentos parecem ser mais flexíveis para serem aplicados a quaisquer emoções, desde as mais simples às mais sofisticadas. Assim, as vantagens do julgamento e as características essenciais que o aproxima das emoções são:

*They are episodic but possibly long-term as well. They must span the bridge between conscious and nonconscious awareness. They must accept as their “objects” both propositions and perceptions. They must be appropriate both in the presence of their objects and in their absence. They must involve appraisals and evaluations without necessarily involving (or excluding) reflective appraisals and evaluation. They must stimulate thoughts and encourage beliefs (as well as being founded on beliefs) without themselves being nothing more than a thought or a belief. And (of considerable importance to me) they must artfully bridge the categories of the voluntary and the involuntary.<sup>64</sup>*

Portanto, as emoções são e ao mesmo tempo necessariamente envolvem julgamentos, contudo, uma emoção não é um julgamento sozinho, pensamento, memória, intenção e percepção também estão envolvidos. Uma emoção é um complexo de julgamentos e, algumas vezes, é um julgamento sofisticado, tal como os julgamentos morais, como o de responsabilidade presente na vergonha, raiva e na culpa.

#### **1.1.4 As emoções, os sentimentos e o corpo**

Teorias que defendem as emoções como cognitivas comumente recebem a crítica de super-intelectualizarem as emoções porque negligenciam os sentimentos, ou os afetos, e são essas críticas a que Solomon pretende responder. Como já foi apontado anteriormente, para Solomon uma emoção não é um mero sentimento, principalmente quando os sentimentos são interpretados como um conjunto corporal

---

<sup>64</sup> Ibid.; p. 188.

de sensações, como propunha a teoria de James. Mas parece que o corpo, e não apenas o cérebro, tem um importante papel nas emoções.

De acordo com Solomon toda experiência emocional tem como causa vários substratos causais processados no cérebro, contudo, quando ele fala de experiências corporais que tipificam uma emoção, seu argumento não é o mesmo que o da neurologia ou o do truque da relação mente-corpo unida com a teoria de Descartes e o cartesianismo<sup>65</sup>, mas manifestações corporais das emoções em expressões imediatas. De acordo com ele: “*Feelings (not just sensations) in emotion is not a secondary concern and not independent of appreciating the essential role of the body in emotional experience*”<sup>66</sup>.

Resumindo, primeiro, Solomon considera que o papel da fisiologia nos sentimentos não é direta, mas muitas mudanças fisiológicas, incluindo respostas do sistema nervoso autônomo, têm consequências claramente experienciais, como por exemplo animar e estimular as batidas do coração, sendo que essas mudanças também tem manifestações fenomenológicas<sup>67</sup>, como o “*thingly flushed*”. Além disso o alcance de muitas posturas ou a preparação delas para a ação são voluntários e têm manifestações fenomenológicas<sup>68</sup>. Segundo, ele relaciona os sentimentos às emoções, por meio do que ele chama julgamentos cinestésicos, nos quais os sentimentos cinestésicos não são apenas sentimentos, sensações ou percepções de processos que acontecem no corpo. Eles são atividades que compreendem sua preparação e expressão<sup>69</sup>. Eles são julgamentos do corpo e não podem ser esquecidos nas concepções cognitivas das emoções.

Contudo, pode parecer um pouco estranho chamar essas atividades corporais de julgamentos, mas Solomon justifica que a interpretação que ele faz de julgamento é capaz de incluir essas atividades. Sua justificativa aponta três pontos de sua interpretação de julgamento:

---

<sup>65</sup> Como a proposta defendida por Damásio.

<sup>66</sup> Ibid.; p. 189.

<sup>67</sup> De acordo com Solomon: “(...) phenomenological manifestations, its characteristic sensations or feelings that are part and parcel of emotional experience (whether noticed or recognized as such or not)” Ibid.; p. 190.

<sup>68</sup> Solomon cita a pesquisa de Nico Fridja, na qual ele define a categoria de “action readiness” como significativa para exemplificar os sentimentos emocionais. Ele dá o exemplo da raiva que envolve uma postura defensiva, ou tensões musculares, principalmente quando na raiva esta envolvida em agressões físicas. FRIDJA, Nico. *The Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986 Apud Sololon Ibid.; p. 190.

<sup>69</sup> Os sentimentos são: “(...) *activities, the activities of preparation and expression. The feelings of our “making a face” in anger or disgust constitute an important element in our experiences of those emotions.*” Ibidem.

*First, I have already insisted that judgments are not necessarily articulate or conscious, and so the sorts of discriminations we make and the construals we perform are sometimes (often) made without our awareness of, much less reflection on, our doing so. Second, a relatively small store of human knowledge is of the form “knowing that”. (...) it is well known that “knowing how” cannot be reduced to any number of “knowing that” propositions. But it is a distortion of cognition and consciousness to suggest that “knowing that” propositional knowledge is in any way primary or independent of “knowing how.” But since I have insisted that emotional judgments are not necessarily propositional, the way is open to make the further claim that they are not necessarily “knowing that” cognitions either.<sup>70</sup>*

Em sua defesa, os julgamentos que são constitutivos das emoções podem ser não proposicionais e corporais, como também podem ser proposicionais e articulados, e deste modo eles podem se tornar reflexivos e auto-conscientes. Portanto, uma boa teoria cognitiva das emoções deve ‘incorporar’ afetos e sentimentos, contudo, sem reduzi-los a uma análise conceitual ou reduzi-los a manifestações do substrato biológico. Eles não são distintos da cognição ou de julgamentos, pois eles são julgamentos do corpo.

## **1.2 EMOÇÕES COMO IRRUPÇÕES DO PENSAMENTO**

A teoria de Nussbaum tem como objetivo responder algumas das críticas que as teorias que associam as emoções a componentes cognitivos, como a de Solomon, têm enfrentado. Algumas das críticas e objeções feitas às teorias que reduzem as emoções aos julgamentos surgem pelo fato delas super-intelectualizarem as emoções, tornando-as simplesmente discussões frente à racionalidade. Outra objeção feita é a de que parece contra-intuitivo defender que os julgamentos sejam não apenas elementos constituintes necessários da emoção, mas também suficientes em sua constituição, excluindo os sentimentos como parte dela.

Solomon se preocupou, como vimos acima, em responder estas objeções que eram endereçadas à sua teoria, mas veremos de que modo Nussbaum também escapa

---

<sup>70</sup> Ibid.; p. 191.

dessa crítica apresentando uma reformulação do conceito de cognição ao enfatizar que o sentido de ‘cognitivo’ como ‘o interesse em receber e processar informações’ não implica a presença de cálculo elaborado, análise de custo-benefício ou mesmo de autoconsciência reflexiva como algumas teorias defendem.

Primeiro, Nussbaum tenta mostrar como a emoção pode ser uma função das faculdades cognitivas, do pensamento em seu sentido mais geral, mais do que um movimento não racional produzido de algum modo pela cognição. Segundo, ela propõe uma teoria que apresenta os julgamentos como elementos constitutivos<sup>71</sup> da emoção, mas considera que as emoções também são constituídas por julgamentos, sentimentos e movimentos. Ao constatar a dificuldade que muitas teorias têm em associar os julgamentos com as emoções, ela afirma que nós entendemos os julgamentos como dinâmicos, ou seja, não estáticos, assim sendo, as razões podem nos mover a aceitar ou recusar algo e podem nos mover rapidamente ou lentamente, prontamente ou com hesitação em direção a alguma ação.

A teoria de Nussbaum amplia e reformula o conceito de cognição originalmente estática, enfatizando que o sentido de ‘cognitivo’ como ‘o interesse em receber e processar informações’ não implica a presença de cálculo elaborado, análise de custo-benefício ou mesmo de autoconsciência reflexiva como algumas teorias defendem. Assim, emoções como tristeza, medo, amor, alegria, esperança, raiva, gratidão, ódio, inveja, ciúme, piedade e culpa podem ser distintas dos apetites corporais, tais como fome e sede, e de humores sem objeto, tais como irritação e depressão endógena.<sup>72</sup> Sua perspectiva é intitulada de teoria “cognitiva-avaliativa” das emoções, na qual desenvolve uma teoria da emoção onde as emoções são julgamentos de valor. Em sua teoria as emoções não estão apenas em uma estreita relação com os julgamentos de valor, mas elas são os próprios julgamentos de valor. Como o que acontece com o sentimento de tristeza profunda<sup>73</sup>, em que não é simplesmente uma dor que produz o pensamento de que alguém realmente importante para você morreu, mas, em vez disso, o significado dessa tristeza é o próprio pensamento dessa tristeza profunda.

---

<sup>71</sup> Vemos aqui que enquanto Solomon diz que há diferentes aspectos constitutivos das emoções, Nussbaum diz que há diferentes elementos constitutivos, e, veremos no terceiro capítulo que Ben Ze’ev diz que há diferentes componentes.

<sup>72</sup> Aqui é importante ressaltar a escolha que Nussbaum faz ao classificar dor, prazer e os humores como sentimentos e não emoções.

<sup>73</sup> Aqui o termo em inglês é ‘*grief*’ que trata da tristeza relacionada principalmente ao luto, ou como chamamos, uma tristeza muito profunda.

Emoções são, de acordo com Nussbaum, como outros processos mentais, isto é, corporais, que são vistos em muitos casos como tendo seu lugar em um corpo vivo<sup>74</sup>. Assim, diferentemente da visão estoíca, as emoções não derivam de uma parte ‘animal’ de nossa natureza, mas de uma parte especialmente humana. Contudo, isso não significa que nós podemos reduzir seus componentes cognitivos aos movimentos corporais não intencionais. Emoções não são forças sem pensamento, mas têm uma conexão com nossos pensamentos, avaliações ou planos. Assim, a dificuldade para entender as emoções como julgamentos surge porque parece estranho pensar os julgamentos como coisas que nós ‘sofremos’<sup>75</sup> em vez de coisas que nós ativamente fazemos.

Neste caso, Nussbaum primeiro reivindica que as emoções têm um objeto, isto é, meu medo ou esperança são sobre alguém ou estão direcionados a alguma coisa. Segundo, ela estabelece que o objeto é o conteúdo intencional, que é a ‘*aboutness*’<sup>76</sup> da emoção, que não diz respeito meramente a esse objeto, mas depende do modo que eu o percebo internamente, como que incorporando meu modo de ver as coisas. E assim nós podemos distinguir os tipos de emoções, porque o modo como se vê o objeto é mais do que a própria identidade do objeto, que não pode mudar. Num terceiro momento, ela afirma que as emoções incorporam não simplesmente modos de ver um objeto, mas crenças frequentemente muito complexas sobre o objeto e que são essencialmente a identidade da emoção. Isto é, apenas uma inspeção na descrição dos pensamentos pode revelar que emoção eu estou sentindo. E, por último, sua teoria diz que a percepção intencional e as crenças são características das emoções que estão relacionadas ao valor, porque elas veem o objeto como que investido de valor e importância. O valor parece fazer referência ao florescimento da própria pessoa<sup>77</sup>, em cuja vida isso representa um papel. Contudo, até aqui, a teoria de Nussbaum é muito semelhante à defendida por Solomon, exceto por defender que o ‘objeto’ das emoções é intencional.

---

<sup>74</sup> De acordo com Nussbaum os corpos vivos são capazes de inteligência e intencionalidade. Nussbaum, p. 25.

<sup>75</sup> De modo a compreender melhor o argumento de Nussbaum, acho importante ressaltar que ‘sofrer’ no caso está mais relacionado à ideia de irrupção do pensamento do que a interpretação comum de que as emoções provocam algum tipo de sentimento relacionado a dor ou prazer. Isto ficará mais claro adiante.

<sup>76</sup> Nussbaum diz que a ‘*aboutness*’ diz respeito aos modos ativos de ver e interpretar. Nussbaum, p. 28.

<sup>77</sup> Aqui notamos o papel da eudaimonia na teoria de Nussbaum, mas ela tem uma visão própria sobre a teoria eudaimônica de Aristóteles, que eu pretendo não explorar neste trabalho.

Então, de que modo Nussbaum entende o papel das crenças na constituição das emoções e serão elas partes das emoções? De acordo com Nussbaum, os elementos cognitivos são uma parte essencial da identidade das emoções, já que qualquer definição das emoções apenas em termos de sentimentos e de comportamentos parece ser insuficiente para definir as emoções. Muitas teorias definem as emoções em termos de crenças, mas é importante explicar de que modo as crenças estão conectadas com as emoções porque algumas vezes pode parecer que a pessoa mudou o pensamento sobre as crenças que sustentam suas emoções e apesar disso continuam a ter as mesmas emoções.

Agora, como nós podemos entender toda a estrutura da emoção? A emoção é um ato de consentimento ou é um estado que resulta deste ato? De acordo com Nussbaum, a emoção inicialmente assenta ou reconhece uma proposição e assim ela torna-se parte de nossa constituição cognitiva. Isto é, primeiro, o ato inicial faz uma reivindicação ao dizer “sim” para as coisas como elas são. Segundo, a subsequente retenção envolve a aceitação contínua dessa reivindicação, aceitação muitas vezes de que isto é como as coisas são. Nussbaum entende as emoções como julgamentos, considerando que, se eu posso aceitar o modo como as coisas aparecem, posso tomar isso como o modo que as coisas são: neste caso a aparência se torna meu julgamento, e esse ato de aceitação é o próprio julgamento. Isto é, a aceitação ou rejeição são a atividade das faculdades cognitivas e parece ser o que nós requeremos do poder descritivo da cognição. Lembrando que cognitivo é definido apenas como “relacionado a receber e processar informações”, o que não implica a presença de cálculo elaborativo ou mesmo uma autoconsciência reflexiva.

Deste modo, Nussbaum assume que o conteúdo proposicional das emoções é a combinação de diferentes tipos de pensamento e sua relevância avaliativa e eudaimônica é o modo que abraçamos a aparência, o modo que as coisas são. E, neste caso, o conteúdo do pensamento, não é apenas uma aceitação de uma proposição tal como: “Minha mãe, a mais valiosa das pessoas, está morta”, pois, mesmo sendo essa proposição avaliativa e eudaimônica, Nussbaum considera mais plausível que um tal julgamento seja associado a uma ‘irrupção’<sup>78</sup>. Portanto, as emoções são como irrupções do pensamento.

---

<sup>78</sup> ‘*Upheaval*’ é uma palavra utilizada por Proust que significa a experiência de ser sacudido ou agitado, que escolhemos traduzir por ‘irrupção’ em vez de ‘reviravolta’, pois, como diz Nussbaum, a ideia é de

Assim, a questão mais importante não é entender qual o papel das crenças na constituição das emoções, mas por que o julgamento parece ser a crença sem emoção, ao menos como Solomon defende. A dificuldade parece ser associar os julgamentos com as emoções. Os julgamentos são elementos constituintes necessários da emoção, mas também são suficientes por si próprios. Contudo, para alguns filósofos, como os que defendem as emoções como complexas, isso parece ser contra-intuitivo. Sendo assim, Nussbaum tenta mostrar como a emoção pode ser uma função das faculdades cognitivas, do pensamento em seu sentido mais geral, mais do que um movimento não racional produzido de algum modo pela cognição.

De acordo com Nussbaum, podemos apontar como elementos constitutivos da emoção um movimento que acontece sem que eu o perceba internamente, que é incorporado ao meu modo de ver as coisas; a capacidade de reconhecer algo como parte da emoção quando eu experiencio uma emoção; a percepção do objeto e sua importância; e o pensamento que está envolvido na emoção. Mas de que forma nós podemos compreender esses movimentos rápidos, por exemplo o movimento estomacal e os sentimentos como dor e prazer enquanto parte dos julgamentos? E também parece estranho conceber que as emoções possam ser capazes de muitas operações cognitivas e que também tenham um aspecto cinético e afetivo, ao contrário do que parece ser um julgamento ou qualquer parte dele.

A resposta que Nussbaum nos dá sobre essas questões é que as emoções são constituídas por julgamentos, sentimentos e movimentos. Isto é, o julgamento como um elemento constitutivo de uma parte das emoções pode ser causa suficiente dos outros elementos, mesmo que os outros elementos também sejam parte dos julgamentos. Além disso, se nós entendemos os julgamentos como dinâmicos, ou seja, não estáticos, as razões podem nos mover a aceitar e recusar e podem nos mover rapidamente ou lentamente, diretamente ou com hesitação. Considerando essa faculdade dinâmica como um movimento do pensamento, nós não precisamos pensar que os movimentos com propriedades cinéticas e a irrupção de algo fazem parte desse algo e de mim, aquela parte na qual eu me reconheço fazendo sentido no mundo. O reconhecimento pleno da realidade de algum evento terrível ou maravilhoso é a irrupção, isto é, o julgamento não é um evento que temporariamente precede alguma

---

uma experiência que nos sacode completamente. Sem dúvida essa é uma metáfora para tentar explicitar a força das emoções e abarcar o momento em que ela acontece e o que produz.

emoção, é a própria irrupção<sup>79</sup>. A irrupção é uma parte da experiência de como ter esses pensamentos, de como eles acontecem na maioria das vezes.

Portanto, de acordo com Nussbaum, as emoções são constituídas por julgamentos, não por causas externas, e eles são suficientes para as emoções. No entanto, há outros elementos não-cognitivos em relação com as emoções. Como as emoções são processos corporais e toda experiência humana é incorporada e realizada em algum tipo de processo físico, elas podem causar efeitos fisiológicos, mas é difícil dizer que efeitos são consequências e quais são os candidatos plausíveis para serem parte da própria experiência. Portanto, a experiência da emoção contém mais do que o conteúdo do pensamento avaliativo-eudaimônico, contém ricas e densas percepções dos objetos. A experiência de uma emoção envolve memórias e percepções concretas sobre o objeto.

Finalmente, o último aspecto que envolve a emoção na teoria de Nussbaum é a conexão com a imaginação. As emoções são acompanhadas por atos relevantes da imaginação, o que envolve um foco intenso no objeto que seria estritamente necessário para o conteúdo proposicional.<sup>80</sup> A imaginação dos eventos é diferente de outros julgamentos mais abstratos. Assim, a experiência da emoção é cognitivamente densa, de modo que uma visão da atitude proposicional não poderia capturar completamente a experiência de uma emoção.

Em sua perspectiva cognitivo-avaliativa, Nussbaum tenta mostrar como em uma perspectiva estoica da emoção é certo pensar emoções como julgamentos de valor, embora muitas modificações sejam necessárias para tornar a antiga visão mais adequada. Uma das mais importantes modificações que Nussbaum fez foi incluir em sua defesa um conceito de cognição incorporado a elementos não linguísticos, isto é, ela considera o papel da imaginação, dos sentimentos e do movimento como emoções de vários tipos. E, diferentemente de outras teorias chamadas cognitivas, sua teoria incorpora a dimensão do tempo dentro da própria emoção, permitindo, assim, atribuir ao controle da pessoa grande importância para seu florescimento.

---

<sup>79</sup> Aqui fica bem claro o porquê do uso da metáfora utilizada por Nussbaum de ‘*emotions as upheavals*’.

<sup>80</sup> Nussbaum, p. 65.

## **CAPÍTULO 2**

### **2 A COMPLEXIDADE DAS EMOÇÕES**

Muitos filósofos têm abraçado a visão de que as emoções são essencialmente julgamentos avaliativos ou crenças conectadas de forma acidental com sentimentos e impulsos que nós consideramos intuitivamente como ‘emocionais’. E, nesses casos, a ‘cognição’ não precisa ser entendida apenas como um componente que envolve a mais formalizada noção de crença e julgamento e, de fato, aqueles que têm dado uma explicação puramente cognitiva das emoções têm analisado tal fenômeno em termos de pensamentos e apreensões, e essas explicações têm sido mais promissoras do que a sugestão de que as emoções são apenas um tipo de julgamento. Outros filósofos têm reivindicado que pelo menos algumas emoções são constituídas por certos pensamentos ou pensamentos complexos, e assim emoções como ciúme, por exemplo, seriam definidas apenas em termos de nossos pensamentos sobre nossas inadequações e nossa força ou fraqueza em relação a um rival.

Portanto, diferentemente das teorias de Solomon e Nussbaum, apresentadas no primeiro capítulo e que entendem as emoções como julgamento, veremos na primeira seção deste capítulo a teoria de Aaron Ben Ze’ev, que entende as emoções como um fenômeno complexo. De acordo com Ben, as emoções são divididas em quatro componentes básicos: cognição, avaliação, motivação e sentimento; e têm como características básicas instabilidade, grande intensidade, perspectiva parcial e brevidade relativa. Ben defende que há duas dimensões nas emoções: a intencionalidade e o sentimento. E que há uma diferença entre as características típicas e os componentes básicos das emoções, pois enquanto as características são propriedades de toda a experiência emocional, os componentes expressam uma divisão conceitual dos elementos dessa experiência.

Este capítulo também apresenta algumas objeções à teoria de Ben Ze'ev, a comparação entre os componentes das emoções e seus aspectos conceituais. Por fim, na segunda seção apresentaremos a teoria de Peter Goldie, que também entende as emoções como um fenômeno complexo, isto é, não apenas cognitivo, mas que inclui os sentimentos como uma parte que não podemos eliminar da intencionalidade da experiência emocional.

## 2.1 A SUTILEZA DAS EMOÇÕES

De acordo com Ben, os componentes das emoções podem ser divididos em duas dimensões básicas: intencionalidade e sentimento. Sendo que a dimensão da intencionalidade abrange os seguintes componentes: cognitivo, avaliativo e motivacional.

Enquanto a intencionalidade se refere à relação sujeito-objeto, o sentimento expressa o próprio estado da mente do sujeito. Ou seja, quando, por exemplo, uma pessoa está amando, a dimensão intencional é expressa no conhecimento que o amante tem de seu amado, na avaliação de seus atributos, e nos seus desejos em direção a ele. Já a dimensão do sentimento é reconhecida como um tremor no corpo, que é experimentado quando os amantes estão juntos.

A intencionalidade é a relação de “*being about something*”, ou seja, envolve nossa habilidade cognitiva para nos separar do estímulo envolvido, de modo a criar uma relação sujeito-objeto significativa. O objeto intencional é algo sobre o qual a pessoa tem alguma informação. Este objeto pode ser uma pessoa, alguma coisa, uma situação geral ou mesmo um conceito abstrato que pode estar envolvido na percepção, memória, pensamentos, sonhos, imaginação, desejos e emoções. Sendo assim, dizer que as emoções são intencionais significa dizer que elas são direcionadas a um objeto: se eu sinto medo, então há algo, algum objeto que é o objeto do meu medo.

De acordo com Ben, a dimensão intencional das emoções pode ser dividida em três componentes: cognitivo, avaliativo e motivacional. O componente cognitivo consiste na informação sobre as circunstâncias dadas; o componente avaliativo diz respeito ao significado pessoal dessa informação; já o componente motivacional endereça nossos desejos ou nossa disponibilidade de agir em certas circunstâncias. Ou

seja, quando, por exemplo, João tem inveja de Adão por este ter boas notas, João tem alguma informação sobre as notas de Adão, avalia sua posição negativamente e deseja abolir essa inferioridade.<sup>81</sup>

Muitas teorias defendem as emoções como estados mentais intencionais, como vimos em Martha Nussbaum ao considerar as emoções como julgamentos. E, nestes casos, as emoções dizem respeito a algo, estão direcionadas a um objeto particular ou a um estado de afetos, por exemplo o medo que parece envolver a antecipação do perigo. Por outro lado, dizer que as emoções são intencionais não exclui a dimensão do sentimento, e Ben caracteriza a dimensão dos sentimentos como o nível mais simples de consciência de nosso estado emocional.

Entretanto, diferentemente de altos níveis de consciência, tais como aqueles encontrados na percepção, memória e pensamento, a dimensão dos sentimentos não possui um conteúdo cognitivo significativo. O sentimento é expressão do estado emocional em que nos encontramos, apesar de não podermos dizer que ele se dirige a este estado ou a qualquer outro objeto. Contudo, mesmo aparecendo apenas na superfície, os sentimentos podem nos sujeitar quando são intensos, e, por se tratar de um modo de consciência, ninguém pode não estar consciente dele, isto é, não há nenhum sentimento não sentido. Assim, diferentemente da visão de algumas teorias segundo as quais a intencionalidade pode ser completamente capturada sem referência a sentimentos e esta intencionalidade é suficiente para explicar a ação fora da emoção, Ben defende que há duas dimensões das emoções e elas não são separadas.

De acordo com Ben, é importante notar que nenhum dos três componentes intencionais e nem a dimensão dos sentimentos são uma entidade ou estado separado, ao contrário, a performance das emoções se realiza conjuntamente (não é separada) nas quatro variedades de atividade: conhecer, avaliar, desejar e sentir, sendo todas elas quatro aspectos distintos de uma típica experiência emocional. Portanto, de acordo com Ben, é possível que alguns desses aspectos existam como estados separados *a priori* da aparência de uma emoção, que estava entre as razões para sua geração e subsequentemente se torna parte de uma atitude emocional complexa. Como no caso de Darcy, que sabia há algum tempo que tinha um rato em seu quarto, mas seu medo de rato emerge apenas depois de seus pais lhe dizerem que eles são

---

<sup>81</sup> Ben Ze'ev, p. 49.

criaturas más e perigosas. Isto é, somente depois de saber do perigo, esse conhecimento torna-se parte de seu medo.

Podemos dizer que os estados mentais em seres humanos são compostos tanto das dimensões intencionais como dos sentimentos. Assim, quando entramos em contato com alguém ou algo, frequentemente são evocados sentimentos agradáveis ou desagradáveis relativos ao conteúdo do que nós vemos. Isto é, a relação entre as duas dimensões varia em tipo e grau para diferentes estados mentais. Contudo, enquanto nas emoções ambas as dimensões são centrais, na maioria dos estados mentais apenas uma delas é dominante. Por exemplo, a dimensão do sentimento é dominante nas experiências de dor, sede ou fome, e em desordens sensíveis. Já a dimensão intencional domina as capacidades cognitivas da percepção, da memória e do pensamento. Em grande medida, mais do que outros estados mentais, as emoções incluem componentes diversos dentro do seu escopo, abrangendo desde os sentimentos primitivos e intensos aos complexos como as avaliações intelectuais<sup>82</sup>; ao menos é o que pretende uma teoria complexa das emoções. Entretanto, a mais frutífera composição das emoções é tratá-las como combinações únicas da inteira abrangência dos componentes mentais, mais do que explicá-las referindo-se meramente a simples componentes básicos.

Outro aspecto importante é que as dimensões intencional e do sentimento são em uma certa medida dependentes uma da outra, isto é, quando uma delas é predominante, a outra frequentemente recua para tornar a outra fortemente saliente. No caso da inversão da dimensão afetiva pela intencional tem-se o exemplo de soldados feridos em guerra e que frequentemente não sentem quase nenhuma dor enquanto estão em combate, eles apenas começam a experimentar dores severas de suas feridas quando são retirados do campo de batalha. Nesse caso, o que percebemos primeiramente é o recuo da dimensão do sentimento, pois enquanto eles estão em combate, focados nos inimigos, que é seu objeto intencional e principalmente porque esse foco é mais útil para sua sobrevivência, eles não sentem dor. Em um segundo momento, quando o perigo passa e o objeto intencional não existe mais, eles tornam-se mais conscientes de sua própria situação e os sentimentos tornam-se novamente

---

<sup>82</sup> Ibid.; p. 50.

centrais<sup>83</sup>. O mesmo acontece com as sensações de dor e fome, que podem diminuir quando alguém está profundamente mergulhado em uma atividade intelectual.

Ao considerar a intencionalidade e o sentimento como duas entidades mentais que não estão separadas, mas são dimensões distintas de um mesmo estado mental, a tese de Ben é acompanhada de uma caracterização da relação mental-física, na qual o que une essas dimensões não é a causalidade – que prevalece entre entidades separadas – mas uma dimensão que acompanha ou complementa uma à outra, pois, desde que as duas dimensões tenham aspectos distintos do mesmo estado, é conceitualmente confuso falar sobre uma relação causal entre elas dentro desse estado particular.

Ben acredita que nós podemos caracterizar a relação mental-física de uma maneira singular. Ele explica que, prevalecem duas descrições das relações físico-mentais, que são:

- (1) uma relação de causalidade na qual estados neurofisiológicos precedem estados mentais;
- (2) uma relação complementar de suporte ou correlação na qual os dois estados constituem diferentes aspectos do mesmo evento.

A última relação parece mais apropriada com respeito às emoções, pois é impossível organizar as múltiplas propriedades mentais e neurofisiológicas envolvidas nas emoções em apenas uma corrente causal linear. Na estrutura de uma emoção, alguns eventos são, logicamente, a causa e mesmo o que as precede. No entanto, uma vez que a emoção é completamente manifestada, esses fatores normalmente aparecem simultaneamente. O aumento em adrenalina na saída, o sangue que corre e a taxa de respiração não produzem uma entidade mental, tal como o medo, e então

---

<sup>83</sup> Outra teoria que explica de uma forma interessante a interdependência das duas dimensões (do sentimento e intencionalidade), mas leva em consideração que elas podem acontecer em momentos diferentes é a perspectiva de Oakley. De acordo com ele, há uma alteração na ocorrência dos sentimentos corporais e psíquicos durante um amplo período de tempo. Isto é, nós temos emoções que ocorrem em um longo período de tempo sem senti-las a todo momento. Por exemplo, quando amamos alguém por alguns anos, nós não podemos dizer que sentimos amor por esta pessoa todos os momentos desse período de tempo. E, da mesma forma, nós podemos continuar de luto por alguém que nós perdemos sem sentir tristeza. De fato, quando nós temos um amor ou tristeza por longo tempo, nós podemos ocasionalmente sentir que essa emoção é contrária a nossa emoção de longo tempo. Portanto, parece que nós podemos ter emoções tanto por longo como curto tempo sem senti-las sempre, ou por todo o período. Por isso, os sentimentos são apenas uma parte das emoções e não as próprias emoções. Há outros componentes presentes e que atuam em uma emoção, como os componentes da intencionalidade. OAKLEY, Justin. *Morality and the emotions*. New York: Routledge, 1992, p. 8.

desaparecem. Tal mudança fisiológica existe ao mesmo tempo com o estado mental do medo e funciona como uma base de suporte enquanto ele persiste. Considerando que as emoções são estados mentais avançados, é pouco plausível concebê-las como produtos isolados de um processo fisiológico precedente, principalmente porque elas os sustentam ou são realizadas em tais processos. Diante disso, podemos dizer que as emoções podem ser identificadas apenas por mudanças fisiológicas?

De acordo com Ben, a princípio isso pode ser possível, mas é necessária uma evidência para confirmar essa reivindicação.<sup>84</sup> Ben não assume uma dicotomia entre mental e físico, ao contrário, as emoções fornecem um exemplo que invalida uma tal dicotomia, pois é difícil classificar um estado emocional completo como sendo puramente mental ou físico. Uma emoção expressa o estado de um organismo inteiro e apenas uma análise abstrata pode dividir isso em propriedades que são ordinariamente identificadas como do reino mental ou físico.

Teorias como a de William James defendem que as emoções são mais ‘corporais’ do que ‘mentais’, isto é, elas são sentimentos corporais. De acordo com a teoria de James-Lange muitos pesquisadores esperam que as emoções sejam especificamente sentimentos causados por mudanças nas condições fisiológicas relacionadas às funções autônomas e motoras. Ou seja, quando nós percebemos que estamos em perigo, por exemplo, esta percepção nos apresenta uma coleção de respostas corporais, e nossa consciência dessas respostas é o que constitui o medo. De acordo com James: “Nós sentimos tristeza porque choramos, raiva porque fomos surpreendidos, medo porque nós trememos, e (isto é) não que nós choramos, fomos surpreendidos ou trememos, mas porque nós ficamos tristes, raivosos, ou medrosos, nesses casos.”<sup>85</sup>

Por outro lado, as teorias contemporâneas têm sido mais conciliatórias do que a teoria de James, como a de Nussbaum que acredita que emoções são como outros processos corporais, mas isso não significa que, ao ser parte de um corpo vivo, isso nos dá razão para reduzir seus componentes intencionais a movimentos corporais não intencionais.

---

<sup>84</sup> Ben Ze'ev, p. 51

<sup>85</sup> JAMES, William. “What is an emotion?” In *Mind*, 1884, p. 190.

### 2.1.1 O Componente cognitivo

O componente cognitivo fornece a informação necessária sobre uma dada situação, isto é, são as crenças que descrevem o objeto ou nos fornecem informações sobre ele. Por exemplo, o medo de dirigir uma motocicleta pode advir do conhecimento de que elas são perigosas. Por isso podemos dizer que algumas emoções variam de acordo com a mudança da crença e que algumas vezes elas são a razão para o surgimento e término das emoções. A crença de Luiz no fato de que Gilberto roubou seu livro pode ser a razão de ele ter raiva de Gilberto, contudo, uma vez que é revelado que Gilberto de fato não roubou o livro, essa raiva deixa de existir.<sup>86</sup>

Por outro lado, certas crenças podem ser formadas pelas emoções e, em tais situações, uma mudança nas crenças pode não alterar a atitude emocional. Por exemplo, o amor de David por Jéssica advém, em alguma medida, do que ele acredita serem as qualidades pessoais dela. O amor de Davi pode não se alterar mesmo que ele venha a saber que o cabelo dela não é louro de verdade como ele pensava quando estava caído de amor por ela. Seu amor pode, no entanto, agora, ser baseado em outra crença, por exemplo, a de que ela é rica.

Os exemplos acima apenas ilustram a complexidade da relação entre nossas crenças e emoções. Contudo, alguns dos problemas que frequentemente são endereçados às emoções e que se relacionam ao seu componente cognitivo dizem respeito à sua natureza parcial, ao problema da proximidade e à intensidade da dimensão do sentimento. Esses três problemas estão em grande parte relacionados ao seu aspecto cognitivo ou às distorções que nele ocorrem. Temos um exemplo de parcialidade em Aristóteles que compara emoções como raiva a empregados apressados que correm antes de ouvirem completamente o que você diz e então confundem o pedido e a cachorros que latem se alguém bate à porta antes de olharem para ver se é um amigo. Já nos casos de proximidade, podemos lembrar Descartes, quando defende que a uma certa distância nenhuma certeza é possível, pois nossa visão está fragmentada e é frequentemente distorcida. Isto também acontece quando nós colocamos o objeto próximo ao olho e não conseguimos identificar o que de fato

---

<sup>86</sup> Ben Ze'ev, p. 52.

ele é. Nestes casos precisamos manter alguma distância para alcançar uma perspectiva que cerque múltiplos aspectos do objeto e torne a perspectiva menos fragmentada.

Por último, a intensidade da dimensão do sentimento nas emoções talvez seja uma das mais fortes perturbações frequentemente presentes nas emoções, pois elas tendem a saturar nossa habilidade em fazer boas avaliações cognitivas. Ou seja, quando nós estamos sob a influência de sentimentos intensos, algumas de nossas faculdades intelectuais podem não funcionar normalmente. Assim, em um estado emocional mais intenso, o mais fácil é que as distorções cognitivas ocorram. Por isso, muitos defendem que as emoções são cegas e elas não olham além da gratificação imediata.<sup>87</sup>

Tratamos até agora do que são considerados obstáculos ao conhecimento adequado no contexto emocional mais imediato, no entanto, a natureza singular das emoções tem também algumas vantagens cognitivas. Ou, como diz Ben, ao contrário do cinza das superfícies planas apresentadas pelos raios X, as visões emocionais propiciam uma excitante visão colorida das montanhas e dos vales.

Esta afirmação nasce da seguinte pergunta apresentada pelo pensador espanhol Salvador de Madariga:

*If our eyes had X-ray vision, would the information about reality they presented to us be more objective, more accurate, more complete, more penetrating?" He then answers: "Yes and no. A beautiful Young woman would look like a walking skeleton to us. We would receive some information which our eyes hide from us – information about her bones – but we would never know what her face, her legs, her hands, her breasts, or the color of her eyes are like. If our eyes had X-ray vision, we would describe a tree as a vertical liquid stream that springs from the ground and which, if approached, causes one to receive an awful bump on the head."*<sup>88</sup>

A visão de raios X, que carece de significado emocional, apresenta um mundo sombrio<sup>89</sup> que pode fortemente não nos motivar a agir. Notamos, portanto, uma

---

<sup>87</sup> De acordo com tais considerações, Aristóteles argumenta que o ódio é mais razoável do que a raiva desde que raiva seja acompanhada de dor, que é um impedimento à razão. ARISTOTLE. *Politics*: 1312b34 In *The complete Works of Aristotle: The revised Oxford translation*. Edited by J. Barnes. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984.

<sup>88</sup> Ben Ze'ev, p. 53.

<sup>89</sup> Aceitando a crítica de Maíra Mathes feita a essa passagem, nosso propósito com o termo 'sombrio' não é o de ignorar que podemos também ser motivados por imagens sombrias, tão carregadas de emoções, tal como acontece com o movimento gótico, ou mesmo o que vemos nas *Memórias do Subterrâneo* de Dostoiévski, mas o de ressaltar como um mundo sem emoções pode perder sua beleza.

indicação da importância das emoções nos processos cognitivos. Outro exemplo é o de uma pessoa que vive em um gueto e por isso ‘pode’<sup>90</sup> ver suas privações mais apuradamente através da indignação e raiva do que uma pessoa que não vive em um gueto e olha isso de uma perspectiva distante e objetiva. Além disso, outra vantagem cognitiva das emoções é que o aparecimento delas aumenta a capacidade de atenção, o que por consequência desenvolve a memória. Tanto é que memorizamos mais facilmente ou nos lembramos melhor de eventos que foram emocionalmente mais significativos sejam eles agradáveis ou desagradáveis.

Concluimos que o componente cognitivo das emoções tem o poder de adulterar a natureza confiável das coisas: a respeito dos objetos mais distantes, a perspectiva emocional frequentemente os distorce. Contudo, apesar dessa distorção cognitiva, a confiança no componente cognitivo pode diferir de uma emoção para outra, pois o medo costuma levar a uma distorção cognitiva maior que a tristeza.

Ben relaciona o componente cognitivo das emoções a três fatores da experiência emocional: a causa emocional, o objeto emocional e o foco de interesse, sendo que nós estamos normalmente conscientes dos três fatores. A causa emocional é normalmente conhecida por nós como a percepção que indica uma mudança significativa em nossa situação, por exemplo, quando alguém que sofre uma agressão e antes dela estava tranquilo, passa a ficar com raiva do agressor. Neste caso normalmente o agente está consciente do objeto emocional, já que ele frequentemente tem uma posição epistemológica privilegiada a esse respeito. Contudo, nesse caso, essa posição privilegiada pode levar ao erro e muitas vezes é o que ocorre, pois o objeto emocional pode ser algumas vezes ilusório. Vejamos um caso no qual o objeto emocional, e não a natureza das emoções, é ilusório. É o exemplo de David, que primeiro acredita que ama Darcy, mas depois percebe que é de fato Patrícia, sua irmã, a quem ele ama.

Além da causa e do objeto emocional, estar ciente da natureza de nossas emoções envolve identificar o foco de interesse. Esse tipo de consciência é possível desde que o componente do sentimento seja sempre consciente, e como não há sentimentos sem que eles sejam sentidos, identificar o foco de interesse significa termos de estar conscientes se uma atitude é positiva ou negativa. Contudo, há duas

---

<sup>90</sup> Novamente a proposta aqui é de valorizar a perspectiva interna do sujeito, de que suas emoções são importantes e significativas na leitura de seu próprio grupo e não ignorar pensadores, sociólogos, antropólogos que são capazes de apresentar uma leitura tão ou mais objetiva e apurada da realidade de um certo grupo, mesmo que não pertencendo a ele.

condições nas quais é difícil manter nosso foco de interesse completamente consciente, e, portanto, ter a natureza precisa de uma dada emoção. Isto acontece quando: (1) nossos recursos cognitivos são direcionados ao objeto e não apenas ao seu próprio estado; (2) casos de auto-engano, isto é, casos nos quais admitir a existência das emoções em questão pode não ser de nosso interesse.

O primeiro caso acontece quando nós não temos consciência dos nossos sentimentos, como no caso de pessoas ciumentas, medrosas, que não percebem estar neste estado. O segundo indica nossa má vontade em admitir, aos outros e a nós mesmos, a presença de certas emoções. Este segundo caso é o do auto-engano, que frequentemente está conectado com as emoções. Nós podemos não desejar admitir a nós mesmos que nós estamos com ciúmes, com raiva, ressentidos ou amando, porque isso viola a visão que nós temos dessas emoções ou da situação em questão, o que configura um auto-engano.

No caso da dimensão dos sentimentos é difícil dizer que podemos ser inconscientes deles, pois parece absurdo dizer, como diz Gilbert Ryle, “*I feel a tickle but maybe I haven’t one*”<sup>91</sup>. Ao contrário, no caso do amor, parece plausível dizer: “*I feel as if I am in love but maybe I am not*”<sup>92</sup>. O amor é mais complexo do que uma mera consciência dos sentimentos, assim a presença ou ausência do amor pode ser, e muitas vezes é, erroneamente indicada. Como o sentimento é um modo de consciência, a mera presença de um sentimento não pode ser erroneamente indicada, no entanto, nós podemos erroneamente identificar o tipo de sentimento que nós estamos experienciando. Identificações desse tipo são uma atividade cognitiva que frequentemente envolve percepção, memória, imaginação e pensamento, e por isso tal atividade pode resultar em erro.

A dimensão do sentimento nos coloca em uma posição melhor do que qualquer outra pessoa para identificar nossas emoções, já o componente intencional algumas vezes torna mais fácil para outras pessoas identificarem esse estado.<sup>93</sup>

---

<sup>91</sup> RYLE, G. *The concept of mind*. London: Hutchinson, 1949 apud Ben Ze’ev, p. 55.

<sup>92</sup> Ibidem.

<sup>93</sup> Ibidem.

### 2.1.2 O Componente avaliativo

O componente avaliativo é um dos mais importantes para as emoções, principalmente porque toda emoção pede uma certa avaliação. Sua função é avaliar a “fria” informação apresentada pelo componente cognitivo, em termos das implicações para o bem-estar pessoal. Por exemplo, enquanto o ódio implica a avaliação negativa de uma certa pessoa e o orgulho indica uma avaliação positiva de si mesmo, o lamento envolve que você considere o que alguém fez como errado. Da mesma forma que avaliar algo como perigoso sustenta e fortalece a emoção do medo, por outro lado uma avaliação altamente positiva de alguém sustenta as emoções de amor e admiração. Assim, podemos dizer que por causa das emoções nós não somos nem neutros, nem indiferentes, nós avaliamos.

Frequentemente, o componente avaliativo também é o que distingue uma emoção de outra, como por exemplo a diferença entre a emoção da esperança e uma expectativa: nós não temos esperança de algo ao menos que nós avaliemos isto como sendo de certo modo favorável para nós. Por outro lado, nossa expectativa de algo não exige a mesma avaliação. Em alguns casos é difícil separar os componentes avaliativos e cognitivos de uma certa crença, como na crença de que uma situação é perigosa para nós, pois neste caso a crença e a avaliação da situação são a mesma: perigosa. Todavia, como Ben assegura, a distinção entre o componente cognitivo e avaliativo é fundamental para certos propósitos explicativos, pois o componente avaliativo é um dos fatores que distingue uma emoção de outra.

Outra diferenciação fundamental para compreender a natureza das emoções é a distinção entre o componente avaliativo intrínseco de um estado emocional e a avaliação moral deste estado. O componente avaliativo intrínseco de um certo estado emocional não pode ser confundido com a avaliação moral do estado inteiro, como a piedade, que envolve uma avaliação negativa dos outros, ou seja, quando tenho pena do outro, o componente do sentimento que acompanha a piedade é desagradável, mesmo que essa emoção seja frequentemente considerada moralmente positiva.<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> De acordo com Ben Ze'ev: “Reid claims that benevolent affections are accompanied by agreeable feelings; hence, they are pleasant in their nature. Nevertheless he includes pity among benevolent affections and considers it an agreeable feeling.” REID, T. “Essays on the active powers of man.” In:

Contudo, apesar de frequentemente não ser possível descrever exatamente os detalhes de nosso estado avaliativo, nós normalmente sabemos o tipo de avaliação envolvida, pelo menos se ela é positiva ou negativa.<sup>95</sup> Parte dessa dificuldade de identificação completa das emoções acontece porque as emoções são frequentemente misturadas, seja positivamente ou negativamente, e porque as avaliações são frequentemente associadas tanto com o prazer quanto com a dor.<sup>96</sup> Por exemplo, minha raiva inclui uma avaliação negativa do outro que me insulta e uma avaliação positiva que aparece da expectativa e da revanche em relação ao outro que me insultou. Do mesmo modo, meu amor contém a admiração do ser amado e o medo de que eu possa perdê-lo<sup>97</sup>. Assim, podemos concluir que as emoções são facilmente identificadas, embora sua precisa natureza avaliativa seja difícil de ser descrita.

De acordo com Ben, outro aspecto fundamental das emoções é que elas pressupõem capacidades cognitivas e avaliativas, sendo que algumas emoções exigem capacidades mais desenvolvidas que outras. Animais e bebês humanos podem ser capazes de raiva e medo, mas provavelmente não de remorso, embaraço ou prazer com a infelicidade dos outros. Eles também podem experimentar a tristeza do mesmo modo que seres humanos adultos, mas eles não experimentam arrependimento porque falta o complexo grau de intencionalidade exigido para entender o que teria acontecido. Isto é, bebês humanos e animais podem lembrar de eventos, mas não podem experimentar culpa, algo que exige capacidades mentais mais desenvolvidas. Além disso, embora algumas emoções ocorram em animais, as emoções humanas são muito mais complexas. Os objetos das emoções podem também ser diferentes daqueles dos animais, pois apenas os humanos fazem de suas emoções o objeto de

---

*Philosophical Works*. Edited by W. Hamilton. Hildesheim, Germany: Georg Olms, 1967 Apud, nota 14, p. 539

<sup>95</sup> De acordo com Ben Ze'ev, Damasio afirma que: "*Although a nestling cannot tell us what constitutes a menacing situation for it, it can certainly identify many such threats and is visibly afraid in their presence. The baby bird does not know what eagles are, but it promptly responds with alarm and by hiding its head when wide-wings objects fly overhead at a certain speed.*" DAMASIO, A.R. *Descartes' error: Emotion, reason, and the human brain*. New York: Putnam, 1994 Apud Ben Ze'ev, p. 57.

<sup>96</sup> Elster argumenta corretamente que enquanto os escritores modernos tendem a pensar uma emoção associada com prazer e dor, Aristóteles acredita que uma emoção específica é tipicamente associada com prazer e dor. Elster mesmo levanta que embora muitas emoções sejam de fato misturadas, nem todas as emoções são emoções mistas como Aristóteles parece acreditar. ELSTER, J. *Alchemies of the mind: Rationality and the emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Apud Ben Ze'ev, nota 16, p. 539.

<sup>97</sup> Ben Ze'ev, p. 57

suas emoções, ou seja, apenas os seres humanos são capazes de ficar envergonhados de seu desejo sexual ou temerosos de sua raiva.<sup>98</sup>

### 2.1.3 O componente motivacional

Originalmente o termo “emoção”, sugerido pelo elo etimológico “emoção”, “movimento” e “motivo”, confere um aspecto importante das emoções ao seu componente motivacional, no qual, numerosos sistemas neuropsicológicos e hormonais envolvidos na experiência das emoções também participam da motivação, estimulando a atividade do organismo.

Assim, o componente motivacional está relacionado ao desejo ou disponibilidade para manter ou mudar as circunstâncias presentes, passadas e futuras. De acordo com Ben, no caso das emoções que ele chama “passionais” (mas que nos parece mais interessante chamar de emoções fortes<sup>99</sup>, sendo algumas delas a raiva e o desejo sexual) o desejo é manifesto em um comportamento visível. Nas emoções “não passionais”, que nomeio como emoções fracas, tais como inveja e esperança, o elemento comportamental é menos evidente e aparece meramente como um desejo.<sup>100</sup>

Considerando-se que as emoções são atitudes avaliativas, isto é, que envolvem uma instância positiva ou negativa em direção ao objeto, elas também conferem a ação ou estão relacionadas de uma maneira compatível com a avaliação. Por exemplo, uma avaliação emocional positiva de alguém está frequentemente correlacionada com uma disponibilidade de estar junto a esta pessoa. Portanto, as emoções envolvem um interesse prático associado com a disponibilidade para agir.

Porém, vale ressaltar que a disponibilidade de agir das emoções sugerida por Ben não tem um caráter neutro, mas é um tipo de desejo que expressa nossa atitude favorável em direção a um certo curso de ação. Deste modo, quando nós somos

---

<sup>98</sup> Ben discute as emoções em seres humanos e animais no capítulo 4, o qual não será tratado nesta tese, já que não é seu objetivo.

<sup>99</sup> A substituição de emoções passionais para emoções fortes e não passionais para emoções fracas, é uma tentativa de se afastar da tradicional leitura que se faz das emoções como passionais por elas serem responsáveis por nos arrastar fortemente a uma ação, que não temos controle, e, quando ela é fraca, que temos controle e por isso não seria passional. Para mim essa separação não se trata de valoração, mas de intensidade do desejo.

<sup>100</sup> Ben Ze'ev, p. 60.

indiferentes a alguém, nós não experimentamos nenhuma emoção ou tendência a fazer algo a favor ou contrário a essa pessoa. Por outro lado, estados emocionais tais como aqueles que são gerados quando nós conhecemos uma pessoa bonita não podem nos levar à indiferença, ao contrário, eles podem literalmente fazer-nos parar com o que nós estamos fazendo, levando-nos a focar toda nossa atividade nesta pessoa. Isto é, as emoções expressam nossos valores e atitudes mais profundas, bem como um profundo comprometimento com eles. Assim, podemos dizer que o componente avaliativo das emoções está conectado mais a um certo tipo de motivação do que a um certo tipo de comportamento.

O componente motivacional pode estar conectado ao comportamento de diferentes modos: a) como um desejo plenamente maduro, que é expresso no comportamento; b) como um desejo ou querer, que não é expresso no comportamento por causa de algum constrangimento externo; c) como um mero desejo, que não pretende ser traduzido em um comportamento real.

Primeiro, consideremos o exemplo do amor, uma emoção que inclui desejos maduros expressos em certas atividades como acariciar, aconchegar, considerar as necessidades e desejos do amado. Neste caso, nem todos os comportamentos citados são manifestados todas as vezes e em muitas instâncias do amor. Porém, a presença de outros modos de comportamento também pode sugerir a ausência de amor, como acontece quando alguém diz: “Se você realmente me amasse não se comportaria desse jeito”<sup>101</sup>.

Por isso, a despeito da conexão estreita entre as emoções e a motivação, nós não podemos dizer que cada emoção está associada com um comportamento específico. Algumas emoções estão mais conectadas com comportamentos específicos do que outras. Por exemplo, o comportamento do medo é mais facilmente identificado do que os de inveja e prazer, que são mais amplos. Algumas conexões entre motivação e comportamento são mais previsíveis do que outras. Por exemplo, a conexão entre a fome e o comportamento de comer é mais previsível do que a conexão entre medo e voar de avião. Assim, não parece interessante inferir que a grande vantagem evolutiva das emoções tenha sido permitir a um estímulo ser registrado e reagir sem comprometer o organismo. Na verdade, o comportamento é contingente ao estímulo, e não ditado por ele.

---

<sup>101</sup> Ibid.; p. 61.

Temos também os casos nos quais o componente motivacional expresso nos desejos e quererem não são traduzidos em um comportamento real por causa dos vários constrangimentos. Isto acontece, por exemplo, quando alguém que está sofrendo de paralisia total tem emoções, mas estas não são acompanhadas de qualquer atividade muscular. Nestes casos, a tendência a agir está presente, mesmo que não se traduza em uma ação. Ou, em outros casos, o comportamento de medo que pode estar associado ao de voar de avião, ou a agressão que normalmente está associada à raiva, sem que corresponda a um comportamento necessariamente. Isto é, há instâncias do medo e da raiva mesmo que esses modos de ação não ocorram por outras razões, como no exemplo do medo de voar de avião, no qual há casos em que a pessoa se distrai assistindo a um filme durante o vôo e o medo de voar acaba não vindo à tona. Portanto, a ausência de comportamento apropriado não implica necessariamente a ausência do componente motivacional.

Uma terceira forma de conexão entre o componente motivacional e o comportamento real, mais fraca aliás, ocorre quando nós temos um mero desejo. Diferente de um querer não prático, que não é traduzido em um comportamento real por causa de constrangimentos externos, um mero desejo não é manifestado por causa da natureza do desejo em si mesmo. Enquanto nos quererem práticos há uma intenção de executá-los, em meros desejos tais intenções estão ausentes. Assim, em qualquer desses casos, o componente motivacional das emoções está mais estritamente relacionado à tendência a agir do que ao comportamento real.

Retomando a relação entre desejo e motivação, surgem dois pontos de advertência quando aplicamos a ideia de ‘direção de fit’, ou seja, de adequação ao desejo emocional. O primeiro é que muitos de nossos desejos emocionais estão intimamente relacionados a nossa agência, isto é, frequentemente um desejo emocional não significa apenas que o mundo será mudado para adequar nossos desejos, mas quer dizer que o agente – a pessoa que tem a emoção – faz com que o mundo seja mudado pelo seu desejo. É como no famoso exemplo de Aristóteles de que não é apenas um desejo de vingança que está envolvido na raiva, você não apenas deseja que o outro sofra, você deseja fazer o outro sofrer.<sup>102</sup> Contudo, mesmo que a noção de realização de um desejo (no sentido de ser verdadeiro) seja o mesmo que a

---

<sup>102</sup> ARISTOTLE. Rhetoric 1378<sup>a</sup>30 In *The complete Works of Aristotle: The revised Oxford translation*. Edited by J. Barnes. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984 apud Ben Ze’ev, p. 63.

noção de satisfação desse desejo, a satisfação de um desejo não é o mesmo que a satisfação da pessoa. Isso acontece, por exemplo, quando eu desejo sorvete, mas percebo que comê-lo não me satisfaz.

A importante conexão entre as emoções e a tendência a agir é o que as torna uma ferramenta útil para persuadir as pessoas a tomarem um certo curso de ação, ao menos é isto o que Aristóteles<sup>103</sup> defende: que as pessoas são persuadidas a fazer algo quando suas emoções são mescladas. De fato, nós frequentemente explicamos e justificamos nossas ações por referência às emoções e somos frequentemente persuadidos por elas, como no caso da propaganda política que nos induz a votar em certo candidato apelando ao domínio primário de nossas emoções<sup>104</sup>.

A persuasão emocional não é totalmente desprovida de qualquer tipo de informação, mas de acordo com a natureza do componente cognitivo das emoções, estas informações são frequentemente parciais e superficiais. É evidente que a força persuasiva das propagandas políticas, como de outras comerciais, é facilitada pelo uso de meias-verdades e falácias lógicas que nos fazem pensar que estamos respondendo em bases de profunda informação mais do que de imagens emocionais<sup>105</sup>. E é evidente que, além disso, há uma forte indicação de que a natureza parcial e superficial dos anúncios e campanhas esteja associada à transmissão de trinta segundos, mais efetiva em sua habilidade de despertar um estado emocional do que em transmitir uma mensagem, o que necessitaria de sessenta segundos<sup>106</sup>.

---

<sup>103</sup> De acordo com Ben Ze'ev, o que a discussão que Aristóteles faz das emoções em sua *A Retórica* revela é a relação entre crenças e os desejos, ou mais amplamente entre reconhecimento e resposta. No qual a noção de resposta inclui não apenas pensamentos que motivam do mesmo modo que os desejos, mas elementos afetivos da emoção que também motivam. Deste modo, há em nossas experiências emocionais uma relação íntima entre o reconhecimento e a resposta emocional que precisa ser entendida. Ben Ze'ev, nota 9, p. 539.

<sup>104</sup> Bem Ze'ev sugere que um modo eficiente de provocar sentimentos positivos e negativos nos votantes é usar assuntos emocionais, tais como aborto e direitos civis. Mais do que discussões intelectuais sobre esses temas, slogans com apelo emocional são o coração da maioria das campanhas políticas. Ben Ze'ev, p. 62.

<sup>105</sup> Ibid.; p. 63

<sup>106</sup> De acordo com Ben: "*Commercial ads are also directed essentially at playing on our emotions. Their primary goal is not necessarily direct persuasion, but emotional impact whereby the viewers are made aware of the product and associate it with something desirable, such as sex appeal, that consequently triggers positive emotions. An advertisement can induce a happy mood and at the same time not give people too much time to think; it can incline a person favourably toward the product, independent of its merit or usefulness. Indeed, commercial ads often lack "hard" product information, such as material, price, or performance, and rely instead on techniques that emphasize stylistic features such as action, appearance, fun, or novelty. The seductiveness of advertising is evidenced by the fact that background music and the character of the person delivering the commercial message can significantly affect the viewer's evaluation of the product, by making us experience certain emotions.*" Ibid.; p.64.

A importância da disponibilidade à ação nas emoções é mais clara quando comparadas ao humor. Em contraste à orientação prática das emoções, o humor envolve uma atividade mais abstrata e menos proposital. Assim, no caso do medo e da raiva, nós nos preparamos, psicologicamente e mentalmente, quando pretendemos embarcar num avião ou fugir; já quando nós rimos de algo divertido, fenômeno distinto parece acontecer. De fato, no momento da risada nós ficamos temporariamente incapacitados, por isso nós frequentemente usamos o humor para bloquear emoções como medo, raiva e mágoa, ou mesmo para resolver algumas tensões.

Porém, de acordo com Ben, o humor não é uma brincadeira da natureza. Ao contrário, a sobrevivência de valores consiste, pelo menos em parte, como contrapeso da forte influência exercida pelas emoções e humores em nosso comportamento. Neste sentido o humor tem um funcionamento semelhante ao da arte, pois ambos se distanciam do ego e dos desejos ao nos incapacitarem de olhar a realidade a partir de uma perspectiva segura e um pouco diferente. Este distanciamento torna possível relaxarmos e enfrentarmos melhor a realidade. Assim, do mesmo modo que o riso, o choro pode parecer ter a função de interromper outro comportamento. Enquanto, o riso está associado à resolução de tensões ou de outras situações problemáticas, chorar está associado ao desamparo. Por isso, incidentalmente, as características faciais assumem configurações semelhantes quando nós rimos ou choramos<sup>107</sup>.

#### **2.1.4 O componente do sentimento**

Antes de começar a falar sobre esse componente é fundamental esclarecer como entendemos o termo “sentimento” já que ele possui diversos significados, tais como consciência das qualidades táteis, sensações corporais, emoções, humores, consciência em geral etc. Para o propósito deste trabalho, escolhemos designar sentimento como os modos de consciência que expressam nosso próprio estado e que não são direcionados a um certo objeto, isto é, não são o mesmo que emoções, que são intencionais. De acordo com Ben, a vida mental começa – tanto do ponto de vista

---

<sup>107</sup> DE SOUSA, R. *The rationality of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987 apud Ben Ze'ev, nota 40, p. 540.

evolucionário como pessoal – com estados de sentimentos, sendo que ele entende vida como uma sucessão de sensações agradáveis e desagradáveis<sup>108</sup>. No processo evolucionário, quando as capacidades intencionais se desenvolvem, a dimensão do sentimento normalmente torna-se parte de um estado mental complexo que também inclui a dimensão intencional. Contudo, não podemos dizer que há um estado de puro sentimento ou pura intencionalidade, pois estados mentais reais são experiências complexas que normalmente possuem tanto o sentimento como a intencionalidade.

Isto porque o sentimento tem como características a qualidade de ter dor e prazer associados a ele, e outras características variáveis como intensidade, duração e o lugar onde eles ocorrem. Parece razoável dizer que a maioria das pessoas experiencia a maior parte do tempo algum nível de prazer e desprazer, embora frequentemente de baixa intensidade. Uma das maiores dificuldades quando estamos falando de sentimento é a frequente associação com as emoções e vice-versa. Na fala coloquial, nós tendemos a dizer que nós sentimos uma emoção, por exemplo: “eu me senti envergonhada”. No entanto, na terminologia sugerida neste trabalho, nós não consideramos os sentimentos uma emoção, pois uma emoção é um estado complexo que envolve outros componentes ao lado dos sentimentos. Também não ignoramos que o termo “sentimento” é em inúmeros casos utilizado de uma forma figurativa, como vemos em expressões populares, tais como: “Eu sinto que ela esta correta”. Neste caso, a palavra “sentir” combina com uma atitude geral mais do que com um sentimento específico.

De acordo com Ben, os sentimentos têm um papel crucial nas emoções, e a proximidade dos sentimentos às emoções na linguagem cotidiana é uma forte indicação do importante papel dos sentimentos nas emoções. É uma vantagem estar consciente das súbitas mudanças associadas com as emoções e são os sentimentos que dão condições para que essas mudanças se tornem claras. Por isso, os sentimentos são mais observáveis e intensos nas emoções do que na maioria dos estados mentais, como assinala Ben<sup>109</sup>, devido à urgência e natureza excepcional das situações emocionais.

Contudo, pode parecer confuso aproximá-las tanto, sem identificar o ponto de diferenciação entre o sentimento e a emoção. Assim, por exemplo, tomemos a distinção entre prazer sexual e desejo sexual. Prazer sexual é basicamente um

---

<sup>108</sup> Ibid.; p.64

<sup>109</sup> Ibid.; p. 65.

sentimento que indica nossa situação prazerosa em relação ao sexo, assim, imaginar-se fazendo sexo ou se estimular está mais associado ao que chamamos de sentimento ou sensações corporais. Já o desejo sexual é uma emoção complexa que possui componentes intencionais dirigidos a um objeto. Portanto, os sentimentos são estados mais passivos diante da complexa experiência das emoções.

De um modo geral, as pessoas podem experimentar e identificar os sentimentos de uma certa emoção sem experimentar a emoção em si mesma<sup>110</sup>. Por outro lado, emoções diferentes, tal como tristeza e orgulho, podem ser distinguidas em virtude do componente do sentimento fronteiro entre eles. Já uma mesma emoção, tal como o amor, pode dividir uma variedade de sentimentos, e o mesmo sentimento pode ser dividido em diferentes emoções, como vergonha, remorso, pesar e culpa. Portanto, embora muitas emoções abracem uma variedade de sentimentos dentro de seu escopo, seu alcance é geralmente restrito a um conjunto particular de sentimentos característicos. Todavia, em qualquer um desses casos, nem todos os sentimentos podem ser unidos a todas as emoções.

Os sentimentos são frequentemente descritos como tendo um componente avaliativo, isto é, como se a dor envolvesse uma avaliação negativa e o prazer, uma avaliação positiva. Mas é importante distinguir entre uma dor complexa e a experiência de prazer de uma qualidade sentida que é um componente desta experiência. Assim, a experiência de dor, por exemplo, incorpora atitudes afetivas, tais como medo, ansiedade e hostilidade, que são componentes intencionais que envolvem uma certa avaliação. Mas os sentimentos não são intencionais, eles não têm um conteúdo cognitivo descrevendo um certo estado, eles são meramente uma expressão inicial de nosso estado corrente. A dor e o prazer são uma propriedade inerente ao sentimento. Por exemplo, a sensação de dor de dente não significa que a dor de dente é um estado intencional capaz de avaliar a condição do dente. Neste caso, a dor é uma autopercepção da condição do dente que inclui uma avaliação negativa da situação. Portanto, embora o sentimento seja percebido muitas vezes como que carregado de valor, ele não possui um estado intencional inerente a ele com uma certa avaliação.

Dois indicativos da ausência de componente avaliativo nos sentimentos são: a) a diferença entre sentir dor e desejar sentir dor; b) não podermos falar de sentimentos

---

<sup>110</sup> GAUS, G.F. *Value and justification*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 41-44.

em termos de razões. Por exemplo o caso dos masoquistas. Para que consideremos alguém como tal, é necessário que este alguém, mais do que sentir prazer com a dor, de fato a persiga, já que algumas pessoas, apesar de serem capazes de sentir dor e prazer, são desprovidas de atitudes avaliativas e por isso não podem ser consideradas masoquistas, pois para sê-lo é necessário considerar a dor como algo valioso e principalmente prazeroso. Isto é, para ser identificado como um masoquista é necessário desejar sentir dor. O mesmo acontece com qualquer pessoa que pode ter diferentes atitudes avaliativas através dos mesmos sentimentos, como, por exemplo, são as circunstâncias que determinam se nós gostamos ou não gostamos de ter cócegas.

Com respeito a sentimentos prazerosos, as atitudes são mais complexas e a correlação entre um sentimento agradável e um valor adaptativo positivo é mais flexível no caso dos seres humanos. Algumas vezes nós podemos até mesmo achar uma correlação inversa, quando, por exemplo, nós cedemos ao nosso apetite por doces, chocolate ou por bebidas alcoólicas. Ao contrário dos seres humanos, no caso dos animais essa correlação positiva é estrita, sendo os sentimentos normalmente não danosos a eles.

Dor e prazer em excesso são danosos aos seres humanos e parece que frequentemente ultrapassamos esses limites. Por exemplo: é desejável uma certa quantidade de iluminação para a visão, mas luz excessiva pode destruir nosso sistema visual. Do mesmo modo, a dor excessiva limita nosso comportamento e nos compele a parar, enquanto que um excesso de prazer impõe fortemente qualquer limite prático a nosso comportamento. Em um experimento bem conhecido, um grupo de ratos aprende a estimular a parte do seu cérebro que controla as sensações de prazer pressionando um pedal, tendo como resultado a constatação de que os ratos pressionam o pedal sem parar até morrerem de exaustão.<sup>111</sup>

Outro indicador da ausência do componente avaliativo nos sentimentos é que nós não podemos falar de nossas razões ou de fundamentos para experienciar um sentimento, como podemos falar no caso das emoções. Não faz sentido, por exemplo, perguntar a alguém sobre suas razões em ter dor de dente, bem como não faz sentido perguntar sobre as causas desses sentimentos. É, portanto, inútil tentar justificar ou

---

<sup>111</sup> OLDS, J. and Milner, P. Positive reinforcement produced by electrical stimulation of septal area and other regions of the rat brain. In *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 47, 1954, 419-428.

criticar os sentimentos do mesmo modo que fazemos com as emoções. Nós não podemos questionar a razão das pessoas em sentir dor de dente do mesmo modo que nós fazemos nas apreciações normativas. Portanto, embora os sentimentos sejam um importante fator para determinar nosso comportamento, eles mesmos são também modos de comportamento e não tendências de se comportar de certo modo. Como John Dewey ressaltou: “Eu não devo temer um homem que simplesmente possuía o ‘sentir’ da raiva”, pois ‘raiva significa a tendência de explodir, de um ataque rápido e não um mero estado de sentimento’”<sup>112</sup>.

A relação entre sentimento e emoção é como a de duas linhas paralelas, que caminham sempre juntas, mas nunca se encontram se encontram. No livro de Doris Lessing *Love, again*<sup>113</sup> encontramos várias passagens que nos mostram essa tênue ligação entre sentimento e emoção:

*Pois, se estava distante da dor, estava distante também (suas emoções insistiam) daquela intimidade que é como segurar uma outra mão na sua e sentir correntes de amor fluindo entre ambas”<sup>114</sup>; “Entendo agora o que quer dizer ficar doente de amor. (...) Meu coração dói, dói. (...) Não sabia que era possível sentir-se assim. (...) Acho que devo estar muito doente.(...) Meu coração está tão pesado que é difícil de carregar.”<sup>115</sup>*

Porém é nesse encontro entre emoção e sentimento que surge a dúvida:

*Por que uma ferida emocional se manifesta como angústia física? (...) Podia, com toda a facilidade, pular de um penhasco ou do topo de um prédio de apartamentos para acabar com isto. Quem se mata por amor quer é escapar da dor. Dor física. Nunca entendi isso antes. O coração partido.(...) Sem dúvida, é uma coisa bem estranha.”<sup>116</sup>*

---

<sup>112</sup> DEWEY, J. *The theory of emotion*. Psychological Review, 1, 1894, 553-569.

<sup>113</sup> LESSING, Doris. *Love Again*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>114</sup> *Ibid.*; p. 350.

<sup>115</sup> *Ibid.*; p. 330.

<sup>116</sup> *Ibid.*; p. 228.

### 2.1.5 Comparando os diferentes componentes

Vimos até aqui a descrição dos componentes das emoções separadamente e percebemos que, mesmo atendo-se à descrição particular de cada componente, eles estão interligados entre si. Assim podemos dizer que alguns ocorrem em momentos diferentes, enquanto outros coincidem. Porém, pode haver cognição sem avaliação? Ou uma avaliação positiva implica motivação? Há uma conexão lógica entre os componentes? De que modo o componente avaliativo pode ser considerado o principal componente na distinção das emoções, como pretendem assegurar as teorias da avaliação? Ao aceitar as “teorias da avaliação”<sup>117</sup>, podemos assegurar que: 1) os padrões avaliativos são capazes de distinguir uma emoção de outra?; 2) Os padrões avaliativos distinguem emoções de não emoções?

Primeiramente, de acordo com a descrição de Ben, enquanto os componentes intencionais estabelecem uma inter-relação entre si, o componente do sentimento não tem uma conexão lógica com os componentes intencionais, mas está diretamente associado a ele nas emoções. Na relação entre os componentes intencionais de avaliação e cognição, se, por um lado, a avaliação pressupõe um certo grau de cognição, nós não podemos avaliar algo sem ter alguma informação sobre o objeto ou situação, isto é, podemos dizer que a cognição, que contém informação descritiva sobre o objeto, vem logicamente antes da avaliação deste objeto, da avaliação normativa desse valor. Porém, a relação entre o componente cognitivo e outros componentes é contingente, pois o mesmo conteúdo cognitivo pode originar diferentes motivações e sentimentos.

No par avaliação-motivação, a avaliação ocorre antes da motivação, uma vez que normalmente a motivação implica uma avaliação anterior. Contudo, como Aristóteles afirma<sup>118</sup>, alguém pode avaliar algo como bom sem estar motivado a persegui-lo, pois a busca envolve consideração prática que pode resultar em diferentes tipos de desejos e em um conflito entre eles. Portanto, uma determinada avaliação positiva não implica necessariamente uma motivação correspondente à avaliação, bem

---

<sup>117</sup> Podemos traduzir ‘*appraisal*’ como avaliação ou apreciação, mas escolhemos chamar as ‘*appraisal theories*’ de teorias da avaliação, pois o termo apreciação é utilizado mais comumente em teorias estéticas.

<sup>118</sup> Ben Ze’ev, p. 67.

como o contrário, uma avaliação negativa de algo não implica necessariamente a não motivação por parte do agente. Mas seja a avaliação positiva ou negativa, isto se expressa provavelmente por uma certa motivação.

Deste modo, por um lado, o elo entre os componentes avaliativos, motivacional e dos sentimentos é mais rígido, pois todos esses componentes são combinados com a natureza positiva ou negativa das emoções, como a raiva, que inclui uma avaliação negativa de uma ação e que muitas vezes pode nos motivar negativamente à ação em direção a alguma pessoa, bem como a sentimentos de desprazer. Por outro lado, o elo entre esses componentes tem óbvias vantagens evolutivas e no caso dos sentimentos de prazer pode ser uma importante força motivadora para nos motivar a fazer coisas que nós avaliamos positivamente. Tome, por exemplo, o caso do sexo. Podemos dizer que sexo consome tempo, faz bagunça e é perigoso. Apesar disso, nós frequentemente cedemos ao sexo, que é positivamente avaliado à luz das considerações que se referem à reprodução, ao fato de aumentar a proximidade emocional, além de muitas outras vantagens para a saúde que têm sido constatadas. Assim, podemos dizer que o prazer faz o sexo valer a pena, pois propicia o benefício de que precisamos para balancear os custos consideráveis com a comunicação e com os conflitos que dela resultam.<sup>119</sup>

Estabelecidas as relações entre os componentes, podemos perguntar que componente das emoções é distinguível ou individualizável? Está claro que não é o componente cognitivo, pois um conteúdo cognitivo semelhante pode gerar múltiplas emoções, mesmo que sejam opostas. Por exemplo, uma informação sobre a aparência de alguém pode resultar em amor, desejo sexual, admiração ou inveja. Emoções não são geradas em presença de um evento cotidiano, mas emergem na presença de mudanças significativas. Assim, determinar o significado de uma mudança é basicamente uma tarefa mais avaliativa do que cognitiva. Portanto, a referência ao conteúdo cognitivo não é suficiente para distinguir diferentes emoções. De acordo com Descartes: *“The objects that stimulate the senses do not excite different passions in us because of the differences in the objects, but only because of the various ways in which they may harm or benefit us, or in general have importance to us”*<sup>120</sup>.

Deste modo, a despeito da prioridade lógica do componente cognitivo sobre o componente avaliativo, de acordo com Ben e muitos outros defensores da teoria da

---

<sup>119</sup> Ibidem.

<sup>120</sup> Descartes, 1649 apud Ben Ze'ev, p. 68.

avaliação, como Martha Nussbaum e Peter Goldie, o componente avaliativo é o componente mais importante das emoções, pois as emoções são basicamente atitudes avaliativas mais do que estados cognitivos. A ênfase sobre o componente avaliativo sugerido aqui não é uma nova direção explicativa. Isto pode ser achado em escritos dos filósofos antigos e contemporâneos, bem como de alguns psicólogos. De fato, hoje, teorias avaliativas são as mais influentes no estudo das emoções na filosofia e na psicologia. De acordo com essas teorias, a avaliação é o fator mais crucial das emoções e podem implicar pelo menos dois tipos diferentes de questões: 1) quais componentes favorecem a distinção entre as emoções?; 2) os padrões avaliativos podem distinguir emoções de não emoções?

Nós podemos distinguir dois tipos de teorias da avaliação: constitutiva e causal. No tipo constitutivo, que é uma versão fraca da teoria da avaliação, a avaliação é parte constituinte necessária aos estados emocionais. No tipo causal, a avaliação é constituinte necessária não apenas em estados emocionais, mas também como causa deles. Por exemplo no caso da alegria. Se por um lado a visão constitutiva reivindica que alegria pode incluir uma certa avaliação, por exemplo, uma avaliação positiva de minha situação presente; por outro lado a visão causal concorda com esta reivindicação, mas adiciona que tal avaliação é incluída na causa desta emoção – isto é, eu avaliei a produção positivamente *a priori* à emergência da alegria. Contudo, embora nas emoções a avaliação seja um elemento constitutivo e em alguns casos seja a própria causa, isto não é necessariamente assim, pois pode haver estados emocionais cuja geração não envolve nenhuma avaliação, como o caso nos quais as emoções são geradas apenas por causa de uma característica facial ou fisiológica adequada. Há alguma evidência de que alegria pode ser induzida por meras mudanças de configurações faciais, como um certo sorriso, porém, em tais casos, nós não devemos dizer que nós sorrimos porque estamos felizes, mas que nós estamos felizes porque sorrimos.

Esses casos são mais problemáticos apenas para o tipo causal da teoria da avaliação, mas não para o tipo constitutivo adotado por Ben, mesmo que em alguns casos a visão causal também seja válida. Muitas disputas acirradas concernentes ao papel da avaliação nas emoções podem ser resolvidas ao se clarificar a distinção entre os dois tipos de teorias da avaliação. Contudo, o intuito não é se ater apenas à teoria

da avaliação, mas mostrar de que modo a avaliação pode ser o fator mais crucial das emoções.<sup>121</sup>

Primeiramente, os componentes motivacional e do sentimento mostram um alto grau de correlação com a natureza das emoções no sentido de que elas podem indicar seu caráter positivo e negativo. Essencialmente, emoções positivas incorporam uma avaliação positiva, sentimentos prazerosos e o desejo de manter a situação. Emoções negativas incorporam avaliações negativas, sentimentos desprazerosos e o desejo de mudar a situação. Portanto, os componentes motivacional e do sentimento podem servir para distinguir algumas emoções.

Já as distinções no domínio motivacional normalmente refletem distinções no domínio avaliativo. Por exemplo, o componente motivacional é crucial ao fazermos a distinção entre piedade e compaixão, pois a disponibilidade para assistir o objeto é muito mais evidente na compaixão. Do mesmo modo, o componente avaliativo influencia o motivacional, pois piedade envolve avaliar o objeto como inferior a nós, enquanto que a compaixão assegura uma avaliação mais igualitária. Contudo, essas reivindicações, que não são claramente distinguidas por teóricos da avaliação, também não são necessariamente relatadas em suas teorias, principalmente porque aceitar uma delas não implica necessariamente a aceitação da outra.

Ben propõe que a diferenciação das emoções seja determinada por dois importantes aspectos da dimensão do sentimento: o prazer-desprazer e o excitação-calma, bem como sua intensidade. De acordo com esta proposta, a natureza de uma emoção depende da proporção do prazer e desprazer e da excitação e calma que é experienciada, enquanto que sua intensidade é determinada por valores absolutos de prazer e desprazer e de excitação e calma. Todavia, estudos empíricos, alguns dos quais feitos por proponentes desta visão, indicam que uma discriminação confiável

---

<sup>121</sup> De acordo com Ben Ze'ev, admitindo que a avaliação está presente tanto na causa emocional, como na experiência emocional, isto pode aumentar o problema de auto-causação. Isto é, como pode um evento ser a causa de outro evento do qual ele é parte? Se uma avaliação é tanto a causa e a essência de uma emoção, nós podemos assumir a auto-causação, ou seja, que um certo evento precede outro evento e é sua causa mas ao mesmo tempo é a causa do próprio evento. O resultado desse problema é que tanto a causa emocional e a experiência emocional são eventos complexos que incluem outros elementos ao lado da avaliação; uma avaliação é parte de ambos, a causa e a experiência. Não é o caso, por exemplo, dizer que avaliar alguém como bonito causa uma avaliação diferente e é também parte desta avaliação. Mas, avaliar alguém como bonito é um componente de dois estados mentais: primeiro, olhar a pessoa e achá-la atrativa, e, segundo, ter um desejo sexual em direção a esta pessoa. Os dois estados são experiências complexas tendo outros componentes junto deste componente comum de avaliação positiva. O problema de auto-causação surge apenas quando a causa e o resultado são do mesmo evento; este problema não surge quando um certo elemento está presente em ambos, a causa e seu resultado. Ben Ze'ev, p. 74.

entre as emoções meramente embasada nesses aspectos da dimensão do sentimento é impossível. Por exemplo, no caso dos estudos realizados em situações que apontam emoções de desapontamento, inveja e vergonha foram verificadas proporções semelhantes de prazer e excitação, mesmo considerando que elas são emoções claramente diferentes. Do mesmo modo, Ben acredita que basear a classificação das emoções apenas em componentes motivacionais também falha ao distinguir claramente todas as emoções.

Podemos assegurar que os componentes motivacional e dos sentimentos podem distinguir algumas emoções, mas nem todas podem ser distinguidas embasando-se nesses componentes. Os componentes motivacional e dos sentimentos podem especificar a natureza positiva e negativa de uma dada emoção mais do que o componente cognitivo, mas frequentemente eles não podem também especificar a natureza única de uma dada emoção. Na maioria dos casos, o componente cognitivo permite a grande variação de acordo com a natureza de uma dada emoção, como a mesma peça de informação pode evocar diferentes emoções. Mas é o componente avaliativo o meio mais confiável de distinguir entre diferentes tipos de emoções.<sup>122</sup>

Embora haja alguns elementos de semelhança em diferentes avaliações emocionais, a univocidade de cada emoção é determinada por um tema avaliativo específico, de acordo com sua posição negativa ou positiva. O componente avaliativo permite pelo menos especificar a variação da natureza de uma dada emoção. Com respeito aos outros três componentes, mesmo a mais detalhada especificação não evitará a possibilidade de duas diferentes emoções possuindo o mesmo componente cognitivo, motivacional ou do sentimento. Contudo, pode ser o caso de que distinções finas entre certos tipos de emoção exijam uma referência a algum outro componente ao lado da avaliação, mesmo que este componente fique longe de ser o melhor meio de diferenciar emoções. Deste modo, mesmo aceitando que o componente avaliativo seja o principal componente capaz de distinguir as emoções, existirá algum caso envolvendo uma mudança emocional, mas não avaliativa?

Considere-se, por exemplo, o caso no qual o amor de uma mulher pelo seu marido se transforma em antipatia. Mesmo que a apreciação de seu caráter pareça inalterado, ela pode ficar entediada por ele por manifestar as mesmas características familiares. Nestes casos, embora a mudança em sua atitude, de amor para antipatia,

---

<sup>122</sup> Ibid.; p. 70.

possa não envolver uma mudança na avaliação das características de seu marido, isto é, sua inteligência e boa aparência, sua antipatia envolve uma mudança essencial na avaliação de sua personalidade. Todavia, como propõe Ben, defensor da teoria da avaliação, tais casos não deveriam ser interpretados como a ausência de avaliação, mas como uma mudança avaliativa<sup>123</sup>, pois uma mudança básica em nosso estado emocional requer uma mudança no componente avaliativo.

A natureza diferenciada do componente avaliativo não significa que isso necessariamente constitui uma condição suficiente para a geração das emoções, ou seja, este não é o único critério de diferenciação de uma emoção e não emoção. Avaliar a morte de alguém como ruim está longe de caracterizar a experiência da emoção da tristeza. Os dois estados podem ser compartilhados em um componente cognitivo idêntico e uma avaliação semelhante, mas eles frequentemente diferem nos sentimentos e componentes motivacionais. Há muitas situações nas quais nós avaliamos algo como bom ou ruim sem sermos emocionalmente afetados por isso. Este é frequentemente o caso quando o evento produzido não é forte o suficiente, não parece real ou é irrelevante e remoto a nós. Por exemplo, alguém pode ter uma avaliação negativa da boa fortuna dos outros, mas se essa avaliação não é parte de um estado mais complexo, englobando características motivacionais e um certo tipo de sentimento, então, o estado resultante não é o mesmo da inveja. Um homem pode desejar estar em posição do Rei Salomão que teve mil esposas, mas sua atitude em direção a ele não é da inveja, pois ele não faz parte do seu grupo de referência, isto é, está presente o desejo, mas não a emoção.

Sendo assim, defender que as emoções possam ser distinguidas por seus componentes avaliativos, não implica reduzir as emoções a este componente. De acordo com Ben, emoções são estados complexos desenhados em um sutil equilíbrio dos diversos componentes e a presença do componente avaliativo sozinho – ou de qualquer outro componente – não é suficiente para a geração das emoções.<sup>124</sup> E mesmo outras teorias complexas, como a de Goldie, que veremos na seção seguinte, defendem que garantir exclusividade a algum componente das emoções é se distanciar de sua natureza e cair em inúmeros problemas, principalmente na redução tradicional das emoções a sentimentos ou apenas a cognições como propõem algumas teorias cognitivistas fortes. Contudo, quando a identificação da natureza de um estado

---

<sup>123</sup> Ibidem.

<sup>124</sup> Ibidem.

emocional está em questão, e não sua presença, então a referência ao componente avaliativo torna-se significativa, ao menos é o que apregoam os defensores da teoria da avaliação.

Uma avaliação negativa do azar sofrido por outra pessoa, por exemplo, pode ter um componente tanto de uma emoção como de um estado não emocional. Mas nós não podemos discernir os dois fenômenos com base em um padrão isolado. Quando nós consideramos o componente avaliativo completo – que inclui, em adição aos padrões conceituais, também a profundidade e a perspectiva particular de uma dada avaliação – discernir os dois fenômenos se torna possível. Ben pode negativamente avaliar a morte da mãe de Martha<sup>125</sup>, mas a avaliação de Martha é mais profunda, envolvendo uma perspectiva mais pessoal, um grande compromisso e uma forte ligação, já que se trata de sua mãe. De acordo com isso, apenas Martha, como filha, experienciará a tristeza, uma condição suficiente para a tristeza. Logo, não se trata meramente de uma avaliação negativa da morte de alguém, mas também de um tipo muito profundo de avaliação, indicando que a vida desta pessoa foi consideravelmente mudada em consequência desta morte. Assim, quando levamos em conta a natureza da avaliação em questão e, em particular, sua profundidade, nós podemos ser capazes de distinguir emoções de não emoções.

Outra questão que pode surgir ao perguntarmos se os padrões avaliativos distinguem emoções de não emoções é: o que nos faz avaliar uma coisa de uma maneira emocional e outras de uma maneira não emocional, isto é, o que designa um estado emocional de um evento produzido?

Primeiro que a presença dos quatro componentes básicos – cognição, avaliação, motivação e sentimento – é uma condição necessária, mas não suficiente para gerar as emoções. Uma emoção normalmente inclui cada um desses componentes. No entanto, uma situação pode surgir na qual todos os quatro componentes estejam presentes, mas nenhuma emoção é produzida, desde que estes componentes não sejam da intensidade exigida ou outras características das emoções estejam ausentes.

Segundo que, de acordo com Ben, os fatores avaliativos que determinam a intensidade emocional (que ele chama de “intensidades variáveis”) são a força do evento, a realidade, a relevância e as circunstâncias de fundo, tais como

---

<sup>125</sup> O exemplo da morte da mãe de Martha Nussbaum é feito em seu livro *Emotion as upheavals of Thought*, 2001.

controlabilidade, disponibilidade e merecimento.<sup>126</sup> Assim, ao tornar a força ou a profundidade das avaliações emocionais como critério para distinguir emoções de não emoções, nós admitimos que não há uma fronteira clara entre elas e que elas se diferenciam em função do grau. Consequentemente, podemos dizer que há uma diferença óbvia entre estados emocionais e não emocionais, mas há também uma grande área cinzenta cuja classificação é em certa extensão arbitrária e, portanto, não é possível fazer uma distinção precisa entre estes e outros estados.

Contudo, assumindo que há um *continuum* de profundidade avaliativa é importante distinguir os diferentes graus de intensidade emocional. Por exemplo, eu posso sinceramente sofrer ao ouvir sobre a morte de um amigo, mas minha tristeza pode não ser tão intensa quanto a de ouvir que meu irmão foi morto na guerra. Neste caso, notamos que permitir que o componente avaliativo, nesse sentido fronteiro, seja capaz de distinguir uma emoção de outra e uma emoção de uma não emoção não implica a identidade da emoção com tal avaliação. O juízo avaliativo “a pessoa mais bonita do mundo” pode distinguir Gisele Bündchen de outra pessoa no mundo, mas também pode identificar a própria Gisele Bündchen. Do mesmo modo, uma emoção é um estado muito mais complexo que uma mera avaliação e isto inclui um equilíbrio sutil de outros componentes e características. Cada fator emocional pode ser descrito como tendo um certo peso, e um aumento significativo no peso de um fator pode reduzir o peso de outros fatores e assim perturbar o equilíbrio sutil emocional. Por exemplo, a diferença entre raiva e uma avaliação negativa não emocional de um ato particular pode ser expressa pelo fato de que a esta última falta a intensidade mínima dos componentes do sentimento e motivacional que são típicos das emoções.

Portanto, a presença de uma correlação geral entre avaliação, motivação e sentimento não é sempre óbvia. Uma razão é a natureza composta e diversa das emoções, pois, desde que objetos emocionais são complexos, nós podemos avaliar alguns desses aspectos positivamente e outros negativamente e, portanto, as emoções podem ter tanto componentes positivos como negativos. Por exemplo, uma mãe pode ter sentimentos mesclados em relação ao casamento de sua filha, isto é, ela pode estar contente com a felicidade de sua filha, mas triste de perdê-la. Amor não é sempre prazeroso, pois pode envolver o medo da perda. Do mesmo modo, o ódio nem sempre

---

<sup>126</sup> Ben faz um debate mais amplo sobre os fatores avaliativos no capítulo 5, mas por ora ficamos na descrição resumida dos fatores. Ben Ze'ev, p.71.

envolve apenas dor, pois pode nos prover da oportunidade de nos livrarmos de emoções negativas.<sup>127</sup>

Uma atitude emocional complexa inclui tanto elementos negativos como positivos dos componentes de avaliação, motivação e sentimento. Portanto, há situações nas quais uma correlação geral entre todos os componentes, positivos e negativos, de uma dada emoção parece estar ausente. Pode haver uma situação na qual uma avaliação negativa pode parecer estar relacionada com um componente positivo da motivação e de sentimentos prazerosos. Em tais situações a correlação geral não existe, mas os vários componentes estão erroneamente conectados. De fato, todos os componentes positivos estão relacionados uns com os outros e também com os componentes negativos. Se nós avaliamos positivamente um amor, então esta avaliação está conectada com o sentimento de prazer e o desejo de estar com tal pessoa, mas nós podemos também avaliar negativamente a possibilidade de perder o amado. Esta avaliação está conectada com um sentimento de desprazer e um tipo diferente de atitude motivacional. Ou seja, tanto uma avaliação negativa como positiva são parte da complexa emoção do amor, e em ambas a correlação geral está presente. Contudo, quando nós dizemos que o amor é basicamente uma emoção positiva, nós queremos dizer que a avaliação positiva e seu componente motivacional positivo associado ao sentimento de prazer são mais essenciais ao amor do que os elementos negativos. Apesar da frequente presença de elementos conflitantes nas emoções complexas, nós podemos, todavia, caracterizar esses casos tanto negativamente como positivamente.

### **2.1.6 Dificuldades e objeções**

Muitas teorias das emoções se esforçam em reduzir as emoções a um componente básico ou excluem um certo componente da natureza essencial das emoções. Tais esforços podem ser encontrados ao longo da história da Filosofia, sugerindo um dos quatro componentes básicos das emoções, ou seja, cognição, avaliação, motivação e sentimento. Sentimento e cognição são frequentemente

---

<sup>127</sup>Ibid.; p. 73.

descritos como dois componentes básicos das emoções, intercalando a disputa sobre qual deles é o componente mais essencial no sentido de ser a condição necessária e suficiente para as emoções. Esta disputa parece simples por duas razões importantes. A primeira razão é que nenhum componente é a condição necessária e suficiente para a geração das emoções, ao menos na proposta de Ben, apesar de, como sugerimos no item anterior, o componente avaliativo servir para distinguir entre diversas emoções. A segunda razão é que a dimensão intencional acrescenta componentes avaliativos e motivacionais ao componente cognitivo.<sup>128</sup>

Assim, vamos agora ver quais são os argumentos propostos por aqueles que pretendem defender o componente motivacional como componente essencial das emoções. Tomás de Aquino e algumas teorias comportamentalistas das emoções, como as expressas por Watson e Skinner e mais recentemente por Oatley<sup>129</sup>, sugerem a importância do impulso (motivacional) para explicar as emoções. No entanto, a despeito da importância da prontidão para agir que é peculiar às emoções, elas não devem ser reduzidas a um nível de comportamento ou um quase-comportamento. A dificuldade em tais defesas é que em algumas experiências emocionais, por exemplo a experiência estética, o papel do componente motivacional não é totalmente evidente. De acordo com Ben, experiências estéticas tais como ouvir uma música ou olhar uma pintura não são muito mais do que um trabalho de arte, uma apreensão sem interesse. Embora algum tipo de componente motivacional – por exemplo, o desejo de preservar uma certa situação prazerosa – possa estar presente em muitas experiências estéticas, estas estão longe de serem consideradas essenciais. Experiências estéticas também não são emoções no sentido de que elas não são geralmente dirigidas às pessoas. Isto é, a intencionalidade dos componentes cognitivo e avaliativo nas experiências estéticas parece semelhante em sua generalidade aos humores, humores diferentes nos quais o componente motivacional está frequentemente ausente ou pelo menos não é dominante.

No caso das emoções direcionadas às pessoas ou interesses gerais do passado, a identificação do componente motivacional também é problemática, pois seu aspecto prático não é tão óbvio. No caso das experiências estéticas do passado, o componente motivacional parece perder as implicações práticas imediatas quando relacionado a

---

<sup>128</sup> Ibid.; p. 74.

<sup>129</sup> OATLEY, K. *Best laid schemes: The psychology of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992 apud Ben ze'ev nota 51, p. 542.

um reino imaginário. No entanto, minha admiração por Aristóteles ou meu ódio a Hitler asseguram tipos diferentes de comportamento na situação imaginária na qual eu os conheci. Isto também pode ter algumas implicações para meu comportamento presente, por exemplo meu desejo de imitar Aristóteles ou me comportar de um modo que seja muito diferente do comportamento de Hitler.

Emoções em direção ao passado são nesse sentido semelhantes às emoções em direção a figuras ficcionais. Em ambos os casos, o componente motivacional está presente, mas está basicamente focado em nosso comportamento imaginário. No ‘olhar em direção ao futuro’ estão presentes emoções que contêm o elemento de espera, enquanto que ‘olhar ao passado’ são emoções que contêm o elemento do desejo de retorno a uma situação do passado. Como William Lyons sugere, alguém pode desejar que uma pessoa morta volte à vida, mas tal pensamento cheio de desejo não implica um impulso para agir. Esse desejo pode ser fútil, mas não é necessariamente ilógico.<sup>130</sup>

Em contraste àqueles que consideram a motivação como componente emocional definidor, outros reivindicam que a motivação não é essencial às emoções. De acordo com a explicação que fizemos acima, sobre o papel do componente motivacional para eventos do passado e do futuro, as emoções não são acompanhadas por um desejo possível que é expresso no comportamento real, contudo, elas envolvem um desejo, um querer, uma vontade que não pode ser expressa no comportamento real ou não pode ser traduzida em comportamento real. Neste caso, algum tipo de componente motivacional sempre está presente nas emoções.

Todavia, alguns podem assegurar que um desejo em si mesmo não é uma emoção, mas de preferência um componente motivacional de um estado emocional complexo. Emoções incluem tal componente, mas o desejo também é parte de estados não emocionais. O desejo de ir dormir não é nem uma emoção, nem um componente de uma emoção. Desejos podem ser desprovidos da dimensão do sentimento, enquanto as emoções normalmente não são. De acordo com isso, há desejos diferentes, mas não emoções diferentes. Eu posso desejar comer quando eu estou sentindo fome e também quando eu suponho que não terei chance de comer algo por

---

<sup>130</sup> Ben Ze’ev cita Reizenzein e Sherman para aprofundar sobre o papel complexo do componente motivacional das emoções. REISENZEIN, R. “Emotional action generation.” In W. Battmann and S. Dutke (Eds.), *Process of the molar regulation of behaviour*. Lengerich, Germany: Pabst Science, 1996. SHERMAN, N. “The emotions.” In W. Reich (Ed.), *Encyclopedia of bioethics*. New York: Macmillan, 1995, 664-671.

algum tempo, ou ir dormir quando eu ainda não sinto sono, porque sei que devo acordar cedo no dia seguinte para pegar o avião<sup>131</sup>. Portanto, emoções são estados complexos, incluindo muitos outros componentes junto do desejo.

Em oposição aos que querem assegurar o componente motivacional como essencial, muitos psicólogos, entre eles William James, propõem que os sentimentos e o comportamento sejam o componente essencial das emoções. De acordo com esta perspectiva, as emoções não são nada mais do que: a) sentimentos corporais; b) o resultado de algum comportamento. Assim, os proponentes desta visão defendem que a felicidade é nada mais do que um certo sentimento e que nós sorrimos não porque estamos felizes, mas nós somos felizes porque sorrimos.

Duas afirmações básicas desta visão parecem um pouco equivocadas. Uma porque nós temos visto que as emoções são muito mais complexas do que simples sentimentos corporais, apesar de muitas vezes se associar a eles. A afirmação de que sentimentos são resultados de comportamentos emocionais parece ser um erro também, pois nós podemos adotar um certo comportamento emocional, um sorriso por exemplo, sem ter uma experiência emocional de felicidade. Um exemplo desta objeção comum ao comportamentalismo é que muitas pessoas – tais como recepcionistas, comissários de bordo – devem se comportar de um modo que é incompatível com o que eles sentem. Portanto, o papel essencial dos componentes intencionais nas emoções indica porque nós não devemos identificar as emoções apenas com os sentimentos que não são intencionais.

Podemos até dizer que, ao nos comportarmos de um modo típico de uma certa emoção, nós podemos experimentar a emoção correspondente, mas este não é necessariamente o caso. Quando sorrimos nós podemos nos sentir alegres, mas podemos também continuar tristes. Se de fato um sorriso é necessariamente correlacionado com o estado psicológico da felicidade – uma proposta um pouco duvidosa – então nós não sorrimos porque estamos felizes, nem nós estamos felizes porque sorrimos, felicidade e o ato de sorrir são expressões de um mesmo evento.

Muitos ainda defendem ser de fato pouco comum para nós termos emoções sem experimentar qualquer sentimento. Mas, de acordo com Ben, temos três tipos de emoções nos quais parecem faltar o componente dos sentimentos: 1) emoções duradouras; 2) emoções calmas; 3) emoções inconscientes. É, portanto, necessário

---

<sup>131</sup>Ben Ze'ev, p. 76.

para qualquer teoria que pretenda apontar os sentimentos como essenciais às emoções mostrar que esses fenômenos não são emoções ou que não falta a eles a dimensão do sentimento.<sup>132</sup>

Emoções duradouras são aquelas que se estabelecem por um longo período de tempo, mas enquanto nós falamos sobre experienciar uma emoção por um longo período de tempo nós não assumimos que de fato sentimos a emoção sobre a completa amplitude do tempo. Do mesmo modo, quando nós dizemos que Susan é boa, nós não dizemos que ela continuamente está ocupada com suas atividades de assistência. Ela pode assistir à TV, trabalhar em uma fábrica e fazer uma variedade de outras coisas que podem não ter nada a ver com sua bondade. Apesar da ausência das atividades de assistência, nós podemos ainda dizer que Susan tem uma personalidade com um traço duradouro de bondade. No entanto, nós podemos concluir que atividades assistenciais não estão essencialmente conectadas com bondade. Do mesmo modo, o amor duradouro de um homem por sua esposa não tem que envolver um sentimento intenso contínuo, mas isto não significa que seu sentimento não é essencialmente próximo ao constante, isto é, que ele experiencie a emoção duradoura do amor.

Emoções calmas, tais como esperança e gratidão, também parecem às vezes não conter o componente do sentimento, contudo, há emoções nas quais o componente do sentimento é menos dominante que em outras, sem que isto implique que elas careçam de qualquer tipo de sentimento. O componente do sentimento na esperança e na gratidão pode ser menos significativo do que na raiva e no medo, mas ele está presente em ambos os casos.

Como nós vimos anteriormente, a dimensão do sentimento é composta pelo menos de dois *continuums*: prazer e desprazer, excitação e calma. As emoções são normalmente caracterizadas por suas posições extremas em cada *continuum*, isso enquanto o prazer-desprazer *continuum* está relacionado a elas. A maioria das emoções também envolve um alto grau de excitação, mas em algumas situações elas podem conferir um alto grau de calma.

Assim, o terceiro grupo de emoções que parecem contradizer o nó essencial entre emoções e sentimentos consiste nas emoções chamadas inconscientes. Ben sugere que as emoções chamadas inconscientes de fato se referem às emoções cuja natureza não é clara, enquanto muitos de seus componentes são conhecidos:

---

<sup>132</sup>Ibid.; p. 76.

*“Unconscious emotions” do not refer to an experience in which we are not aware of all four basic components of emotions, but rather to a situation in which what seems to be unconscious is better described as referring to the unknown, not realized, or mistakenly identified nature of the given emotion. In this case, we do not have to assume the existence of an emotion which has no feeling component.*<sup>133</sup>

Do mesmo modo que a identificação das emoções com os sentimentos pode ser rejeitada, a tentativa de tratar da importância da dimensão do sentimento na emoção pode ser desencorajada. Sentimentos são mais do que acompanhamentos frequentes das emoções, eles são elementos constitutivos, pois têm um papel crucial em expressar a urgência de situações emocionais. Como podemos notar na passagem de *Love, again* de Doris Lessing sobre o que seria uma das últimas partes da desilusão ou perda no amor:

*Estava até tomando aspirina para a dor física da mágoa. Entre uma coisa e outra havia longos períodos vazios em que não sentia nada. Um mundo morto, seco. Pelo menos não sentia dor então, seu coração não estava tão pesado a ponto de precisar estar sempre em movimento ou mudando de posição para aliviar o peso. Nesses momentos de desolação e vazio, comportava-se consigo mesma como a gente se comporta com pessoas que têm uma deficiência ou uma doença que provoca súbitos ataques de dor: sempre alerta contra qualquer coisa que pudesse 'provocar o ataque': versos de algum poema emocional, a imagem de uma árvore escura contra o céu estrelado, uma canção sentimental...*<sup>134</sup>

## 2.2 EMOÇÕES COMO PARTE DE UMA NARRATIVA

Depois de ter examinado a teoria complexa de Ben Ze'ev, nesta seção nosso objetivo é fazer um breve esboço da teoria de Peter Goldie, que também vê as emoções como um fenômeno complexo que envolve sentimentos, mas que defende o sentimento como uma parte que não podemos eliminar da intencionalidade da experiência emocional.

---

<sup>133</sup> Ibidem.

<sup>134</sup> Lessing, p. 337.

De acordo com Goldie, as emoções são complexas, episódicas, dinâmicas e estruturadas. Normalmente envolvem diferentes elementos, tais como episódios da experiência emocional, incluindo percepções, pensamentos e sentimentos de vários tipos<sup>135</sup>. Sua perspectiva também defende que uma emoção é um estado complexo relativamente mais duradouro do que um episódio emocional, que inclui vários episódios passados da experiência emocional, bem como vários tipos de disposições para pensar, sentir e agir, os quais se mesclam e interagem dinamicamente. E o que equilibra esses diversos elementos é que são parte de uma narrativa.<sup>136</sup>

A tentativa de Goldie e de muitos outros que propõem uma versão híbrida<sup>137</sup> das emoções é dirigida às teorias que reduzem as emoções aos aspectos cognitivos, que como já vimos no primeiro capítulo são acusadas primeiramente de uma super-intelectualização das emoções e de buscarem sua força em um modelo explicativo racionalizante quando o melhor caminho é uma explicação que as torne inteligível.<sup>138</sup> A segunda acusação é a de que parece contra-intuitivo defender que os julgamentos sejam não apenas elementos constituintes necessários da emoção, mas também suficientes em sua constituição, excluindo os sentimentos como parte delas.

Diante disso, Goldie introduz a noção de *'feeling toward'* na qual ele pretende encontrar um lugar adequado para os sentimentos na experiência emocional, pois como ele mesmo diz: *"Feeling towards is, I say, essentially intentional psychological phenomenos with a special sort of emotinally laden content, and it is also one which essentially involves feeling"*. Ele defende que podemos ficar com a perspectiva tradicional de que a intencionalidade é essencial para a emoção, mas temos de colocar o sentimento no lugar certo, como uma parte que não podemos eliminar da intencionalidade da experiência emocional. Deste modo, o que acontece no estômago não tem nenhuma relação com a crença, mas sim com os sentimentos. Tanto a intencionalidade como outros sentimentos são parte das emoções, mas não é

---

<sup>135</sup> GOLDIE, Peter. *The Emotions: A Philosophical Exploration*. Oxford University Press, 2000, p. 5.

<sup>136</sup> Goldie, p. 12-13.

<sup>137</sup> Outra teoria não menos interessante que trata as emoções como um fenômeno complexo é a de Justin Oakley, em seu livro *Morality and the emotions*, que entende as emoções como um fenômeno complexo que envolve elementos dinamicamente relacionados de cognição, desejo e afetividade. As emoções são sentimentos corporais ou psíquicos, ou pelo menos afetos corporais e psíquicos. Ou seja, as emoções são combinações de afeto e cognição, ou talvez o que ele chama de 'cognições afetivas'.

<sup>138</sup> De acordo com Goldie: *"(m)uch philosophical work on the emotions tends to over-intellectualize emotional thought, feeling, and action, seeking to force them into the mould of rationalizing explanation when often the best one can hope for is an explanation which makes them intelligible. So either as appropriateness and proportionality are concerned, the notions have ethical dimensions which go beyond mere questions of rationality, and which allow for considerable cultural variation through the education of the emotions"*, Goldie, p. 3.

necessário que estejam relacionados a crenças, por isso ele cria o termo *feeling toward*, que como vimos é um fenômeno psicológico essencialmente intencional com um tipo especial de conteúdo emocionalmente carregado, e isto também é algo que essencialmente envolve sentimentos.

Muitos filósofos que discutem a intencionalidade das emoções procuram capturar esta intencionalidade em termos de crenças, ou crenças e desejos.<sup>139</sup> De acordo com Goldie isso é um erro, pois eles correm o risco de deixar os sentimentos fora da experiência emocional, pois as crenças e desejos podem não envolver nenhum sentimento. Eles podem, talvez, ser caracterizados impessoalmente, sem qualquer referência ao que se relaciona ao ponto de vista ou perspectiva da pessoa que está experienciando a emoção. Isto é, quando temos uma emoção, haverá frequentemente crenças e desejos que podem estar relacionados a mim, mas o erro é pensar que essas crenças e desejos nunca envolvem sentimentos.

O que Goldie quer é enfatizar um elemento intencional que não seja nem crença nem desejo, e que a experiência emocional é mais fundamental do que qualquer um deles. Esse tipo de elemento intencional envolve sentimentos que são direcionados para os objetos no mundo, eles são o *feeling toward*. Assim, esse elemento tanto é tanto intencional como envolve sentimento. Isto é, a relação entre uma emoção e as crenças envolvidas não é contingente, há relações conceituais entre uma emoção e as crenças que a fundamentam. E também podemos dizer que é possível que nenhuma crença relevante esteja presente quando, por exemplo, o medo de um touro é experienciado.<sup>140</sup>

Uma emoção envolve mais do que apenas estabelecer crenças que putativamente a fundam. Emoções podem envolver certo querer ou um desejo, o que Goldie às vezes chama de desejo emocional. E essa é a defesa feita por Robert Solomon, na qual “minha vergonha é meu julgamento ao efeito de que eu sou responsável por uma situação ou incidente inconveniente”.<sup>141</sup>

Crenças e desejos são frequentemente contrastados em termos de “direções de *fit*”. De acordo com Marks Platts:

(...) crenças objetivam a verdade, e sua verdade é sua adequação ao mundo, (...) crenças devem ser mudadas para se adequar ao mundo,

---

<sup>139</sup> Davidson entre outros.

<sup>140</sup> Goldie, p. 22.

<sup>141</sup> Solomon, 1993, p. 187.

*não vice-versa. Desejos objetivam a realização, e sua realização é o mundo adequando-se a eles (...) o mundo, de forma bruta, deve ser mudado para se adequar aos nossos desejos, não vice-versa.*<sup>142</sup>

Esse modo de contrastar crenças e desejo é, como Platts justificadamente insiste, muito metafórico, mas ele salienta a regra das crenças e dos desejos de explicar ações, exemplificando-os em raciocínios meios-fins, isto é, o desejo está objetivando um certo fim, e a crença diz respeito a alguns meios de alcançar esse fim.

Uma importante diferença entre as perspectivas de Nussbaum e Goldie é a noção de narrativa que ele introduz, pois diz respeito à diferença entre as explicações proposicionais e não proposicionais das emoções. De acordo com a perspectiva proposicional de Nussbaum, podemos dizer que a emoção em relação a um mesmo objeto pode mudar, pois há a possibilidade de diferentes julgamentos. Por outro lado, nas perspectivas não proposicionais não é o julgamento que muda, mas a narrativa vai modificando a relação com o objeto, pois a forma de contar o evento vai se modificando junto com a narrativa e, assim, altera a emoção.

A noção de narrativa é entendida como algo que ajuda a dar sentido à nossa vida. Isto é, nossas vidas têm uma estrutura narrativa, o que significa dizer que “elas incluem uma abertura, a sequência estruturada de ações, eventos, pensamentos e sentimentos relacionados ao ponto de vista individual”<sup>143</sup>. A narrativa nos ajuda a desenhar de forma inteligível os vários elementos da experiência emocional (pensamento, sentimento, mudança corporal e expressão) capacitando-nos a vê-los como partes de um episódio estruturado. Assim, de acordo com Goldie, a verdadeira narrativa não é simplesmente um sistema interpretativo, utilizado apenas para falar sobre a vida de uma pessoa, mas é o que chamamos de vida.<sup>144</sup>

Para Goldie, a narrativa funciona tanto como uma forma de nos capacitarmos para perceber a regularidade ou padrão causal nos diversos cursos de ação que nós escolhemos, como também parte dos processos diários de nosso pensamento, revelando quais são nossas escolhas e qual o tipo de agente aspiramos ser. Assim, quando pensamos partes de nossa vida (ou mesmo nossa vida toda) em termos de uma estrutura narrativa, ela funciona como um instrumento indispensável para compreender nossas experiências emocionais e o modo no qual elas coincidem. Ao

---

<sup>142</sup> PLATTS, M. *Ways of meaning*. London: Routledge, 1979, p. 256-7.

<sup>143</sup> *Ibidem*.

<sup>144</sup> *Ibid.*; p. 5.

ver a sequência de eventos que constituem nossa vida contada em uma história, nós aumentamos nossa compreensão sobre o modo como nossa perspectiva interna e externa influencia nossas vidas e personalidades, sendo capaz de formar uma explicação completa do que nós somos.

Finalmente, outro importante aspecto tratado por Goldie, mas que também é comum na perspectiva de Nussbaum, é a noção de perspectiva pessoal que, de acordo com Goldie, é aceitação de um ponto de vista que pode ser contado a partir da primeira e terceira pessoa, e tem de ser distinguido de uma instância impessoal dada pelas ciências empíricas, que não permite uma perspectiva em primeira pessoa. Isto é, Goldie tem como objetivo mostrar que as narrativas em primeira pessoa não são nem inteligíveis, nem subjetivas para outras pessoas que estejam envolvidas na experiência emocional, sendo possível incluir a experiência emocional pessoal.

## **CAPÍTULO 3**

### **3 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA DETERMINAÇÃO DA AÇÃO**

Como apontamos na introdução, o papel das emoções na agência moral tem sido negligenciado por conta de algumas compreensões equivocadas da natureza das emoções, tais como a ideia de que as emoções são irracionais, passivas, apenas corporais e têm um impacto insignificante nas ações. Deste modo, esta tese tem como objetivo principal abordar o papel das emoções na agência moral. Isto é, mostrar que as emoções nos reservam não apenas um papel importante, mas crucial na explicação da ação, pois como diz Blackburn é em nossas reações às coisas e na motivação que sentimos que se torna a ética um assunto prático. E se existe algo como o conhecimento ético, ele é prático e neste caso diz respeito a saber como agir. Assim, a preocupação da ética parece ser mais a de conhecer como nós agimos e a quem admiramos do que saber quando uma ação é ética. A ética entendida deste modo se preocupa em entender o quê e por que evitamos ou toleramos algo, ou que atitudes exigimos de nós mesmos e dos outros. E isto, antes de tudo, implica saber como nós respondemos às situações, ao nosso comportamento e ao do outro e, principalmente, como respondemos às normas, pressões, deveres, valores e comportamentos que foram ensinados pela sociedade da qual fazemos parte.

Este modo de compreender a ética nos interessa porque trata de apresentá-la sob um ponto de vista particular, da personalidade ou da psicologia do agente, ou seja, de o modo como o agente se torna sensível a diferentes aspectos em determinadas situações. E também porque possibilita que as emoções tenham um papel fundamental nas escolhas dos agentes e principalmente em suas ações ampliando concepções éticas que reduzem as emoções a um papel secundário.

Quando nos vemos diante de uma situação na qual estamos incertos em relação ao que fazer, inúmeras considerações vêm à mente. Estas considerações representam as características da situação, quer dizer, são aspectos da situação sobre o

que nós pensamos, como nós deliberamos. Esses conteúdos são algumas vezes pensados como objetos intencionais do desejo, mas isto parece perigoso, pois algumas vezes nós agimos não do modo que nós queremos agir, mas do modo que nós sentimos que temos de agir. De acordo com Blackburn, nós somos mais resignados a agir de um certo modo do que ativamente a querer fazer desse modo. Nós na maioria das vezes fazemos mais o que temos de fazer ou o que a sociedade estabelece como correto em vez do que nós queremos de fato fazer. E é neste momento que se instaura um grande conflito, principalmente quando as normas da sociedade se mostram incoerentes em relação ao que acreditamos ser correto fazer. E uma vez que qualquer consideração tem um efeito em nossa disposição para agir, então nós podemos dizer que temos um agente que pode ser descrito como preocupado com suas escolhas.

Quando estamos falando sobre modos de ver o mundo e consideramos as emoções como julgamentos avaliativos, como vimos nas teorias tratadas no primeiro capítulo, ressaltamos os aspectos ativos das emoções e passamos a compreender de que modo as emoções nos movem à ação. As emoções não são apenas reações a eventos e coisas que nos acontecem, isto é, elas não são algo que simplesmente acontecem, que sofremos, não somos vítimas da tempestade de nossas paixões. Nós somos agentes de nossas emoções e isto não significa dizer que nós deliberamos ou escolhemos nossas respostas emocionais imediatamente, mas que a questão da agência aqui levantada envolve diferentes tipos de respostas. Depende de nossas habilidades em nos guiar, nossa autoconfiança e principalmente de nossa experiência anterior, isto é, nossos hábitos, mesmo que não conscientes. As emoções não são reflexos, mas respostas a certas situações, elas são processos dentro dos quais fazemos várias escolhas e por isso podemos mudá-las.

Nossas emoções não são apenas uma consciência de nossos estados corporais e viscerais. Como vimos na defesa de Solomon, ter uma emoção é um pouco diferente, se não distinto, de experienciar uma emoção, pois mesmo a resposta emocional mais primitiva envolve algum tipo de reconhecimento, isto é, uma forma de cognição como um estímulo inicial. As emoções não são meras respostas corporais automáticas, elas são modos de olhar o mundo. Este panorama das emoções pretende mostrar que nós podemos ver nossas relações cognitivas com o mundo, nossa capacidade de representá-lo em parceria com o mecanismo das emoções e do afeto. Assim, como defende Blackburn, em oposição às reações automáticas, uma concepção da ética com base em estímulos e respostas sustenta que a distinção entre

um contexto específico e uma ação moral é feita de acordo com os estímulos e as respostas, que são identificadas através de uma conduta ou da expressão de emoções pertinentes. Isto é, nossas disposições emocionais e representações agem juntas para resultar em ação, sem sermos capazes de alcançar qualquer resultado sem elas.

Como vimos no primeiro e segundo capítulos, há diferentes modos de pensar as emoções. Elas podem ser pensadas apenas como sensações corporais, e por isso carentes de conexões seguras com a racionalidade, deixando de lado seu conteúdo cognitivo, valorativo e desiderativo. Mas podem, ao contrário, ser pensadas como julgamentos ou como um fenômeno complexo de intencionalidade e sentimento. Assim, depois de termos apresentados algumas teorias das emoções que veem as emoções como parte da nossa racionalidade, nosso objetivo neste terceiro capítulo é explicar o papel das emoções para a agência moral, pois quando esclarecemos a natureza das emoções, isto é, que lugar os componentes cognitivos e os sentimentos ocupam na estrutura mental e física do agente, podemos enfatizar o papel ativo das emoções como respostas a uma situação e frutos de escolhas, ao invés de associá-las a um mero reflexo, a uma passividade de meras sensações corporais involuntárias.

Podemos entender as emoções sob diferentes perspectivas: neurológico-fisiológica, comportamental, social, experimental, prática e moral, e, tal como Solomon, Ben Ze'ev, Goldie e Blackburn, acreditamos que elas não são distintas e não estão em competição. Entretanto, enquanto o objetivo do primeiro e segundo capítulos era o de entender a natureza das emoções e, portanto, quais são seus aspectos ou componentes, neste capítulo temos o objetivo de olhar para as considerações morais e práticas das emoções.

Há pelo menos duas formas diferentes de compreender o papel das emoções na escolha: estabelecendo qual o seu papel na tomada de decisão e descobrindo se escolhemos nossas emoções. Isso depende do modo como entendemos as emoções, isto é, se elas são reflexos ou ações. Se as vemos como algo que nós sofremos ou fazemos; se elas são atividade ou passividade; o quão profundamente elas afetam nosso comportamento e nos auxiliam a compreendê-lo; e de que modo entendemos a relação entre as emoções e seus aspectos cognitivos e afetivos. Se nos vemos como vítimas de forças irracionais, não precisamos examinar as razões e os motivos para agir, mas se nos vemos como autores de nossas emoções, isto é, se podemos refletir e escolher de que modo nós alteramos nossas emoções, temos um bom motivo para

esclarecer qual o papel das emoções nas tomadas de decisão e de que modo escolhemos nossas emoções.

### 3.1 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA TOMADA DE DECISÃO

De um modo geral, interpretamos que decidimos pelo melhor curso de ação de acordo com o interesse que se mostra mais forte na situação em que nos encontramos. Mas, de acordo com Blackburn, estudos empíricos têm mostrado o papel das emoções, e não apenas dos interesses, nas tomadas de decisão. Os estudos aos quais Blackburn se refere são as pesquisas em neurociência feitas por Antonio Damásio nas quais são descritas as estruturas do corpo e do cérebro que auxiliam nas tomadas de decisão e chamam a atenção quando algo está errado<sup>145</sup>. Damásio nos dá o exemplo de um paciente cujas capacidades de atenção, inteligência, memória, habilidades para diversas funções como conhecimento social, raciocínio moral, habilidades lógicas e a linguagem estão intactas, mas cujas capacidades de viver a vida de modo sensível são virtualmente nulas<sup>146</sup>. Neste caso o agente consegue dizer qual é a melhor alternativa entre duas ações, expressar isso verbalmente, enfim, realizar todas as considerações possíveis, contudo, por causa de uma má formação dos afetos emocionais, ele é incapaz de *decision-making*. O agente falha ao transformar essas considerações em ação, ou seja, ele perdeu a capacidade de associação entre a representação dos aspectos da situação e o acesso estável ao seu afeto ou emoção<sup>147</sup>. Assim, cenas que normalmente excitariam emoções positivas ou negativas em uma pessoa normal deixam esses sujeitos completamente frios. Suas vidas emocionais desapareceram ou pelo menos se tornaram instáveis.<sup>148</sup>

De acordo com Damásio, as representações desses sujeitos não são somaticamente marcadas, isto é, sentimentos desprazerosos ou mudanças emocionais

---

<sup>145</sup> Damásio, 1994, p. 167.

<sup>146</sup> Damásio apud Blackburn, p. 125.

<sup>147</sup> De acordo com Blackburn, nas pesquisas de Damásio há uma justaposição funcionalmente ativa entre as funções cognitivas e fisiológicas que operam como respostas corporais de prazer e desprazer associadas as emoções. Assim, podemos falar em três funções cognitivo, afetivo e emocional. O cognitivo diz respeito corresponde as operações de *high-order* como a deliberação e as operações lógicas. O afetivo diz respeito as funções automáticas, como as funções fisiológicas e musculares e o sistema emocional corresponde as emoções e sua expressão.

<sup>148</sup> Damásio, p. 173, Blackburn, p. 126.

falham ao se expressarem corporalmente, como aconteceria com uma pessoa normal. Assim, parece que a ausência de emoções pode revelar uma paisagem monótona nas tomadas de decisão. A ausência ou deficiência de emoções é considerada característica de muitas neuroses, condições limítrofes e psicoses.

Uma situação é somaticamente marcada quando nós temos respostas corporais de prazer e desprazer associadas à raiva, ao medo, a como nós pensamos a situação. E, de acordo com Blackburn, “*it is clear that the basic emotions of anger, fear, disgust, sadness, and happiness or joy can be thought of as the upshot of fairly specific ‘affect programs’ subserved by the limbic system in the brain*”.<sup>149</sup> O sistema responsável pelas emoções é homólogo ao sistema achado em outros mamíferos, especialmente nos primatas<sup>150</sup>, e opera involuntariamente. Isto é, ele toma como *input* um estímulo que pode ou não ser consciente e transmite uma síndrome de mudanças como *output*, incluindo expressões faciais típicas e mudanças no sistema nervoso autônomo, tal como as batidas do coração, elevação de adrenalina e intestino contraído, que são características de medo. A operação do sistema pode ser passiva no sentido preciso de que opera sem o controle de processos cerebrais *high-order*. E como assegura Blackburn: “*we may be, and often are, unaware of what sets it off, although we will be conscious of the resulting anger or fear. In this respect we are often opaque to ourselves*”.<sup>151</sup>

A aparente desvantagem da natureza autômata desta operação é vantajosa evolucionariamente, pois neste caso é mais importante estar preparado para reagir rapidamente a substâncias nocivas ao nosso organismo do que para operar funções cognitivas de *high-order*. Contudo, negar que um sistema pode operar relativamente independente das funções cognitivas de *high-order* não é negar que o *input side* possa se desenvolver diferentemente em ambientes diversos ou ser treinado diferentemente em diferentes sociedades.

De acordo com Blackburn, é interessante que algumas emoções ou estados emocionais sejam tratados como passivos, embora seja plausível ver uma motivação inconsciente presente em tais estados. Contudo são um pouco problemáticas teorias como a de Paul Griffith<sup>152</sup> que tratam as emoções como algo sem controle, pois esta

---

<sup>149</sup> Ibid.; p. 126.

<sup>150</sup> De acordo com Blackburn isto significa que o sistema primata não é apenas análogo em operação ao nosso, mas são nossos ancestrais evolucionários. Blackburn, p. 126.

<sup>151</sup> Ibid.; p. 127.

<sup>152</sup> GRIFFITHS, Paul. What emotions really are. Chicago, III.: university of Chicago press, 1997.

alegada ou imputada passividade torna-se um pretexto para o comportamento anormal ou para a ausência de conformidade a normais sociais e, neste caso, os agentes desculpam-se de suas ações, colocando-as como tendo sido resultado das emoções.<sup>153</sup>

Assim, Blackburn defende que programas básicos de afetos operam mais do que puros reflexos que produzem mudanças estereotipadas no rosto e no corpo. Essas mudanças são resultado apenas de emoções salientes, imediatas, como vemos em teorias como a de James-Lange, na qual a característica de sentir as emoções consiste na percepção de estados corporais anormais de excitação ou depressão. Mas os programas básicos de afetos não parecem ser tão centrais em emoções de elevado conteúdo cognitivo, tais como a inveja e o ciúme, ou em síndromes de emoções de longo-termo, tais como a raiva calculada, ofensa ou quando estamos amando.

A proposta de Griffiths é um pouco diferente da proposta de Damásio e difere em quatro aspectos. Primeiro, as emoções não são uma ‘saída’ a qualquer tipo específico de situações funcionais. O medo, por exemplo, é a saída ao perigo apreensivo; a raiva é a saída de obstáculos e mudanças. Segundo, as emoções são sustentadas através do tempo, ao contrário dos efeitos fisiológicos e musculares dos programas de afeto que são imediatos. Terceiro, elas não têm saídas como expressões faciais ou estados de excitação fisiológicos, estereotipadas. E, finalmente, elas estão integradas com outros processos conscientes e podem guiar planos de ação de longo-prazo, mais do que disparar reflexos como respostas.<sup>154</sup>

Griffiths propõe uma divisão no conceito popular de emoção e defende que não há nenhuma razão para a ciência cognitiva tratar as emoções como qualquer tipo de unidade. Ele une dois sistemas inteiramente diferentes, sugerindo tratar as emoções altamente cognitivas como *estados motivacionais irruptivos*, isto é, estados que interferem suavemente, abrindo-se a planos designados por metas seguras a longo prazo.

A objeção de Blackburn à teoria de Griffiths é parte conceitual, parte empírica. Conceitualmente, ao considerar as emoções *high-order* como simplesmente *estados motivacionais disruptivos*, ele ignora a extensão de nossas *metas de longo prazo*, ignora que elas são em si mesmas um estado emocional. Ou seja, mesmo duas pessoas que tenham interesses diferentes, por exemplo, uma que tem um interesse em projetar seu estado financeiro ou sua saúde futura e outra que tem interesse em humilhar seu

---

<sup>153</sup> Blackburn, p.127-128.

<sup>154</sup> Blackburn, p. 128.

vizinho, estão igualmente engajadas em suas emoções. Por outro lado, empiricamente, a divisão da operação do programa de afeto das *altas emoções cognitivas* ignorou o resultado do trabalho de Damásio, como se vê a seguir:

(..) which is *the extent to which 'high-order' decision making has to harness the limbic system in order to work at all. The clinical evidence is that when the primitive system is disrupted, then the high-order decision making system collapses with it*<sup>155</sup>.

Isto é, o resultado da ação que o sistema cognitivo pode identificar é somaticamente marcado e por isso há um consequente mau funcionamento do sistema de tomada de decisão.

O ponto é que não há dualismo no qual um esteja livre do outro.<sup>156</sup> Deste modo, não há razões para separar emoções cognitivas *high order* de outras emoções, é o que defende Blackburn: “*These points are quite compatible with seeing the long-term, culturally variable states as essentially dispositions whose manifestations are particular patterns (and blends) of occurrences of the primary emotions*”.<sup>157</sup> Podemos dizer que uma pessoa ciumenta é inclinada a ter raiva, medo e tristeza ao perceber, ter memórias ou mesmo imaginar que o amado está olhando para outra. Isto é o que Damásio chama de representações de eventos marcadas somaticamente. Contudo diferentes culturas têm diferentes normas para expressões apropriadas de uma determinada emoção, ou para a supressão delas, como, por exemplo, os japoneses que suprimem emoções negativas quase que instantaneamente na presença de figuras de autoridade, mostrando um sorriso polido.

Estados emocionais, portanto, não são simplesmente percepções de excitamentos ou mudanças corporais, comuns quando nos sentimos doentes. Ao contrário dos humores, eles são dirigidos a objetos. E de modo a integrar a *directedness* da emoção com os fatos neurofisiológicos, Blackburn nos propõe supor que nossos excitamentos viscerais não são meramente percebidos, mas eles são uma parte de nossas emoções ao determinar o que nos atrai e nos repele, ou o que nós estamos inclinados ou não a fazer. Este argumento de Blackburn se fundamenta na seguinte afirmação de Damásio: “*Of the juxtaposing a somatic marker with the*

---

<sup>155</sup> Ibid.; p. 129.

<sup>156</sup> Ibidem.

<sup>157</sup> Ibidem.

*representation of a situation, what he has in mind is this functionally active juxtaposition, whereby the marker comes to operate either as an 'alarma bell' warning us off the situation, or a 'beacon of incentive' encouraging us towards it".*<sup>158</sup>

Nossas emoções não terminam com uma consciência dos estados corporais e viscerais, ao contrário, essas marcas somáticas funcionam como artifícios, elas traduzem o que nós pensamos e deliberamos. Este modo de entender as emoções possibilita ver nossas relações cognitivas com o mundo e nossa capacidade de representá-lo unidas ao mecanismo das emoções e do afeto que se traduzem em entradas e saídas. E, portanto, nossas disposições emocionais e representações agem conjuntamente em direção à ação, o que não é possível sem a presença dos dois. Assim, de acordo com Blackburn, a evidência neurológica proposta por Damásio claramente sugere duas faculdades separadas, ou módulos, trabalhando em conjunto. Nós podemos separá-las em duas propriedades distintas de um agente: o modo que ele representa as coisas e os efeitos que esses modos têm em sua conduta. Essas marcas somáticas podem ser fruto de experiências, dores e prazeres anteriores, mas a memória, a experiência e a emoção podem ser distinguidas delas. Ou seja, temos duas faculdades: uma cognitiva e a outra fisiológica.

De acordo com Blackburn, fundamentado nas pesquisas de Damásio, há uma justaposição funcionalmente ativa entre as funções cognitivas e fisiológicas que operam como respostas corporais de prazer e desprazer associadas às emoções. E, portanto, quando o sistema primitivo é disruptivo, o sistema de tomada de decisão *high order* entra em colapso. Isto é, o resultado da ação que o sistema cognitivo pode identificar é somaticamente marcado e por isso há um consequente mau funcionamento do sistema de tomada de decisão. Sendo assim, podemos concluir neste caso que as emoções desempenham um papel fundamental na tomada de decisão, pois um sistema pode operar relativamente independente das funções cognitivas de *high-order*, mas não pode operar sem as emoções. As emoções são fundamentais como respostas às situações que nos são apresentadas diariamente, isto é, o modo que agimos em cada situação. Como no exemplo dado, as funções cognitivas, como a deliberação e as operações lógicas, podem permanecer intactas, mas a ação é possível apenas se o sistema emocional e o sistema afetivo estiver funcionando.

---

<sup>158</sup> Damásio, p. 174 apud Blackburn, p. 131.

Portanto, de acordo com Blackburn, as ações éticas surgem como respostas a certas configurações do mundo. Tais reações são escolhas feitas pelo agente segundo sua sensibilidade ética e perante um sistema de representações dado. O processo de aprendizagem ensina à pessoa como reconhecer as situações relevantes que demandam uma resposta moralmente adequada. Em oposição às reações automáticas, a concepção da ética com base em estímulos e respostas sustenta que a distinção entre um contexto específico e uma ação moral é feita de acordo com os estímulos e respostas que são identificadas com uma conduta ou expressão de emoções pertinentes. Isso não quer dizer que haja apenas uma via de mão única no processo de deliberação. As situações são complexas e, graças a essa complexidade, as atitudes e emoções podem ocorrer de modo inconsciente, embora elas representem o modo pelo qual cada um organiza suas experiências.

Contra a dualidade entrada e saída para explicar o comportamento humano, alguns filósofos propõem uma interpretação unificada das reações, com base num único conceito ou princípio organizador das situações morais. Porém, isso apenas reduz a caracterização das circunstâncias éticas a um padrão formal mais neutro. A divisão entre estímulos e respostas ajuda à análise crítica da moral, que nem sempre é totalmente visível às pessoas inseridas num determinado cenário. Sendo assim é necessário evitar a unificação das emoções as suas reações de modo a garantir a devida atenção crítica que as emoções e a moral merecem.

### **3.2 ESCOLHEMOS NOSSAS EMOÇÕES?**

Quando pensamos se as emoções são passivas ou não, estamos principalmente pensando de que modo nós podemos ter controle sobre elas e se faz algum sentido dizer que nós as escolhemos. Tradicionalmente, a separação das emoções da racionalidade, ou a *razão* das *paixões*, estava atrelada a uma ideia de que nós podemos controlar, mas não escolher nossas emoções. Contudo, de acordo com Solomon, colocar a questão nestes termos é problemático ou muito limitador<sup>159</sup>, deste

---

<sup>159</sup> A questão de controle das emoções tradicionalmente eram comparadas a uma questão de controle de animais selvagens, pressão sanguínea, o controle que o chefe faz de seus funcionários por ameaças e

modo, sua proposta, desde seu livro *The Passions*<sup>160</sup>, é a de defender que as emoções podem ser entendidas como *ações* e assim podem ser vistas como um problema de escolha. As emoções devem ser consideradas mais como questão de escolha do que “*in terms of visceral reactions, metaphorical or neurological 'chemistry', or passively undergone feelings*”<sup>161</sup>, e assim, podemos constrangê-las ou controlar sua expressão.

De acordo com Solomon, ao menos três problemas surgem quando dizemos que escolhemos nossas emoções. O primeiro é o fato de que as emoções *parecem*<sup>162</sup> para nós à parte de nossas preferências e intenções. O segundo diz respeito à grande diversidade das experiências emocionais, isto é, a diferença dos tipos de experiências emocionais, e não apenas a diferença entre as emoções, torna difícil a defesa de que temos apenas uma resposta de como a escolha se ajusta a todas as emoções. Um terceiro problema surge porque é importante entender de que modo as emoções são voluntárias quando falamos de escolha.

Solomon faz uma defesa das emoções como julgamentos, mas não reduz as emoções apenas a um aspecto. E mesmo não defendendo uma teoria complexa como a de Ben Ze'ev, ele sugere que há cinco aspectos nas emoções. São eles:

*(a) behavioral (including everything from facial expressions and verbal expressions – “Damn” and “I love you” – to elaborate plans for action, including elaborate verbal behaviour); (b) physiological (hormonal, neurological, neuromuscular); (c) phenomenological (everything from “physical” sensations to ways of construing the “objects” of one’s emotions and “metaemotions”); (d) cognitive (including appraisals, perceptions, thoughts, and reflections about one’s emotions, all of this tightly tied to the phenomenological); and (e) the social context (from the immediacy of interpersonal interactions to pervasive culture considerations).*<sup>163</sup>

---

incentivos; ou era uma questão de controle de pensamentos, da fala, argumentos, ou um modo de expressá-las. Ibid.; p. 195.

<sup>160</sup> SOLOMON, Robert C. *The Passions*. New York: Doubleday-Anchor, 1976. Rev. ed., Indianapolis: Hackett, 1993.

<sup>161</sup> “(.) *in terms of visceral reactions, metaphorical or neurological ‘chemistry’, or passively undergone feelings*” Ibid.; p. 195.

<sup>162</sup> De acordo com Solomon: “*The phenomenological point is reinforced by a semantic-syntactic observation, that the language of the passions (starting with the Word “passion”) is riddled with passivity – “being struck by” and so on. (Though this set of observations should be balanced with another, that we sometimes feel guilty or glad about feelings what we feel, and that we often assess our emotions as warranted or not, wise or foolish, appropriate or inappropriate.*” Ibid.; p. 192-3.

<sup>163</sup> Ibid.; p. 196.

Vimos no capítulo 1 que Solomon defende as emoções como um tipo de atividade ou ação, contudo as emoções não são: 1) ações deliberativas, isto é, o resultado de planos ou estratégias; 2) ações intencionais, isto é, ações que são precedidas por intenções ou combinações explícitas de crenças e desejos; 3) totalmente conscientes; 4) uma *basic action* como defende Arthur Danto, isto é, uma ação que alguém realiza sem realizar qualquer outra ação, tal como sacudir o dedinho; 5) premeditadas.<sup>164</sup> Contudo há uma diferença entre: uma ação intencional e *full-blown* deliberativa e a passividade direta, como na diferença entre levar um tijolo na cabeça, sofrer um ataque do coração ou uma simples apreensão.

Não podemos dizer que simplesmente decidimos ter uma emoção, mas podemos decidir fazer um grande número de coisas em uma determinada situação e também podemos nos considerar autores de nossas emoções, refletindo sobre o modo que elas nos afetam e como podemos alterá-las. Mas será que podemos dizer que somos vítimas de uma tempestade emocional interna? Que somos agentes e não estamos apenas sujeitos a nossas emoções?

Solomon propõe que a questão de escolhermos nossas emoções seja uma questão de agência, pois ela envolve diferentes tipos de respostas que são muito menos do que *willfull*. Primeiro porque há uma diferença entre o início de uma emoção, a situação que ela evoca e a própria emoção. Não escolhemos e deliberamos sobre nossas respostas emocionais mais imediatas ou respondemos espontaneamente diante de alguma situação inesperada, mas a própria situação nos confronta e, dependendo de nossas habilidades, autoconfiança e experiência prévia, as respostas emocionais e ações serão as nossas respostas a uma determinada situação. Podemos ver a seguir o que implica ser um agente das próprias emoções:

What I do and feel no doubt depends on my history of habits and kindred experiences, but it is the situation, *not my emotion*, that suddenly confronts me. My response, whatever else it may be, is a response, an action of sorts, not a reflex. I am not its recipient or its victim. I am the agent of my emotion, and as Aristotle argued in his Ethics (...) *we are responsible for even those actions which are*

---

<sup>164</sup> Solomon refuta Danto com o seguinte argumento: “Following Danto, one might say that virtually all human actions – writing a letter, shooting a rifle, signalling a left turn, working one’s way through law school – involve doing something by doing something else, and this does not mean that the latter action causes the former. The one act (or course of action) *constitutes the other*.” Ibid.; p. 193.

*involuntary* if we can be held responsible for the cultivation of the relevant habits, perhaps from childhood.<sup>165</sup>

Primeiramente, Solomon sugere um sentido de agência mais amplo do que ele considera o limitado reino da vontade<sup>166</sup>. Para ele, vontade é um termo arcaico para se referir à ação voluntária e à agência, pois as emoções não são limitadas a uma experiência interna do sujeito, como defendia Schopenhauer. Sua concepção está mais próxima de Hegel, Nietzsche, Aristóteles e de David Hume, que defendem uma concepção de liberdade e responsabilidade que está unida não a uma noção misteriosa de agência, mas a uma concepção que se adapta entre uma ação (uma emoção) e o resto do caráter da pessoa, das circunstâncias e da cultura no qual ela está inserida, incluindo suas reflexões a este respeito. Ele defende uma concepção de liberdade e responsabilidade que faz sentido em termos de uma narrativa de vida, como vemos a seguir: “*An act (or emotion) that fits and makes sense in one’s life story can be said to be free (and one is thus responsible) even if the act (or emotion) in question is inattentive, only quasi-intentional, habitual, spontaneous, or even ‘automatic’*”.<sup>167</sup>

De acordo com Solomon, emoções são um pouco como os pensamentos, e estes são sintomas indicadores das emoções. Pensamentos são ações quando os vemos como produtos do pensar e neste caso nós somos responsáveis por eles do mesmo modo que somos por nossas emoções. Como vimos anteriormente<sup>168</sup>, ao estabelecer a diferença entre *thought* e *thinking* em três diferentes manifestações do pensamento (*conjured, invited* e *uninvited*), Solomon pretendia assegurar que assim nós podemos escolher nossos pensamentos e eles também podem surgir livremente. Emoções envolvem pensamentos e por isso também podemos pensar as emoções como parte de nós mesmos, principalmente se elas se adaptam a nossa narrativa emocional. Os pensamentos são constitutivos das emoções e com eles podemos pensar sobre nossas emoções. Sendo assim, é o reconhecimento reflexivo de que nós podemos mudar ou intensificar nossas emoções que garante que podemos escolhê-las. Contudo, de acordo com Solomon: “*Thus to insist that, across the board, we are the agents of our*

---

<sup>165</sup> Ibid.; p. 201.

<sup>166</sup> Solomon critica tanto a noção existencialista de escolha, que sugere uma concepção problemática de liberdade e responsabilidade, como a concepção kantiana, de que a ideia de livre escolha implica uma forma metafísica de “sujeito” e de “agente” pela vontade. Ibid.; p. 204.

<sup>167</sup> Para Solomon, Ronald De Sousa também captura a ideia de agência defendida por ele: “*appropriateness is the truth of emotions. What characterizes freedom and responsibility with regard to emotions, one might say, is the appropriateness of the emotions not only to the immediate circumstances but one’s whole life and character.*” De Sousa, 1987 apud Solomon, p. 205.

<sup>168</sup> Estas diferenças foram expostas na página 24 desta tese.

*emotions and the agency of our thinking about our emotions often come down to a complex, multidimensional phenomenon, some aspects of which are clearly within our control and some of which are not.*”<sup>169</sup>

Nossa vida emocional é sutil e complexa, e por isso ter uma emoção é ter uma experiência que não se restringe a apenas uma resposta emocional. Para Solomon, reduzir as emoções a respostas *short-term* é limitado e arbitrário,<sup>170</sup> pois ao contrário do que a metáfora “*I fall in love*” sugere, isto é, que “caímos” de amor, amar é tomar decisões, um conjunto de operações, de cuidados, é criar novas seduções e virtudes, nutrindo bons sentimentos pelo amado e por nós mesmos. Portanto, as emoções têm um importante papel na psicologia humana, na motivação e na vida. Elas são processos e não meros episódios ou disposições, e neste processo fazemos inúmeras escolhas e temos considerável controle.<sup>171</sup>

Uma resposta emocional se caracteriza por ter *short-lived* e ser momentânea. Essa característica se enquadra melhor em teorias que veem as emoções como “episódios”, como a de Peter Goldie<sup>172</sup>, ou como mudanças causadas pelo sistema nervoso autômato, como a de Damásio. Contudo, ao entender as emoções como processos mais longos, Solomon, primeiro, não quer dizer que não há circunstâncias que se constituem como emergência repentina, pois nestes casos, sem dúvida, nossas respostas serão repentinas e urgentes. Urgência é compatível com habilidade e espontaneidade, e por isso, quando nos achamos em uma situação de emergência, as respostas emocionais são imediatas, o que não implica que elas nos foram impostas mas<sup>173</sup>. Segundo, como já foi dito anteriormente, ter uma emoção é diferente de experimentar uma emoção<sup>174</sup> e, portanto, teorias como a de Joseph LeDoux<sup>175</sup>, que

---

<sup>169</sup> Ibid.; p. 210.

<sup>170</sup> “I do not deny that many emotions do occur as short-term responses, but it is arbitrary and ad hoc to limit the range of emotions to just those short-term phenomena.” Solomon, p. 203.

<sup>171</sup> Ibidem.

<sup>172</sup> Solomon critica a perspectiva de Goldie que vê as emoções como episódios. Goldie distingue uma emoção “episode” de uma experiência emocional e de uma emoção: “An emotional episode may by definition be relatively short-lived, but an emotional experience and certainly an emotion need not be that at all.” Goldie, 2002 apud Solomon, p. 203.

<sup>173</sup> De acordo com Solomon: “(...) *suddenness and urgency are compatible with skill and spontaneity, and the fact that we find ourselves in an emergency situation does not mean that our emotional response is similarly imposed to us*” Ibid.; p. 203.

<sup>174</sup> Como já foi apontado, de acordo com Solomon: “*having an emotion and (reflectively) experiencing an emotion are quite different, if not always distinct, and even the most primitive neurological emotional response involves some kind of recognition (a form, obviously, of cognition) As initial stimulus.*” Solomon, nota 8, p. 244.

<sup>175</sup> LEDOUX, Joseph. *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*. New York: Simon and Schuster, 1996.

utilizam o argumento de que as respostas das emoções em termos neurológicos acontecem mais rapidamente e são anteriores à cognição, são equivocadas.

São dois os aspectos sustentados por Solomon: que as emoções são atos do julgamento e que os julgamentos cinestésicos e estéticos são inarticulados e não deliberativos, o que pode, a princípio, tornar problemático falar em escolha nestes casos. Contudo, é importante observar três equívocos que são frequentes quando compreendemos erroneamente estes aspectos. Em primeiro lugar, a inconsciência não é um argumento contra o julgamento ser voluntário ou ser um aspecto de nossa atividade, pois muitas de nossas ações habituais são do mesmo modo inconscientes, por exemplo quando ficamos batendo os dedos na mesa sem qualquer intenção ou sem perceber que o estamos fazendo. Segundo, dizer que julgamentos são espontâneos não é o mesmo que dizer que eles acontecem, como as teorias que veem as emoções como respostas sustentam. Terceiro, espontaneidade não implica passividade.

A maioria dos julgamentos cinestésicos são automáticos e por isso eles podem parecer mais um mero mecanismo do que uma atividade *bound* à percepção. Mas de acordo com Solomon, essa é uma confusão que surge quando não se distinguem respostas corporais automáticas de expressões corporais das emoções e da ação, e isto acontece principalmente quando os julgamentos são considerados apenas atos mentais, deixando de lado seus aspectos corporais. Assim, ele propõe que consideremos que:

*simple movements probably involved years of cultivation, and, again, what becomes evident when we try to unlearn such judgments is how intractable they are and how thoroughly ingrained in our behaviour. That does not remove them from the realm of activity, nor does it show that we are merely passive in relation to them.*<sup>176</sup>

Os julgamentos pertencem a um certo contexto e por isso podemos modificá-los, eles envolvem uma história e esta faz parte do que chamamos responsabilidade. E ser responsável de acordo com Solomon implica que:

*I am responsible for my judgments, in other words, because I am responsible for cultivating them, criticizing them, and correcting them. Here, seems, Aristotle strikes a vitally important note.*

---

<sup>176</sup> Ibid.; p. 213.

*Responsibility doesn't so much reflect whether or not we have a choice at the moment rather reflects the whole history of our choices and self-cultivation.*<sup>177</sup>

Portanto, o julgamento não é a totalidade da emoção. Os julgamentos são, de um certo modo “*about the ‘appropriateness’ or rationality of the ‘first movements’ (swelling and contracting), and one gives or withholds ‘assent’ to them*”<sup>178</sup>. Isto é, os primeiros movimentos que experimentamos não são emoções. As emoções são nossos julgamentos sobre a garantia de nossos sentimentos, que são, na verdade, julgamentos sobre nossos modos de olhar para o mundo. Em outras palavras as emoções são “*judgment about our judgments*”.

Deste modo, a questão sobre a racionalidade ou irracionalidade das emoções, que tanto preocupava os estóicos e muitos outros, era na verdade uma confusão sobre a passividade das emoções. O passivo nas paixões era nada mais do que um indicador sobre o que nós ativamente fazíamos, isto é, como e de acordo com o que nós vivíamos. Os primeiros movimentos eram apenas meros sintomas, modos irracionais de olhar o mundo. E de acordo com Solomon: “*The fact that our judgments typically emphasize the “object” side rather than the “act” side of perception does not seem to me to be an argument for passivity*”<sup>179</sup>.

Nossas emoções não nos tornam passivos, mas o oposto, pois elas são muitas vezes “*o motor de nosso comportamento e a motivação escolhida ativamente da ação significativa*”<sup>180</sup>. Assim, o fato de dizermos que uma peça de música nos *move* ou nos *afeta* não implica concluirmos que nós somos meros recipientes passivos. Contudo, de acordo com Solomon, o pânico e a raiva são uma exceção aos argumentos apresentados por ele sobre agência, pois estas emoções parecem ser neurológicas em sua natureza e por isso difíceis de serem controladas e escolhidas. Isso não implica dizer que a raiva e o pânico são destituídos de cognição, julgamentos ou objetos intencionais, mas que quando os neurologistas algumas vezes se referem ao pânico e à raiva como mais do que uma simples reação de pânico e de raiva, sugerindo que elas se distinguem porque de um lado elas são uma síndrome neurológica e de outro elas são emoções, eles estão corretos. As emoções envolvem julgamento, o reconhecimento do seu objeto e por isso:

---

<sup>177</sup> Ibid.; p. 215.

<sup>178</sup> Ibid.; p. 216.

<sup>179</sup> Ibid.; p. 212.

<sup>180</sup> Ibid., p. 204.

*Panic and rage may be remarkable in the limited rationality of the judgment in question as well as in the intensity of the response. But we nevertheless make these judgments, and as such the emotion falls within the realm of the voluntary, even if we cannot act or feel other than we do*<sup>181</sup>.

Agora talvez fique um pouco mais claro porque Solomon escolhe defender uma teoria na qual as emoções são compreendidas como atos do julgamento, pois assim ele afasta a idéia de que somos passivos a elas ou que elas são apenas reações fisiológicas, musculares ou neuronais. O que nós fazemos e sentimos depende da história de nossos hábitos e experiências e, portanto, nossas respostas são ações e não um mero reflexo. Elas são fruto de nossos hábitos e de nossa narrativa emocional.

As emoções são reflexivas como nossos pensamentos e por isso podemos escolhê-las e mudá-las. Elas são processos durante os quais fazemos inúmeras escolhas. Contudo, é importante não confundir respostas corporais automáticas, como são a maioria dos julgamentos cinestésicos, com expressões corporais e com a ação. E também os julgamentos não são apenas mentais, mas corporais, por isso simples movimentos envolvem anos de cultivo.

### **3.3 EMOÇÕES COMO ATIVIDADE DELIBERATIVA E ESQUEMÁTICA**

Como pudemos notar tanto na defesa de Blackburn como de Solomon neste capítulo, o papel das emoções no domínio moral é evidente. E mesmo que, ainda possamos notar muitas diferenças entre as atitudes emocionais e muitas regras morais, nosso objetivo é o de mostrar a importância das emoções na moralidade. As avaliações emocionais têm emergido de um longo processo de desenvolvimento moral evolucionário e pessoal. Por isso as emoções são significativas na expressão de nossos valores e compromissos mais profundos nos auxiliando em nosso comportamento moral. No entanto, o papel crucial das emoções em nossa vida moral não implica a eliminação de nossa capacidade deliberativa.

Assim, nesta seção apresentaremos a defesa conciliatória que Ben Ze'ev faz sobre o papel das emoções nas escolhas, unindo os aspectos mentais e físicos nas

---

<sup>181</sup> Ibid.; p. 214.

emoções. Isto é, que as emoções são estados mentais avançados e que, portanto, é pouco plausível concebê-las como produtos isolados de um processo fisiológico precedente, principalmente porque elas os sustentam ou são realizadas em tais processos.

Antes de tratarmos da explicação de Ben sobre os dois aspectos avaliativos das emoções: o deliberativo e o esquemático, vamos entender de que modo ele compreende as emoções como um fenômeno mental. De acordo com Ben, primeiro, as descrições tradicionais do fenômeno mental sugerem a presença de poucas capacidades mentais (faculdades) – por exemplo, sensação (ou sentimento), percepção, memória, imaginação, pensamento e a vontade. Segundo, ele considera duvidoso que cada uma dessas capacidades possam ser descritas como uma capacidade singular ou unitária. Assim, ele sugere que a memória não é uma capacidade singular, mas o que nós chamamos memória de fato consiste em vários sistemas de conhecimento. Sem aprofundar esta questão ele sugere que uma emoção não é uma capacidade singular e unitária, pois enquanto experienciamos uma emoção, algumas das capacidades mentais citadas acima, e frequentemente todas elas, são ativadas. Todavia, uma emoção não é do mesmo nível conceitual de cada uma delas: uma emoção envolve, por exemplo, percepção e imaginação, mas não é um tipo de percepção e imaginação; uma emoção é um termo geral se referindo a uma certa combinação de tais capacidades.

Bem também afirma que nem todas as capacidades mentais envolvem os seguintes modos mentais de referência: cognição, avaliação e motivação. A sensação, por exemplo que é a mais primitiva das capacidades mentais, carece de qualquer um destes modos de referência intencional. A percepção e a memória que são as capacidades mentais mais complexas envolvem o modo cognitivo de referência. A vontade envolve o modo motivacional, enquanto a imaginação e o pensamento podem incluir todos os modos. Estes tipos de referências intencionais são componentes essenciais, mas uma emoção não é idêntica a qualquer uma delas. Novamente, eles pertencem a níveis conceituais diferentes daqueles de uma emoção.

Sendo assim, a descrição comum dos estados mentais ao serem divididos em ação e paixões está baseado em sua relação com a escolha, pois as ações e não as paixões, são passíveis de nossa livre escolha. Pensar, lembrar e imaginar são ações, enquanto sentimento é paixão. Se considerarmos as emoções como paixões nós não

poderíamos escolhê-las, contudo, como vimos no segundo capítulo Ben defende as emoções como um fenômeno complexo e dinâmico que inclui inúmeras ações.<sup>182</sup>

Assim, nós podemos concluir que as descrições tradicionais do fenômeno mental não são adequadas para descrever as emoções por causa de sua grande complexidade. Então, uma emoção não é, nem uma capacidade mental nem um modo particular de referência. Uma emoção é um sistema complexo que consiste em várias capacidades mentais, modos de referência, atitudes, atividades e estados. De acordo com isso, é preferível recolocar a noção substancial de emoções como um conceito funcional. Contudo, para nosso propósito consideramos uma emoção como sendo uma entidade, mas quando uma explicação científica é exigida, uma explicação funcional pode ser mais interessante.<sup>183</sup>

A última relação parece mais apropriada com respeito às emoções, pois é impossível organizar as múltiplas propriedades mentais e neurofisiológicas envolvida nas emoções em apenas uma corrente causal linear. Na estrutura de uma emoção, alguns eventos são, logicamente, a causa e mesmo o que as precede. No entanto, uma vez que a emoção é completamente manifesta, esses fatores normalmente aparecem simultaneamente. O aumento em adrenalina na saída, o sangue que corre e a taxa de respiração não produzem uma entidade mental, tal como o medo, e então desaparecem. Tal mudança fisiológica existe ao mesmo tempo com o estado mental do medo e funciona como uma base de suporte para ele enquanto isto persiste. Considerando que as emoções são estados mentais avançados, é pouco plausível concebê-las como produtos isolados de um processo fisiológico precedente, principalmente porque elas os sustentam ou são realizadas em tais processos. Diante disso, podemos dizer que as emoções podem ser distinguidas apenas por mudanças fisiológicas?

De acordo com Ben, a princípio isso pode ser possível, mas é necessária uma evidência para confirmar essa reivindicação.<sup>184</sup> Ben não assume uma dicotomia entre mental e físico, ao contrário, as emoções fornecem um exemplo que invalida uma tal dicotomia, pois é difícil classificar um estado emocional completo como sendo puramente mental ou físico. Uma emoção expressa o estado de um organismo inteiro

---

<sup>182</sup> Ben Ze'ev, p. 76.

<sup>183</sup> A diferença entre explicação substancial e funcional pode ser encontrada em Cassirer. CASSIRER, E. *Substance and function*. New York: Dover, 1953.

<sup>184</sup> Ben Ze'ev, p. 51.

e apenas uma análise abstrata pode dividir isso em propriedades que são ordinariamente identificadas como do mental ou físico.

Teorias, como a de William James defendem que as emoções são mais ‘corporais’ do que ‘mentais’, isto é, elas são sentimentos corporais. De acordo com a teoria de James-Lange muitos pesquisadores esperam que as emoções sejam especificamente sentimentos causados por mudanças nas condições fisiológicas relacionadas às funções autônomas e motoras. Ou seja, quando nós percebemos que estamos em perigo, por exemplo, esta percepção nos apresenta uma coleção de respostas corporais, e nossa consciência dessas respostas é o que constitui o medo. De acordo com James: “*Nós sentimos tristeza porque choramos, raiva porque fomos surpreendidos, medo porque nós trememos, e (isto é) não que nós choramos, fomos surpreendidos ou trememos, mas porque nós ficamos tristes, raivosos, ou medrosos, nesses casos.*”<sup>185</sup>

Por outro lado, as teorias contemporâneas têm sido mais conciliatórias do que a teoria de James, como a de Nussbaum, que acredita que emoções são como outros processos corporais, mas isso não significa que, ao ser parte de um corpo vivo, isso nos dá razão para reduzir seus componentes intencionais a movimentos corporais não intencionais.

Ben apresenta uma solução interessante para resolver o conflito entre os processos cognitivos e corporais das emoções. Para isso ele faz uma distinção apropriada dos tipos possíveis de avaliação presentes em uma emoção. São elas: deliberativa e esquemática.<sup>186</sup> Avaliações deliberativas envolvem tipicamente processos lentos e conscientes que estão amplamente sobre controle voluntário, por exemplo quando nós ruminamos sobre um certo evento e como resultado começamos a sentir raiva.

As avaliações esquemáticas envolvem respostas espontâneas, dependendo de um sistema avaliativo elementar e tácito, como por exemplo, acontece no amor à primeira vista. Elas são avaliações tipicamente rápidas, automáticas, e com pouca consciência; tem como base estruturas prontas ou esquemas de apreciação que já tenham sido estabelecidos no desenvolvimento evolutivo e pessoal. Todavia, se considerarmos que os padrões avaliativos são parte de nossa constituição psicológica e que nós não temos tempo de criá-las e precisando apenas de certas circunstâncias

---

<sup>185</sup> James 1884, p. 190.

<sup>186</sup> Ben Ze’ev, p. 57.

para ativá-las, desconsideraríamos qualquer mudança de nossa constituição psicológica, o que parece um pouco infundado.

Sendo assim, enquanto o processo das avaliações deliberativas normalmente está presente em verbalizações, informações semânticas e opera de um modo serial e amplamente linear, a atividade esquemática ocorre fora do foco da consciência, podendo ocorrer usando recursos de mínima atenção, não sendo completamente dependente de informação verbal.

A separação que Ben apresenta entre avaliações deliberativas e esquemáticas tem como vantagem esclarecer casos nos quais os dois tipos de avaliações podem se confrontar, como o medo de cachorro. Neste caso, nós podemos persistir em nosso medo mesmo quando nosso juízo consciente e deliberativo revela que nós estamos longe de qualquer perigo, pois certas avaliações esquemáticas tornam-se constitutivas de nossas avaliações sem que qualquer deliberação possa mudá-las. Isto é, o conhecimento racional falha em influenciar conteúdos perceptuais ilusórios.<sup>187</sup>

Contudo, a partir de uma análise evolutiva, as avaliações deliberativas complexas também são consideradas um fenômeno evolucionário, só que mais recente e que sustentam a deliberação consciente. Além disso, Ben assinala que a existência de conflitos entre as avaliações emocionais e o pensamento deliberativo indica que muitas emoções envolvem mais esquemas do que avaliações deliberativas.

Portanto, podemos concluir que a avaliação deliberativa é um processo preparatório que precede e é separado de seu produto. Por outro lado, um esquema é um princípio ativo de organização que é constituído na própria natureza, assim ele não está separado do estado organizado, mas é parte dele. Ademais, a natureza esquemática das avaliações emocionais nos capacita a considerar as emoções não apenas como um resultado isolado de uma inferência cognitiva, mas como parte de interações progressivas, ou seja, de um processo sem acabamento. Todavia, uma questão permanece: todas as emoções envolvem avaliações esquemáticas ou algumas são o resultado apenas de processos deliberativos?

Normalmente as emoções são geradas quando nós nos deparamos com uma mudança repentina e significativa. E, assim parece razoável supor que muitas delas envolvem avaliações esquemáticas que não exigem um processo de deliberação

---

<sup>187</sup> Avaliações espontâneas são semelhantes a discriminações perceptivas ao tornarem-se imediatas, isto é, respostas sem sentido. Elas não sustentam nenhum processo deliberativo mediador, meramente aparece como se elas fossem produtos de tais processos.

prolongado. Mas isso, no entanto, não implica que o pensamento deliberativo não tenha nenhum papel na geração das emoções.<sup>188</sup> Nós podemos pensar sobre a morte e nos tornarmos medrosos, ou pensar sobre nossos parceiros e ficarmos ciumentos. Os pensamentos têm um efeito em nosso humor, e do mesmo modo nosso humor<sup>189</sup> influencia nossos pensamentos. Normalmente, podemos dizer que pensamentos negativos estão relacionados com humores negativos, enquanto pensamentos positivos estão relacionados com humores positivos, sendo, portanto, pensamentos e humores normalmente congruentes ao menos, de acordo com o que Ben aponta.

Os pensamentos deliberativos não desempenham um papel constitutivo das emoções, mas funcionam como parte do seu processo preparatório. Ou seja, o pensamento pode preparar o sistema para a ativação das avaliações esquemáticas, o que nos leva a pensar as condições sobre as quais podemos dizer que os padrões avaliativos são espontâneos. E, mais, tais pensamentos podem ter estímulo imediato para a ativação de um padrão avaliativo, mas a avaliação emocional por si mesma não é deliberativa, pois é isto que dá ao sistema emocional a habilidade de reagir quase que instantaneamente a eventos significativos, e ainda ter poder e flexibilizar as capacidades cognitivas complexas e avaliativas, tais como o pensamento teórico.

Diferentemente das emoções os sentimentos não possuem nenhum componente avaliativo, como vimos no segundo capítulo, quando tratamos do componente do sentimento. Um indicador desta ausência é a diferença entre sentir dor e desejar sentir dor. Por exemplo são as circunstâncias que determinam se nós gostamos ou não gostamos de ter cócegas. A dor é normalmente avaliada como negativa, mas fugir da dor é uma vantagem adaptativa, uma atividade ordinária de aprimorar as chances de sobrevivência que não é facilmente deixada de lado quando estamos com dor. Segundo, não podemos falar de sentimentos em termos de razões. Nós não podemos falar de nossas ‘razões’ ou de fundamentos para experienciar um sentimento, como podemos falar no caso das emoções. Não faz sentido, por exemplo, perguntar a alguém sobre suas razões em ter dor de dente, bem como, não faz sentido perguntar sobre as causas desses sentimentos. É portanto inútil tentar justificar ou

---

<sup>188</sup> Ben Ze’ev, p. 58.

<sup>189</sup> Goldie fornece a distinção entre emoções de humor que considero apropriada. As emoções têm objetos mais específicos do que os humores. Assim, a distinção é apenas uma matéria de grau, evitando duas implicações insatisfatórias. Primeiro, que as emoções necessariamente tem um objeto específico; segundo, que humor necessariamente não está direcionado para um objeto e assim falta intencionalidade. Podemos dizer que uma emoção pode se desenvolver em um humor, como o medo que pode se transformar em ansiedade. Goldie, p. 18.

criticar os sentimentos do mesmo modo que fazemos com as emoções. Nós não podemos questionar a razão das pessoas em sentir dor de dente do mesmo modo que nós fazemos nas apreciações normativas. Portanto, embora os sentimentos sejam um importante fator para determinar nosso comportamento, eles mesmos são também modos de comportamento e não tendências em se comportar de certo modo. O elo entre sentimento e emoção é como o de duas linhas paralelas, que caminham sempre juntas, mas nunca se encontram se encontram constantemente, mesmo que não caminhem sempre juntas.

São, portanto, três as funções das emoções no domínio moral, de acordo com Ben Ze'ev: (1) uma indicação inicial da direção na qual ela responde; (2) uma mobilização rápida de recursos; e (3) um meio de comunicação social. De acordo com ele as três funções correspondem:

*1. Emotions have a cognitive and evaluative role of initially indicating moral salience and hence the general response. Emotional sensitivity helps us to distinguish the moral features of a given situation and as such it serves as an initial moral guide;*

*2. Emotions have a motivating role of supporting moral behaviour and opposing immoral behaviour. In accordance with their general mobilizing role, emotion help us to mobilize the resources needed for moral behaviour, which is often not the most convenient course of action;*

*3. Emotions have a communicative role of revealing our moral values to others and to ourselves. Since emotions express our profound values, emotional experiences can reveal these values. Taking care of another person with sympathy and compassion can reveal how much we value this person.<sup>190</sup>*

Deste modo podemos concluir que as emoções têm um importante papel não somente na determinação da ação, mas na condução da vida moral. Elas têm um importante papel: cognitivo, avaliativo, motivacional e comunicativo de modo a guiar, motivar e auxiliar a expressão de nossos valores morais em nossas ações.

---

<sup>190</sup> Ben Ze'ev, p. 265.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese pretende ser um retrato, mesmo que parcial, do papel das emoções no debate ético contemporâneo. Contudo, não pretende traçar um perfil definitivo para a discussão do tema. Antes pretende mostrar o deslocamento de uma compreensão das emoções como ‘espíritos animais’, ‘percepções confusas’, ‘involuntárias’, ‘não racionais’, para a defesa das emoções como ‘cognitivas’, ‘ativas’ e principalmente como parte de nossas escolhas. Não somos passivos ou controlamos nossas emoções, mas elas são parte de nossa racionalidade.

Ao longo deste trabalho procuramos mostrar qual a natureza e o papel das emoções na agência moral, mediante a análise de algumas das mais importantes teorias das emoções no debate filosófico atual, dentre elas as teorias de Robert Solomon, Martha Nussbaum, Aaron Ben Ze’ev e Peter Goldie. Estabelecer quais são os componentes das emoções foi essencial para atingir nosso objetivo principal, que é o de explicar o papel das emoções na determinação da ação, pois quando ressaltamos os aspectos ou componentes cognitivos das emoções e estabelecemos o lugar que os sentimentos ocupam na estrutura física e mental do agente, podemos enfatizar o papel ativo das emoções como respostas a uma situação e como fruto de escolhas, em vez de associá-las a um mero reflexo ou a uma passividade de meras sensações corporais involuntárias.

As emoções têm sido tratadas recentemente como um fenômeno complexo distinguível em diferentes níveis: biológico, fisiológico, psicológico e filosófico. Embora cada nível de descrição nos forneça uma única perspectiva cognitiva, nós podemos também usar muitas perspectivas cognitivas dentro do mesmo nível de descrição. Contudo, esta tese se concentrou na descrição dos níveis psicofisiológicos, principalmente na descrição dos componentes das emoções; e no nível filosófico, ou seja, a questão das emoções e a escolha.

É importante ressaltar que algumas teorias são mais claras e completas ao esclarecer qual a natureza das emoções, como as teorias de Solomon e de Ben Ze’ev e, por isso, as teorias de Nussbaum e de Goldie aparecem apenas como mais um exemplo de cada uma dessas perspectivas, de modo a mostrar algumas diferenças no modo de compreender o mesmo fenômeno dentro da mesma perspectiva. As primeiras perspectivas, que é a de Solomon e Nussbaum, veem as emoções como julgamentos e as segundas entendem as emoções como um fenômeno complexo.

Pode também parecer estranho para o leitor o fato de não termos tratado da teoria de Simon Blackburn na primeira parte da tese, que compreende o primeiro e segundo capítulos, pois quando tratamos da questão das emoções e da escolha no terceiro capítulo sua teoria é o contraponto à teoria de Solomon. Contudo, a dificuldade surgiu pelo fato de Blackburn concentrar suas discussões no papel das emoções no debate ético e não se preocupar em definir a natureza das emoções. Ele, na verdade, se pauta na teoria de Antonio Damásio, mas como esta adesão é parcial, escolhemos apenas trazer os aspectos que eram pertinentes para o problema das emoções na tomada de decisão que foram apresentados no terceiro capítulo.

Identificamos nos primeiros e segundo capítulos que o papel das emoções na determinação da ação tem sido negligenciado por conta de algumas compreensões equivocadas da natureza das emoções, tais como a ideia de que as emoções são irracionais, passivas, apenas corporais e têm um impacto insignificante nas ações. Deste modo, a pergunta sobre quais são os componentes das emoções e qual a sua natureza ou seus aspectos foi objeto dos dois primeiros capítulos desta tese. No primeiro capítulo as emoções são compreendidas como julgamentos, ou como julgamentos mais sentimentos, e no segundo capítulo as emoções são vistas como um fenômeno complexo constituído de duas dimensões, uma intencional e outra afetiva.

No primeiro capítulo, a primeira seção trata da teoria de Solomon, que pretende unir a ideia de Hume a dos estóicos e a Spinoza, isto é, a ideia de que há paixões calmas e violentas e que o elemento chamado “*arousal*” aponta que podemos ter tanto componentes psicológicos, quanto sintomas fisiológicos como parte delas, contudo, as emoções são julgamentos, muito mais parecidos com pensamentos do que com excitações fisiológicas ou físicas. E, portanto, a principal conexão nas emoções não é com as mudanças fisiológicas, mas intimamente com os julgamentos que a compõem.

O objetivo de Solomon é recolocar as emoções na geografia da mente, salvando-as dos reinos da resposta involuntária, elevando-as ao status de estarem entre as habilidades cognitivas tais como o julgamento, a crença e a percepção. Contudo, diferentemente de outras perspectivas cognitivistas, ao compreender as emoções como julgamentos, estes não são entendidos como atitudes proposicionais. A intencionalidade das emoções exige uma concepção sobre a percepção, bem como uma concepção adequada do modo que nós experienciamos emocionalmente os objetos e principalmente como falamos deles. Assim, Solomon defende que a

“intencionalidade” não é um modo suficientemente claro de marcar uma propriedade especial das emoções ou de outros “atos mentais” que “dizem respeito” a algo.

A relação entre objeto e emoção em sua teoria não é vista como a conexão causal entre uma situação e a reação emocional de um agente a esta situação, pois as causas fisiológicas não são objetos das emoções, uma causa fisiológica é diferente da reação diante de uma situação. A função e a natureza da descrição de um objeto da emoção são independentes da função e da explicação causal desta emoção. O que causa uma emoção é todo o *background* cultural, genético e psicológico do agente, bem como a situação na qual o agente se encontra.

Na teoria de Solomon, a fisiologia desempenha um papel indireto nos sentimentos, como uma parte e parcela das experiências emocionais. Muitas mudanças fisiológicas, incluindo respostas do sistema nervoso autônomo, têm consequências claramente experienciais, sendo que essas mudanças, tais como as batidas do coração, também têm manifestações fenomenológicas que estão envolvidas na experiência emocional. Sendo assim, as emoções não são meramente “sentimentos”, mas são modos de ver, modos de indicar uma experiência de mundo. E essa experiência de mundo só pode ser desapaixonada em casos patológicos, pois os julgamentos que formam uma emoção não podem ser separados de uma emoção.

Os sentimentos estão associados às emoções na teoria de Solomon por meio do que ele chama julgamentos cinestésicos, que compreendem os sentimentos, as sensações ou as percepções de processos que acontecem no corpo. E todos eles são atividades, são julgamentos do corpo e como tais não podem ser esquecidos nas concepções cognitivas das emoções. Sendo assim, ele define as emoções como espontâneas, avaliativo-perceptivas, pré-reflexivas, essencialmente unidas aos desejos e à sua expressão.

Como resposta às críticas feitas a sua teoria que a acusavam de super-intelectualização, isto é, de excluir os sentimentos, Solomon argumenta que uma boa teoria cognitiva das emoções deve incorporar sentimentos, contudo sem diminuí-los a uma análise conceitual ou reduzi-los a manifestações do substrato biológico. Deste modo, ele defende que os julgamentos constitutivos das emoções são corporais, são julgamentos do corpo e não são distintos da cognição. Para ele, uma emoção não é um mero sentimento, principalmente quando eles são interpretados como um conjunto corporal de sensações, como propunha a teoria de James. Toda experiência emocional

tem como causa vários substratos causais processados no cérebro, contudo, o corpo, e não apenas o cérebro, tem um importante papel nas emoções.

Solomon se afasta do emotivismo de Ayer defendendo que os julgamentos éticos são muito mais do que apenas expressões de emoções. As emoções são atos particulares do julgamento e como tais são como uma regra expressa nas ações e não apenas sua expressão na ação. As emoções estão associadas à sua expressão nas ações de um modo não causal, portanto, sua expressão é construída em um sistema de julgamentos que a constitui.

Uma emoção também é mais do que o conteúdo proposicional do julgamento, pois há uma distinção entre o conteúdo proposicional e o ato inteiro. Há inúmeras percepções possíveis e o conteúdo de um julgamento não pode ser separado da ação e do seu contexto. Ao contrário das crenças, que são necessariamente disposições e atitudes proposicionais, uma emoção é, pelo menos em parte, uma experiência e, portanto, não apenas proposicional.

Solomon defende que as emoções são julgamentos normativos e frequentemente julgamentos morais, isto é, uma emoção é um julgamento avaliativo, um julgamento sobre minha situação, sobre mim mesmo ou sobre todas as outras pessoas. As emoções são, e ao mesmo tempo necessariamente envolvem, julgamentos, contudo, uma emoção não é um julgamento sozinho, é um complexo de julgamentos e, muitas vezes, um julgamento sofisticado, tal como os julgamentos morais de responsabilidade presente na vergonha, na raiva e na culpa.

Tanto Solomon como Nussbaum defendem as emoções como julgamentos. Contudo, algumas são as diferenças entre suas teorias. Primeiro, Nussbaum faz questão de ressaltar o aspecto avaliativo das emoções, intitulando sua teoria das emoções de “cognitiva-avaliativa”, na qual desenvolve uma teoria da emoção onde as emoções são julgamentos de valor. Em sua teoria as emoções não estão apenas em uma estreita relação com os julgamentos de valor, como na de Solomon, mas elas são os próprios julgamentos de valor.

Segundo, enquanto Solomon considera a ‘linguagem do pensamento’ muito sofisticada para explicar a extensão do fenômeno emocional, Nussbaum considera o pensamento em seu sentido mais geral e defende as emoções como irrupções do pensamento. O reconhecimento pleno da realidade de algum evento terrível ou maravilhoso é a irrupção, isto é, o julgamento não é um evento que temporariamente precede alguma emoção, ele é a própria irrupção. A irrupção é uma parte da

experiência de como é ter esses pensamentos, de como eles acontecem ao menos na maioria das vezes. Em sua teoria o conteúdo proposicional das emoções é a combinação de diferentes tipos de pensamento, e sua relevância avaliativa e eudaimônica compreende o modo que abraçamos a aparência, o modo que as coisas são. O conteúdo do pensamento não é apenas a aceitação de uma proposição, mas nele está presente a avaliação, a importância da situação para o agente.

Terceiro, diferentemente de Solomon, Nussbaum defende que o ‘objeto’ das emoções é intencional. As emoções têm um objeto e este é o conteúdo intencional, é a ‘*aboutness*’ da emoção, isto é, não diz respeito meramente a esse objeto, mas depende do modo que eu o percebo internamente, como que incorporando meu modo de ver as coisas. A relação entre objeto e emoção em sua teoria não é vista como a conexão causal entre uma situação e a reação emocional de um agente a esta situação, como defende Solomon.

Num quarto aspecto, é importante observar que, além de serem constituídas por julgamentos, as emoções para Nussbaum também são constituídas por sentimentos e movimentos, que são apenas aspectos das emoções para Solomon. Contudo, o julgamento, tal como defende Solomon, é considerado um elemento constitutivo de uma parte das emoções que pode ser causa suficiente dos outros elementos.

De acordo com Nussbaum, os elementos constitutivos da emoção são: um movimento que acontece sem que eu o perceba internamente e que é incorporado ao meu modo de ver as coisas; a capacidade de reconhecer algo como parte da emoção quando eu experiencio uma emoção; a percepção do objeto e sua importância; e o pensamento que está envolvido na emoção.

As emoções são processos corporais, e como toda experiência humana é incorporada e realizada em algum tipo de processo físico, elas podem causar efeitos fisiológicos, mas é difícil dizer que efeitos são consequências e quais deles são realmente parte da própria experiência. Portanto, a experiência da emoção contém mais do que o conteúdo do pensamento avaliativo-eudaimônico, contém ricas e densas percepções dos objetos. A experiência de uma emoção envolve memórias e percepções concretas sobre o objeto.

Finalmente, Nussbaum inclui em sua teoria das emoções a conexão com a imaginação. As emoções são acompanhadas por atos relevantes da imaginação, sendo a imaginação dos eventos diferente de outros julgamentos mais abstratos. Assim, a

experiência da emoção é cognitivamente densa, de modo que uma visão da atitude proposicional não poderia capturar completamente a experiência de uma emoção.

No segundo capítulo tratamos da teoria de Ben Ze'ev, uma teoria que defende que as emoções não são constituídas apenas por julgamentos, mas essencialmente envolvem duas dimensões: uma intencional e outra afetiva. Ben Ze'ev, assim como Nussbaum, defende as emoções como intencionais. Enquanto a explicação de Nussbaum é um pouco difusa, compreendendo a intencionalidade como composta por modos de ver o objeto, crenças e percepção intencional, relacionadas ao valor; Ben claramente estabelece que a dimensão intencional é composta por aspectos cognitivos, avaliativos e motivacionais e nenhum dos três componentes intencionais, nem a dimensão dos sentimentos são uma entidade ou estado separado, ao contrário, a performance das emoções se realiza conjuntamente nas quatro variedades de atividade: conhecer, avaliar, desejar e sentir, sendo todas estas quatro aspectos distintos de uma típica experiência emocional.

De acordo com Ben, os estados mentais em seres humanos são compostos tanto das dimensões intencionais como dos sentimentos, mesmo que a relação entre as duas dimensões variem em tipo e grau para diferentes estados mentais. Isto é, nas emoções ambas as dimensões são centrais, mas na maioria dos estados mentais apenas uma delas é dominante. Enquanto a dimensão intencional domina as capacidades cognitivas da percepção, da memória e do pensamento e podem por isso facilitar a identificação do estado emocional de outra pessoa; a dimensão do sentimento nas emoções, mais do que outros estados mentais, incluem componentes diversos dentro do seu escopo, abrangendo desde sensações corporais e fisiológicas como também avaliações intelectuais, colocando-nos em uma posição melhor do que qualquer outra pessoa para identificar nossas emoções.

Tanto na teoria de Nussbaum como na de Ben, o componente avaliativo é um dos mais importantes para as emoções. Nas duas teorias as emoções são responsáveis por avaliar a “fria” informação apresentada pelo componente cognitivo, em termos das implicações para o bem-estar pessoal. E por isso podemos dizer que por causa das emoções nós não somos nem neutros nem indiferentes, nós avaliamos. As emoções são atitudes avaliativas que envolvem uma instância positiva ou negativa em direção ao objeto e à ação. Por exemplo, uma avaliação emocional positiva de alguém está frequentemente correlacionada a uma disponibilidade de estar com esta pessoa.

Portanto, as emoções envolvem um interesse prático associado à disponibilidade para agir.

Porém, vale ressaltar que o que Ben chama de disponibilidade de agir das emoções não tem um caráter neutro, mas é um tipo de desejo que expressa nossa atitude favorável em direção a um certo curso de ação. Podemos ser indiferentes ou voltarmos todo nosso interesse para algo ou alguém. As emoções expressam nossos valores e atitudes mais profundas, bem como um profundo comprometimento com eles. Assim, podemos dizer que o componente avaliativo das emoções está conectado a um certo tipo de motivação mais do que a um certo tipo de comportamento. Enquanto, nos quereres práticos há uma intenção de executá-los, em meros desejos tal intenção está ausente. Assim, em qualquer desses casos, o componente motivacional das emoções está mais estritamente relacionado à tendência a agir do que ao comportamento real. Por isso, Ben concorda com Aristóteles que a importante conexão entre as emoções e a tendência a agir são o que as tornam uma ferramenta útil para persuadir as pessoas a tomarem um certo curso de ação.

Outra diferença fundamental que Ben esclarece acerca das emoções é a diferença entre sentimentos, humores e emoções, uma vez que a confusão entre eles é um dos fatores principais que levam ao equívoco na compreensão do papel das emoções na moralidade. Em contraste à orientação prática das emoções, o humor envolve uma atividade mais abstrata e menos proposital. Os humores, como o riso e o choro, têm a função de interromper outro comportamento e são associados à resolução de tensões ou de outras situações problemáticas. Contudo, o humor não é uma brincadeira da natureza, ao contrário, a sobrevivência de valores consiste, pelo menos em parte, como contrapeso da forte influência exercida pelas emoções e humores em nosso comportamento. Neste sentido o humor tem um funcionamento semelhante ao da arte, pois ambos se distanciam do ego e dos desejos ao nos incapacitarem de olhar a realidade a partir de uma perspectiva segura e nos possibilitam um olhar um pouco diferente do mundo. Este distanciamento torna possível relaxarmos e enfrentarmos melhor a realidade.

Já os sentimentos são modos de consciência que expressam nosso próprio estado e que não são direcionados a um certo objeto e, portanto, são diferentes das emoções que são intencionais. De acordo com Ben, a vida mental começa – tanto do ponto de vista evolucionário como pessoal – com estados de sentimentos, sendo que ele entende vida como uma sucessão de sensações agradáveis e desagradáveis. E é no

processo evolucionário quando as capacidades intencionais se desenvolvem, quando a dimensão do sentimento normalmente torna-se parte de um estado mental complexo que também inclui a dimensão intencional. O sentimento tem como característica a qualidade de ter dor e prazer associados a ele, bem como outras características variáveis como intensidade, duração e o lugar onde eles ocorrem.

Diferentemente do sentimento, a emoção é um estado complexo que envolve outros componentes, incluindo os sentimentos. Muitas emoções abraçam uma variedade de sentimentos dentro de seu escopo e seu alcance é geralmente restrito a um conjunto particular de sentimentos característicos. Todavia, em qualquer um desses casos, nem todos os sentimentos podem ser unidos a todas as emoções.

Um problema ao diferenciar os sentimentos das emoções é que os sentimentos são frequentemente descritos como tendo um componente avaliativo, isto é, como se a dor envolvesse uma avaliação negativa e o prazer uma avaliação positiva. Mas é importante distinguir entre uma dor complexa e a experiência de prazer de uma qualidade sentida que é um componente desta experiência. A experiência de dor incorpora atitudes afetivas tais como medo, ansiedade e hostilidade, que são componentes intencionais que envolvem uma certa avaliação. Os sentimentos não são intencionais, eles não têm um conteúdo cognitivo descrevendo um certo estado, eles são meramente uma expressão inicial de nosso estado corrente. A dor e o prazer são uma propriedade inerente ao sentimento e essa propriedade não é intencional. Portanto, embora o sentimento seja percebido muitas vezes como carregado de valor, ele não possui um estado intencional inerente a ele com uma certa avaliação.

Muitas teorias das emoções se esforçam em reduzir as emoções a um componente básico ou excluem um certo componente da natureza essencial das emoções. Ben se preocupa em defender uma teoria que contemple todos os componentes presentes nas emoções. E a despeito da prioridade lógica do componente cognitivo sobre o componente avaliativo, o componente avaliativo é o componente mais importante das emoções, pois as emoções são basicamente atitudes avaliativas, mais do que estados cognitivos. Contudo, ao defender que as emoções podem ser distinguidas por seus componentes avaliativos isto não implica reduzir as emoções a este componente. As emoções são estados complexos desenhados em um sutil equilíbrio dos diversos componentes, e a presença do componente avaliativo sozinho – ou de qualquer outro componente – não é suficiente para a geração das emoções.

Porém, a presença de uma correlação geral entre avaliação, motivação e sentimento não é sempre óbvia. Uma razão é a natureza composta e diversa das emoções, outra é que podemos avaliar negativa e positivamente os objetos ou uma situação. Uma atitude emocional complexa inclui tanto elementos negativos como positivos dos componentes de avaliação, motivação e sentimento. Portanto, há situações nas quais uma correlação geral entre todos os componentes positivos e negativos de uma dada emoção parece estar ausente. Pode haver uma situação na qual uma avaliação negativa pode parecer estar relacionada com um componente positivo da motivação e de sentimentos prazerosos. Em tais situações a correlação geral não existe, mas os vários componentes estão erroneamente conectados. De fato, todos os componentes positivos estão relacionados uns com os outros e também com os componentes negativos. Se nós avaliamos positivamente um amor, então esta avaliação está conectada com o sentimento de prazer e o desejo de estar com esta pessoa, mas nós podemos também avaliar negativamente a possibilidade de perder o amado. Esta avaliação está conectada com um sentimento de desprazer e um tipo diferente de atitude motivacional. Ou seja, tanto uma avaliação negativa como positiva são parte da complexa emoção do amor, e em ambas a correlação geral está presente. Contudo, quando nós dizemos que o amor é basicamente uma emoção positiva, nós queremos dizer que a avaliação positiva e seu componente motivacional positivo associado ao sentimento de prazer são mais essenciais ao amor do que os elementos negativos. Portanto, a despeito da frequente presença de elementos conflitantes nas emoções complexas, nós podemos, todavia, caracterizar esses casos tanto negativamente como positivamente, o que torna as emoções ainda mais complexas e não apenas no que diz respeito a seus componentes, mas na compreensão de seu papel em nossas escolhas.

Como a teoria de Ben, Goldie defende uma teoria complexa das emoções que inclui os sentimentos. Ele introduz a idéia de *feeling toward* que não está relacionada a crenças e desejos. Isto é, o que acontece com o estômago não tem nenhuma relação com a crença, mas tem com os sentimentos. É um erro deixar os sentimentos fora da experiência emocional, pois as crenças e desejos podem não envolver nenhum sentimento. Goldie enfatiza que a experiência emocional é mais fundamental do que a crença e o desejo para o elemento intencional das emoções. Esse tipo de elemento intencional envolve sentimentos que são direcionados para os objetos no mundo, eles

são o *feeling toward*. Assim esse elemento é tanto intencional como envolve sentimento.

A principal diferença entre as perspectivas de Nussbaum e Goldie é a noção de narrativa que ele introduz, pois diz respeito à diferença entre as explicações proposicionais e não proposicionais das emoções. Solomon, que também defende uma versão cognitivista e não proposicional das emoções, refere-se às narrativas quando ele fala que as emoções são em grande parte processos de longa duração, como as narrativas presentes em Othello. Na perspectiva proposicional de Nussbaum, a emoção em relação a um mesmo objeto pode mudar, pois há a possibilidade de diferentes julgamentos. Ao contrário, na perspectiva não proposicional de Goldie não é o julgamento que muda, mas a narrativa que vai modificando a relação com o objeto, pois a forma de contar o evento se modifica junto com a narrativa e, assim, altera a emoção.

Tanto no caso de Goldie como no de Solomon, a narrativa tem o papel de possibilitar a compreensão das emoções como um processo duradouro e não apenas um reflexo ou uma reação emocional a certas situações. Como diz Goldie, a narrativa nos ajuda a desenhar de forma inteligível os vários elementos da experiência emocional, capacitando-nos a vê-la como parte de um episódio estruturado e não apenas como um sistema interpretativo. Isto é, não tem a função de apenas nos possibilitar falar sobre a nossa ou a vida de outra pessoa, mas é o que chamamos de vida.

O que pretendemos mostrar com a apresentação de diversas teorias das emoções foi, a princípio, mostrar a complexidade que é compreender o fenômeno emocional e a partir desta complexidade mostrar qual o seu papel na determinação da ação. As emoções tradicionalmente eram pensadas apenas como sensações corporais e por isso carente de conexões seguras com a racionalidade, o que deixava de lado seu conteúdo cognitivo, valorativo e desiderativo. E, portanto, ao tratarmos de teorias que as veem como julgamentos ou como um fenômeno complexo de intencionalidade e sentimento, garantimos uma nova perspectiva para a solução do problema da passividade das emoções. Assim, depois de termos apresentado algumas teorias das emoções que veem as emoções como parte da nossa racionalidade, nosso objetivo no terceiro capítulo foi apresentar diferentes modos de pensar o papel das emoções na determinação da ação.

Ao esclarecemos a natureza das emoções, isto é, que lugar os componentes cognitivos e os sentimentos ocupam na estrutura mental e física do agente, podemos enfatizar o papel ativo das emoções como respostas a uma situação e como frutos de escolhas, em vez de associá-las a um mero reflexo, a uma passividade de meras sensações corporais involuntárias.

O papel das emoções nas tomadas de decisão é fundamental na determinação da ação. No caso descrito por Damásio, o sistema de tomada de decisão entra em colapso porque o agente perde a capacidade ou tem uma má formação em seus afetos emocionais, impossibilitando-o de transformar as considerações deliberativas em ação. Isto é, ele perde a capacidade de associação entre a representação dos aspectos da situação e o acesso estável a sua emoção. Neste caso, as emoções são o resultado de um 'programa de afeto' específico servido pelo sistema límbico do cérebro e, portanto, opera involuntariamente, como um estímulo que pode ou não ser consciente, e transmite uma síndrome de mudanças como resposta.

Blackburn parece apoiar a teoria de Damásio, pois ele destaca a aparente desvantagem da natureza autômata desta operação vantajosa evolucionariamente, pois em alguns casos é mais importante estar preparado para reagir rapidamente a substâncias nocivas ao nosso organismo do que para operar funções cognitivas de *high-order*. Contudo, o sistema não pode operar independente das funções cognitivas de *high-order*.

De acordo com Blackburn, é *interessante* que algumas emoções ou estados emocionais sejam tratados como passivos, embora seja plausível ver uma motivação inconsciente presente em tais estados. Contudo, ele defende que programas básicos de afetos operam mais do que puros reflexos que produzem mudanças estereotipadas no rosto e no corpo. E estados emocionais não são apenas percepções de excitações ou mudanças corporais, ao contrário, eles são dirigidos a objetos. Ele propõe que vejamos que nossos excitações viscerais não são meramente percebidos, mas eles são uma parte de nossas emoções, ao determinarem o que nos atrai e nos repele ou o que nós estamos inclinados ou não a fazer. Nossas emoções não terminam com uma consciência dos estados corporais e viscerais, ao contrário, essas marcas somáticas funcionam como artifícios, elas traduzem o que nós pensamos e deliberamos.

O objetivo de Blackburn é mostrar como as emoções possibilitam ver nossas relações cognitivas com o mundo e nossa capacidade de representá-lo unidas ao mecanismo das emoções e do afeto que se traduz em estímulos e respostas. E,

portanto, ele considera que nossas disposições emocionais e representações agem conjuntamente em direção à ação, e que esta não é possível sem a presença dos dois. Ele sugere que há duas faculdades separadas ou módulos trabalhando em conjunto, isto é, há uma justaposição funcionalmente ativa entre as funções cognitivas e fisiológicas que operam como respostas corporais de prazer e desprazer associadas às emoções. E, portanto, quando o sistema primitivo é disruptivo, o sistema de tomada de decisão *high order* entra em colapso. Isto é, o resultado da ação que o sistema cognitivo pode identificar é marcado somaticamente, e por isso há um consequente mau funcionamento do sistema de tomada de decisão.

Sendo assim, de acordo com a teoria de Blackburn podemos concluir que as emoções desempenham um papel fundamental na tomada de decisão, pois um sistema pode operar relativamente independente das funções cognitivas de *high-order*, mas não pode operar sem as emoções. As emoções são fundamentais como respostas às situações que nos são apresentadas diariamente, isto é, o modo que agimos em cada situação. E as ações éticas surgem como respostas a certas configurações do mundo. Tais respostas são escolhas feitas pelo agente segundo sua sensibilidade ética, perante um sistema de representações dado. O processo de aprendizagem ensina à pessoa como reconhecer as situações relevantes que demandam uma resposta moralmente adequada.

Diferentemente de Blackburn, que trata algumas emoções e estados emocionais como passivos, Solomon defende que as emoções sejam entendidas como *ações*, como uma atividade, e assim podem ser vistas como um problema de escolha. Mas ao defender as emoções como um tipo de atividade ou ação, ele não as vê como ações deliberativas, intencionais, totalmente conscientes ou premeditadas. Assim, não podemos dizer que simplesmente decidimos ter uma emoção, mas podemos decidir fazer um grande número de coisas em uma determinada situação e também podemos nos considerar autores de nossas emoções, refletindo sobre o modo que elas nos afetam e como podemos alterá-las.

Como Blackburn, Solomon defende que não escolhemos e deliberamos sobre nossas respostas emocionais mais imediatas ou respondemos espontaneamente diante de alguma situação inesperada, mas a própria situação nos confronta e, dependendo de nossas habilidades, autoconfiança e experiência prévia, as respostas emocionais e ações serão as nossas respostas a uma determinada situação.

Contudo, nossa vida emocional é sutil e complexa, e ter uma emoção é ter uma experiência que não se restringe a apenas uma resposta emocional. Para Solomon, uma resposta emocional se caracteriza por ter *vida curta* e ser momentânea, assim ele as considera processos e não meros episódios ou disposições, pois neste processo fazemos inúmeras escolhas e temos considerável controle. Nossas respostas a uma situação não são um reflexo, são uma ação, fruto da história de nossos hábitos e de nossas experiências, e por isso somos responsáveis pelo cultivo de certos hábitos.

As emoções são nossos julgamentos garantidos por nossos sentimentos, que são, na verdade, julgamentos sobre nossos modos de olhar para o mundo. Deste modo, a questão sobre a racionalidade ou irracionalidade das emoções, que tanto preocupava os estóicos e muitos outros, era na verdade uma confusão sobre a passividade das emoções. O passivo nas paixões era nada mais do que um indicador sobre o que nós ativamente fazíamos, isto é, como e de acordo com o que nós vivíamos. Os primeiros movimentos eram apenas meros sintomas, modos irracionais de olhar o mundo. Nossas emoções não nos tornam passivos, mas o oposto, pois elas são muitas vezes o *motor* de nosso comportamento e a motivação (escolhida ativamente) da ação significativa. Não somos meros recebedores passivos do que acontece ao nosso redor. As emoções não são meras respostas corporais automáticas, elas são modos de olhar o mundo.

Tanto a proposta de Blackburn como a de Solomon procuram oferecer um sistema integrado entre os sistemas cognitivo, afetivo e emocional. Há algumas diferenças no modo que eles estabelecem ou organizam essas diferenças, o que faz com que possamos olhar o papel das emoções na escolha do agente sob diferentes perspectivas. E a apresentação da proposta de Ben ze'ev tem o mesmo propósito, o de mostrar como podemos determinar o papel das emoções na determinação da ação.

De acordo com Ben é impossível organizar as múltiplas propriedades mentais e neurofisiológicas envolvidas nas emoções em apenas uma corrente causal linear. Na estrutura de uma emoção, alguns eventos são, logicamente, a causa e também o que as precede. No entanto, uma vez que a emoção é completamente manifestada, esses fatores aparecem simultaneamente. O aumento em adrenalina na saída, o sangue que corre e a taxa de respiração não produzem uma entidade mental tal como o medo e, então, desaparecem. Tal mudança fisiológica existe ao mesmo tempo com o estado mental do medo e funciona como uma base de suporte para ele enquanto isto persiste. Assim, considerando que as emoções são estados mentais avançados, é pouco

plausível concebê-las como produtos isolados de um processo fisiológico precedente, principalmente porque elas os sustentam ou são realizadas em tais processos. Uma emoção expressa o estado de um organismo inteiro e apenas uma análise abstrata pode dividir isso em propriedades que são ordinariamente identificadas como do mental ou físico.

De modo a compreender melhor o componente avaliativo, Ben faz uma distinção apropriada dos tipos possíveis de avaliação presentes em uma emoção. São elas: deliberativa e esquemática. Como vimos, as avaliações deliberativas envolvem tipicamente processos lentos e conscientes que estão amplamente sob controle voluntário. As avaliações esquemáticas envolvem respostas espontâneas, dependendo de um sistema avaliativo elementar e tácito. Elas são avaliações tipicamente rápidas, automáticas e com pouca consciência, têm como base estruturas prontas ou esquemas de apreciação já estabelecidos no desenvolvimento evolutivo e pessoal.

Enquanto o processo das avaliações deliberativas normalmente está presente em verbalizações e em informações semânticas e opera de um modo serial e amplamente linear, a atividade esquemática ocorre fora do foco da consciência, podendo usar recursos de mínima atenção, não sendo completamente dependente de informação verbal.

A separação que Ben apresenta entre avaliações deliberativas e esquemáticas tem como vantagem esclarecer primeiramente casos nos quais os dois tipos de avaliações podem se confrontar, como o medo de cachorro. Em seguida, ao considerar as avaliações deliberativas complexas como um fenômeno evolucionário, só que mais recente e que sustenta a deliberação consciente, ele assinala que muitas emoções envolvem mais esquemas do que avaliações deliberativas. E, portanto, podemos concluir que a avaliação deliberativa é um processo preparatório que precede a ação, enquanto um esquema é um princípio ativo de organização que é parte dele.

O interessante da teoria de Ben, ao nos propor a diferenciação entre a natureza deliberativa e esquemática das emoções, é que ela nos capacita a considerar as emoções não apenas como um resultado isolado de uma inferência cognitiva, mas como parte de um processo sem acabamento, em constante possibilidade de alteração. Os pensamentos deliberativos são um preparatório, mais do que desempenham um papel constitutivo das emoções. O pensamento pode preparar o sistema para a ativação das avaliações esquemáticas e pode ser estímulo imediato para a ativação de um padrão avaliativo, mas a avaliação emocional por si mesma não é deliberativa,

pois é isto que dá ao sistema emocional a habilidade de reagir quase que instantaneamente a eventos significativos e ainda ter poder e flexibilizar as capacidades cognitivas complexas e avaliativas.

Esta tese é sobre o papel das emoções na determinação da ação e, como vimos ao longo deste trabalho, as emoções estão relacionadas diretamente à ação, ao modo que vivemos no mundo. E isto é mostrado em nossas atitudes para conosco e para com a sociedade em que vivemos. Elas são expressão de nossas emoções, sejam elas compreendidas como uma composição de aspectos cognitivos ou afetivos, ou como um fenômeno complexo que envolve outros aspectos em sua composição. Nossas reações, respostas e escolhas emocionais mostram o que nós evitamos ou toleramos, ou exigimos de nós mesmos e dos outros. E isto, antes de tudo, mostra quais reações, respostas e escolhas nós temos e fazemos diante do modo como os outros se comportam ou de que modo uma sociedade se comporta.

As ações éticas surgem como respostas a certas configurações do mundo. Tais reações são escolhas feitas pelo agente segundo sua sensibilidade ética, perante um sistema de representações dado. O processo de aprendizagem ensina à pessoa como reconhecer as situações relevantes que demandam uma resposta moralmente adequada e principalmente como escolher suas emoções de acordo com a situação. Esse processo de aprendizagem passa por uma educação das emoções, por um cultivo que está relacionado aos hábitos. Por conseguinte, a moralidade de uma sociedade está vinculada às respostas emocionais que se manifestam naquilo em que ela censura ou tolera.

Compreender a ética a partir do papel que as emoções desempenham na psicologia do agente revela de que modo elas influenciam ou determinam suas atitudes e escolhas. Não falhamos apenas quando nossa capacidade de tomar decisão entra em colapso ou quando não deliberamos corretamente, falhamos quando desconsideramos que agir eticamente é mais uma questão de atividade. São as emoções que nos movem à ação, sua complexidade permite ver nossas relações cognitivas com o mundo por meio de uma parceria entre nossa capacidade de representá-lo e o mecanismo das emoções e dos afetos.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARISTOTELES. *De Anima*, tradução Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

\_\_\_\_\_. *Parva Naturalia*. Tradução W.S. Hett. Cambridge, Massachusetts. Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1995.

ARISTOTLE, *The complete Works of Aristotle: The revised Oxford translation*. Edited by J. Barnes. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1984.

ARPALY, Nomy. *Unprincipled Virtue: an inquiry into moral agency*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BLACKBURN, Simon. *Essays in Quasi-Realism*. New York: Oxford University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Rulling Passions*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

BEDFORD, E.S. "Emotions". *Proceedings of the Aristotelian Society*, 57: 281-304.

BEN-ZE'EV, Aaron. *The Subtlety of Emotions. A Bradford Book*. The MIT Press. Cambridge, Massachusetts. London, England, 2000.

BRENTANO, F. *Psychology from an empirical standpoint*. London: Routledge & Kegan Paul, 1973.

BRINK, D. O. "Moral Motivation". In: *Ethics*, vol. 108, n. 1, oct 1997: 4-32.

CASSIRER, E. *Substance and function*. New York: Dover, 1923.

- COOP, David. *Morality in a Natural World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DAMASIO, A. *Descartes' Error*. New York: Putnam, 1994.
- DANCY, J. *Moral Reasons*. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- DARWAL. *Impartial Reason*. Ithaca, N.Y.: Cornell University Press, 1983.
- DAVIDSON, D. "Hume's Cognitive theory of Pride" In *Journal of Philosophy*, 73, n.19, nov. 4, 1976: 744-757.
- \_\_\_\_\_. *Essays on actions and events*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- DESCARTES, R. "The Passions of the soul" (1649). In J. Cottingham, R. Stoothoff, and D. Murdoch (Trans.), *The philosophical writings of Descartes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- DE SOUSA, R. *The rationality of emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- DEWEY, J. *The theory of emotion*. *Psychological Review*, 1, 1894: 553-569.
- DUNN, Robert. *Values and the reflective Point of view*. Ashgate, 2006.
- EKMAN, P. "Expression and the nature of emotion". In K. Scherer and P. Ekman (Eds.), *Approaches to emotion*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1984.
- ELSTER, J. *Alchemies of the mind: Rationality and the emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

- FRIDJA, Nico. *The Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- GAUS, G.F. *Value and justification*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- GIBBARD, Allan. *Wise Choices, Apt Feelings: A Theory of Normative Judgment*. Oxford University Press, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Thinking how to live*. Harvard University Press, 2003.
- GODDARD, Jean-Christophe. *Le Corps*. Paris: J. Vrin, 2005
- GOLDIE, Peter. *The Emotions: A Philosophical Exploration*. Oxford University Press, 2000.
- GREENSPAN, Patricia S. *Emotions and Reasons: An Inquiry into Emotional Justification*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1988.
- GRIFFITHS, Paul. *What emotions really are*. Chicago, Ill.: University of Chicago press, 1997.
- HUME. *Treatise of Human Nature*, ed. L. A. Selby-Bigge. Oxford: Oxford University Press, 1951.
- JAMES, William. "What is an emotion?" In *Mind*, 1884.
- JEROME, Neu. *A Tear is an Intellectual Thing*. New York: Oxford University Press, 1985.
- JOYCE, R. *The myth of morality*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

- KIM, Jaegwon. *Physicalism or something near enough*. Princeton: Princeton University Press, 2005
- LAZARUS, R.S. *Emotion and adaptation*. New York: Oxford University Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Passion and reason: Making sense of our emotions*. New York: Oxford University Press, 1994.
- LEDOUX, Joseph. *The Emotional Brain: The Mysterious Underpinnings of Emotional Life*. New York: Simon and Schuster, 1996.
- LESSING, Doris. *Love Again*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LYONS, W. *Emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.
- McNAUGHTON David. *Moral Vison*. Oxford: Blackwell, 1988.
- MARZANO, M. *Dictionnaire du corps*. Paris: Quadrige/PUF, 2007.
- MELE. *Irrationality: An Essays on Akrasia, Self-Deception, and Self-Control*. New York: Oxford University Press, 1987.
- \_\_\_\_\_, Alfred. *Motivation and Agency*. Oxford University Press, 2005.
- MELNYK, A. *A Physicalist Manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MILLER, A. *An Introduction to Contemporary Metaethics*. Polity Press, 2003.
- MURPHY, Jeffrey G., and Jean Hampton. *Mercy and Forgiveness*. New York: Cambridge University Press, 1988.

NUSSABAUM, Martha. *The fragility of goodness: luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

\_\_\_\_\_. "Constructing love, desire and care." In M.C. Nussbaum, *Sex and social justice*. New York: Oxford University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Upheavals of Thought: The Intelligence of Emotions*. Cambridge University Press, 2001.

OAKLEY, Justin. *Morality and the emotions*. New York: Routledge, 1992.

OATLEY, K. *Best Laid Schemes: The Psychology of Emotions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OLDS, J. and Milner, P. Positive reinforcement produced by electrical stimulation of septal area and other regions of the rat brain. In *Journal of Comparative and Physiological Psychology*, 47, 1954: 419-428.

PARFIT, Derek and Broome, John. *Reason and motivation*. In *The Aristotelian Society*, 77, 1997: 99-130.

PITCHER, G. "Emotion". In: *Mind* 74, 1965: 326-46.

PLATTS, M. *Ways of meaning*. London: Routledge, 1979.

PRINZ, Jesse. Emotions Embodied. In Solomon (ed.) *Thinking about Feeling*. New York: OUP, 2003.

RAILTON, I.P. *Alienation, consequentialism and the demands of morality*. *Philosophy and Public Affairs*, 13, 1984: 134-171.

- REID, T. "Essays on the active powers of man." In *Philosophical Works*. Edited by W. Hamilton. Hildesheim, Germany: Georg Olms, 1967.
- REISENZEIN, R. "Emotional action generation." In W. Battmann and S. Dutke (Eds.), *Process of the molar regulation of behaviour*. Lengerich, Germany: Pabst Science, 1996.
- ROBINSON, Jenefer. "Startle." In *Journal of Philosophy*, 92, February, 1995: 53-74.
- ROSEMAN, I.J. "Appraisal determinants of discrete emotions." In *Cognition and Emotion*, 5, 1991:161-200.
- RYLE, G. *The concept of mind*. London: Hutchinson, 1949.
- SEARLE, John. *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*, 1983.
- SCANLON, T. *What We Owe to Each Other*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1998.
- SCHACHTEL, Ernest. *Metamorphosis*. New York: Da Capo Press, 1984.
- SHAFFER, Jerome. "An Assessment of Emotion". In: Myer and Irani, eds., *Emotion: Philosophical Studies*. New York: Haven, 1983.
- SHAFER-LANDAU, Russ. *Metaethics*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- SHERMAN, N. "The emotions." In W. Reich (Ed.), *Encyclopedia of bioethics*. New York: Macmillan, 1995: 664-671.

SMITH, M. *Ethics and the A Priori: selects essays on moral psychology and meta-ethics*. Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_. *The moral problem*. Oxford: Blackwell, 1994.

SCHROEDER, Mark. *Slaves of the Passions*. Oxford University Press, 2007.

SOLOMON, R. "Nothing to be Proud of", at Bowling Green Applied Philosophy Conference, publicado em *Understanding Human Emotions*. Bowling Green University Press, 1979.

\_\_\_\_\_. *The Passions: Emotions and the Meaning of life*. Hackett Publishing, 1993.

\_\_\_\_\_. R. *Not Passion's Slave: Emotion and Choice*. New York: Oxford University Press, 2003.

STOCKER, Michael. "The Schizophrenia of Modern Ethical Theories." *Journal of Philosophy*, 73, 1973: 453-466.

\_\_\_\_\_. *O valor das emoções*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Palas Athena, 2002.

WILLIAMS, Bernard. *Ethics and the limits of Philosophy*. London: Fontana, 1985.

\_\_\_\_\_. *Moral Luck*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

\_\_\_\_\_. *Problems of the Self*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

WILSON, J. R. S. *Emotion and Object*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Trans. G.E.M. Anscombe.  
Oxford: Blackwell, 1956.

YOUNG, Charles. Review of Sarah Broadie, 'Ethics with Aristotle'. In *Journal of the History of Philosophy*, 31, 1993: 625-627.

YASUO, Yuasa. *The Body: toward an Eastern Mind-Body Theory*. State University of New York Press, 1987.

ZINGANO, Marcos. *Razão e sensação em Aristóteles*. Porto Alegre, 1998.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)